



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Flaviane Coutinho Neves Americano Rego

**Inserção profissional docente: narrativas de professores iniciantes e experientes da Educação Básica do Município de Maricá - RJ**

São Gonçalo

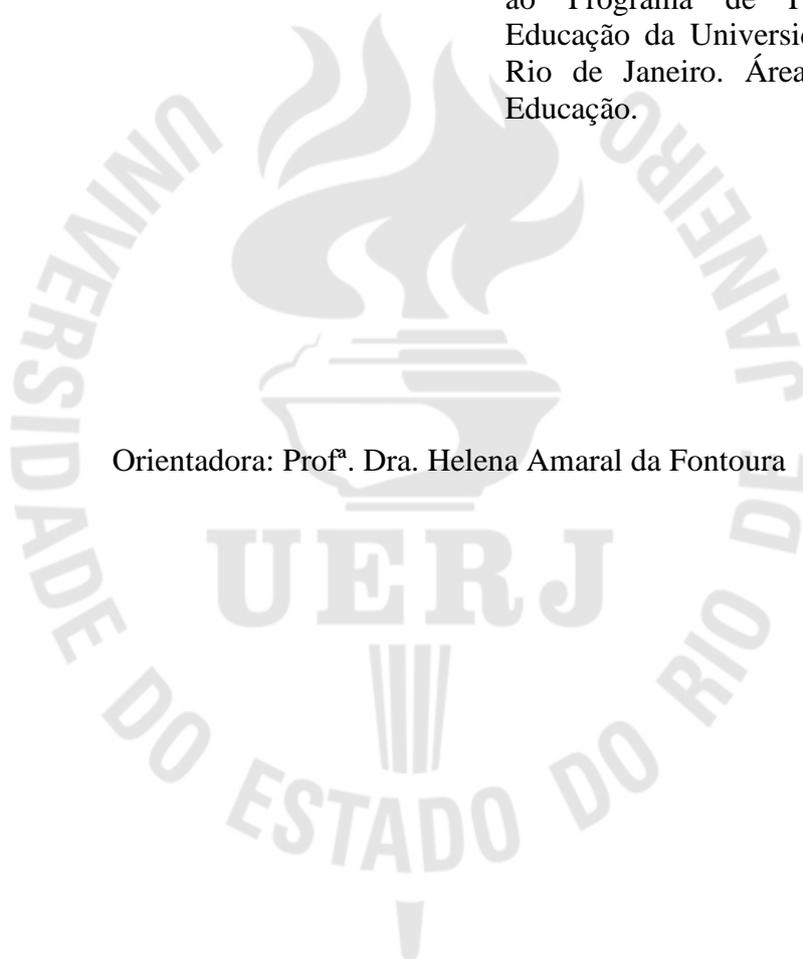
2021

Flaviane Coutinho Neves Americano Rego

**Inserção profissional docente: narrativas de professores iniciantes e experientes da  
Educação Básica do Município de Maricá - RJ**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Helena Amaral da Fontoura



São Gonçalo

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

R343 Rego, Flaviane Coutinho Neves Americano.  
Inserção profissional docente: narrativas de professores iniciantes e experientes da Educação Básica do Município de Maricá - RJ / Flaviane Coutinho Neves Americano Rego. – 2021.  
113f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Helena Amaral da Fontoura.  
Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Professores – Formação – Teses. 2. Ensino fundamental – Maricá (RJ) – Teses. 3. Professores – Narrativas pessoais – Teses. I. Fontoura, Helena Amaral da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 371.13

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Flaviane Coutinho Neves Americano Rego

**Inserção profissional docente: narrativas de professores iniciantes e experientes da  
Educação Básica do Município de Maricá - RJ**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Aprovada em 25 de maio de 2021.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Helena Amaral da Fontoura (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Mercedes Jiménez Narváez  
Universidad de Antioquia Colombia

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Gianine Maria de Souza Pierro  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança  
Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2021

## DEDICATÓRIA

À minha querida e saudosa avó materna Lúcia (In memoriam) que me motivou a estudar, mesmo tendo sido desprovida da educação institucional. Ela que, sendo uma mulher de fibra, me inspirou a batalhar pelos meus sonhos.

Em especial, dedico este trabalho ao meu amado esposo Israel, que foi o meu alicerce nos momentos mais difíceis deste processo. Ele que acreditou em mim quando por vezes eu mesma não acreditei, que segurou na minha mão e sempre esteve ao meu lado nesta caminhada de vida e formação. Que sonhou comigo o sonho e a realização do Mestrado.

Aos meus pais Nelci e Flávio por terem me gerado.

Aos meus irmãos, Ayrton, Flávio, Graciele, Flávia, Sandro (In Memoriam) e Domingos.

Aos meus familiares que estiveram comigo nesta tão sonhada trajetória de vida.

Aos meus eternos e queridos professores com os quais pude me encantar e apaixonar pela profissão docente. A todos aqueles que passaram pelo meu caminho de formação e deixaram um pouco de si.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, princípio e autor da vida, por ter me concedido o dom da vida e saúde para chegar até aqui e realizar este sonho.

À minha Mãezinha do céu, a Santíssima Virgem Maria, à qual eu recorri inúmeras vezes durante esta produção.

Ao meu amado esposo Israel Americano que foi meu parceiro em todos os momentos da vida e não foi diferente durante o processo desta pesquisa. Foi meu apoio, incentivo e sonhou comigo este sonho.

À minha sogra Donzília que é uma mãe e que vivenciou este processo bem de perto.

Aos meus pais Nelci e Flávio que me geraram e que estiveram mais próximos de mim neste processo. Vocês fazem parte do meu crescimento pessoal e educacional.

Aos meus familiares que acompanharam este percurso e que de alguma maneira colaboraram para esta conquista, em especial Andréa Patrícia, Paulo, Arthur, Luma e Patrícia Villela.

Às minhas queridas mães de coração, que Deus me presenteou: Nireide, Maria Eduarda, Helen e Rita de Cássia!

À querida Professora Helena Amaral da Fontoura, minha Orientadora, que acreditou em mim e no meu trabalho. Obrigada por ser uma incentivadora de sonhos, pela parceria que favoreceu a (re)descoberta de mim! Seu olhar sensível e atencioso, sua paciência e comprometimento com a educação, sobretudo com a formação de professores, foram significativos para que eu pudesse tecer este estudo. Obrigada, também, pelo seu rigor acadêmico que motivou minha caminhada e o meu desenvolvimento enquanto pessoa e pesquisadora.

À querida Professora Gianine Maria de Souza Pierro, pela generosidade que me propiciou, ainda na graduação, viver caminhos e experiências que me moveram para esta pesquisa.

À querida Professora Inês Ferreira de Souza Bragança, pela leitura atenta e zelosa deste trabalho e por suas contribuições que colaboraram para que os elementos desta tessitura pudessem se harmonizar.

À querida Professora Maria Mercedes Jiménez Narváez, pela disponibilidade em participar desta banca.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelo apoio e incentivo à pesquisa, pela bolsa de Mestrado concedida.

A toda equipe da Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra, em especial a equipe diretiva (Simone Reis, Jane de Brito e Stella Maia) que me recebeu nesse ambiente para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida.

Aos Professores Michele, Ana Lúcia, Mariana, Renato e Aluan, colaboradores desta pesquisa, por compartilharem seus percursos de vida, formação e de inserção profissional docente que possibilitaram reflexão e construção. Obrigada por me permitirem ouvir e compreender o lugar de fala de cada um (a).

Ao grupo de Pesquisa Formação de Professores, Processos e Práticas Pedagógicas da FFP-UERJ, do qual faço parte, que me acolheu e dividiu comigo alegrias, desafios, sonhos e a vontade de continuar a trajetória educacional, acreditando que é possível construir práticas outras que potencializem o entendimento do professor como um sujeito de conhecimento, mas, sobretudo, um sujeito social e histórico.

À querida prima, que é uma irmã, Ana Paula Oppenheimer, que faz parte desta linda trajetória; pessoa de coração lindo que me sustentou inúmeras vezes durante a vida.

À querida amiga Pauliane Belga, presente lindo que, como costume dizer, ganhei da UERJ, da graduação para a vida!

À querida amiga Alessandra Martins, companheira da turma de Mestrado do ano de 2019, pela amizade construída e pelas incontáveis conversas e conselhos para a vida.

Ao querido amigo Luciano, companheiro da turma de Mestrado de 2019, que me apoiou e me ouviu nos meus momentos mais conflituosos.

Às queridas amigas Ana Paula de Santana, Victória Guilherme e Nathália Botelho, pela sensibilidade, pelas palavras e gestos de encorajamento que me fortaleceram no processo.

À querida amiga Laís Lemos que, inúmeras vezes, acolheu meus desassossegos da vida e da academia e que, com palavras afetuosas, me acalmava o coração.

À querida Clarissa Quintanilha, pela acolhida, colaboração e generosidade.

À querida amiga Bianca Abreu, com quem tive o privilégio de criar uma linda parceria durante este percurso.

Ao querido amigo Alcedino (In Memoriam), companheiro da turma de Mestrado de 2019, que se despediu deste plano terrestre. Obrigada pelo seu sorriso acolhedor e por todos os momentos que compartilhamos juntos!

Aos colegas de Mestrado da turma de 2019, pelas experiências, afetos e saberes compartilhados.

Ao corpo docente do PPGEDU/FFP-UERJ por favorecer o aprendizado de forma dialógica, característica imprescindível para as relações humanas, propiciando a evolução pessoal e profissional.

Ao querido Professor Everardo Paiva de Andrade, pessoa incrível que eu pude conhecer e conviver, ao cursar uma disciplina eletiva, lecionada por ele na UFF, que contribuiu com a realização deste processo.

Aos queridos professores que fizeram parte do meu percurso formativo e que contribuíram na minha construção pessoal, acadêmica e profissional. Obrigada pelo apoio, incentivo, dedicação, pelo exemplo, pelos saberes partilhados. Gratidão por terem passado pela minha vida, deixando assim um pedacinho de si. Vocês foram fonte de inspiração para que eu desejasse me tornar professora e no magistério permanecesse. Vocês fazem parte desta ascensão educacional: Vanda, Ilson, Vanderléa, Sandra Brum, Sandra Gomes, Hilma, Maria Luisete, Joelma, Mônica, Lívia e Rose (In Memoriam).

Minha gratidão também aos professores do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, que me fizeram acreditar na educação pública de qualidade para todos e que é possível formar professores para exercer a profissão em prol de uma educação emancipatória.

À Professora Bruna Molisani, que se colocou disponível para ouvir minhas inquietações e me orientar, ao iniciar no magistério, porque a proposta da escola dialogava com o que a Professora Bruna entendia e vivia a Educação Infantil. Seu gesto de acolhida e ajuda naquele momento contribuiu para que eu fosse aos poucos me sentindo capaz de lecionar.

À equipe da creche escola Sabb, em especial a Diretora Maria de Lourdes que abriu as portas da escola para a minha inserção e socialização profissional docente. Gratidão por ter me acolhido e por ter me permitido experienciar o primeiro ano da docência de forma tão generosa e singular.

Nada te perturbe, Nada te espante,  
Tudo passa, Deus não muda,  
A paciência tudo alcança;  
Quem a Deus tem, Nada lhe falta:  
Só Deus basta.

Eleva o pensamento, Ao céu sobe,  
Por nada te angusties, Nada te perturbe.  
A Jesus Cristo segue, Com grande entrega,  
E, venha o que vier, Nada te espante.  
Vês a glória do mundo? É glória vã;  
Nada tem de estável, Tudo passa.

Deseje às coisas celestes, Que sempre duram;  
Fiel e rico em promessas, Deus não muda.  
Ama-o como merece, Bondade Imensa;  
Quem a Deus tem, Mesmo que passe por  
momentos difíceis;  
Sendo Deus o seu tesouro, Nada lhe falta.

**SÓ DEUS BASTA!**

*Santa Tereza D'Ávila*

## RESUMO

REGO, Flaviane Coutinho Neves Americano. *Inserção profissional docente: narrativas de professores iniciantes e experientes da Educação Básica do Município de Maricá – RJ*. 2021. 113f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

A proposta deste trabalho é pesquisar os processos formativos nas relações que se dão dentro e fora da escola no fazer-se e firmar-se professor. O estudo tem o objetivo de investigar os processos de inserção e socialização profissional docente dos professores quando iniciantes de uma escola da Educação Básica do Município de Maricá. Para costurar este trabalho, desfrutei da colaboração de cinco professores (três professoras e dois professores), da Educação Básica de uma escola municipal de Maricá, RJ. Destes colaboradores, duas professoras são experientes e atuam no ensino fundamental I e três professores são iniciantes e lecionam no ensino fundamental II. À luz de Josso, a pesquisa foi fundamentada pelo conceito de experiência e como as experiências vivenciadas na prática docente contribuíram na inserção e socialização profissional. Tendo em vista que a profissão professor vai sendo construída desde os primeiros anos da vida escolar, antes mesmo de ingressar no curso específico, entendemos que, por meio do dispositivo metodológico das narrativas e através das reflexões, os professores, quando iniciantes, poderão resgatar os processos formativos que os ajudaram na construção de si e do compor-se professores. Os autores que dão suporte teórico a este trabalho são: Nóvoa, Josso, Delory-Momberger. As narrativas constituem uma relação afetiva com a formação, pois, na medida em que os professores narram suas histórias de vida e formação, participam do processo de falar de si e do que os constitui, sendo possível repensar a trajetória de vida e formação, a reflexão das práticas e da atuação docente em um movimento de transformação. Como proposta de análise de dados qualitativos obtidos nas narrativas, desenvolvemos a Tematização para o diálogo entre os achados da pesquisa e os referenciais teóricos. As principais contribuições deste estudo foram a compreensão dos processos de formação e a aparição do ser-sujeito de formação em seus diversos registros, psicossomáticos, sociológicos, emocionais, culturais e políticos.

Palavras-chave: Desenvolvimento profissional docente. Narrativas. Memórias de professores iniciantes. Ensino fundamental.

## ABSTRACT

REGO, Flaviane Coutinho Neves Americano. *Teaching professional insertion: narratives of beginning and experienced teachers of basic education of the Municipality of Maricá – RJ*. 2021. 113f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

The purpose of this work is to research the formative processes in the relationships that take place inside and outside the school in establishing themselves as a teacher. The study aims to investigate the processes of insertion and professional socialization of teachers when beginners and a school of basic education of the Municipality of Maricá. To weave this work, I enjoyed the collaboration of five teachers (three female teachers and two male teachers) in basic education of a municipal school in Maricá, RJ. Of these collaborators, two teachers are experienced and work in elementary school I and three teachers are beginners and teach in elementary school II. In the light of Josso, the research was based on the concept of experience and how the experiences in teaching practice contributed to the insertion and their professional socialization. Considering that the teaching profession is built during the first years of school life, even before entering the specific course, we understand that through the methodological device of narratives and through reflections, teachers when beginners can rescue the formative processes that helped them in the construction of themselves and the composition of teachers. The authors who give theoretical support to this work are: Nóvoa, Josso, Delory-Momberger. Narratives constitute an affective relationship with formation, because to the extent that teachers narrate their life and formation stories, they participate in the process of speaking of themselves and what constitutes them. Doing so, is possible to rethink the trajectory of life and formation, the reflection of teaching practices and action in a movement of transformation. As a proposal for the analysis of qualitative data obtained in the narratives, we developed Thematization for the dialogue between the research findings and the theoretical references. The main contributions of this study were the understanding of the formation processes and the role of self-being of formation in its various records, psychosomatic, sociological, emotional, cultural and political.

Keywords: Teacher Professional Development. Narratives. memories of beginning teachers.

Elementary school.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Avó Lúcia - uma formadora para a vida .....      | 21 |
| Figura 2 - Entrega do certificado de conclusão .....        | 22 |
| Figura 3 - Juramento da formatura de jardim .....           | 23 |
| Figura 4 - Formatura da classe .....                        | 23 |
| Figura 5 - Trechos do meu diário de campo – pibid .....     | 26 |
| Figura 6 - Primeiro dia como professora .....               | 32 |
| Figura 7 - Apresentação da letra b/b .....                  | 33 |
| Figura 8 - Apresentação da letra f/f .....                  | 33 |
| Figura 9 - Apresentação da letras d/d .....                 | 35 |
| Figura 10 - Trabalhando os sentidos .....                   | 35 |
| Figura 11 - Quadro de vogais ilustrado pelas crianças ..... | 35 |
| Figura 12 - Alfabeto ilustrado pelas crianças .....         | 37 |
| Figura 13 - Apresentação da cantiga .....                   | 37 |
| Figura 14 - Cartaz e flores confeccionados .....            | 39 |
| Figura 15 - Fachada da escola em 2019 .....                 | 60 |
| Figura 16 - Fachada da escola em 2020 .....                 | 61 |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| Quadro 1 - Os saberes dos professores .....               | 44 |
| Quadro 2 - Ideb 2019 .....                                | 57 |
| Quadro 3 - Afinal, o que é a Tematização? (Continua)..... | 85 |

## LISTA DE SIGLAS

|          |  |
|----------|--|
| ANDE     | Associação Nacional de Educação  |
| ANFOPE   | Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação                  |
| ANPEd    | Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação                      |
| CAPES    | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior                     |
| CEDERJ   | Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro                       |
| CEDES    | Centro de Estudos Educação e Sociedade   |
| CECMS    | Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares                                       |
| CONARCFE | Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador             |
| ENEM     | Exame Nacional do Ensino Médio   |
| FAPERJ   | Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro          |
| FFP/UERJ | Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro |
| INEP     | Instituto Nacional de Pesquisa   |
| IPPUR    | Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional                           |
| PIBIC    | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica                         |
| PIBID    | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência                         |
| SEMIC    | Semana de Iniciação Científica   |
| UERJ     | Universidade do Estado do Rio de Janeiro   |
| UFBA     | Universidade Federal da Bahia  |
| UFF      | Universidade Federal Fluminense  |
| UFRJ     | Universidade Federal do Rio de Janeiro   |
| USS      | Universidade Severino Sombra   |

## SUMÁRIO

|          |   |            |
|----------|---|------------|
|          | <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>14</b>  |
| <b>1</b> | <b>INICIANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>  | <b>17</b>  |
| 1.1      | <b>Memórias das experiências que me constituíram na vida e na docência .....</b>                | <b>20</b>  |
| 1.2      | <b>Retratos de uma professora iniciante: pesquisa-formação e experiências na docência .....</b> | <b>29</b>  |
| <b>2</b> | <b>AUTORES COM QUEM DIALOGAMOS .....</b>  | <b>41</b>  |
| 2.1      | <b>Formação de Professores .....</b>  | <b>41</b>  |
| 2.2      | <b>Ciclos da carreira profissional docente .....</b>  | <b>46</b>  |
| 2.3      | <b>Professor iniciante .....</b>  | <b>49</b>  |
| 2.4      | <b>O que encontramos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES .....</b>                        | <b>50</b>  |
| <b>3</b> | <b>CAMINHOS DA PESQUISA EM MOVIMENTO .....</b>  | <b>52</b>  |
| 3.1      | <b>Abordagem metodológica .....</b>   | <b>52</b>  |
| 3.2      | <b>Cenário da educação de Maricá .....</b>  | <b>56</b>  |
| 3.3      | <b>Conhecendo o local e os colaboradores da pesquisa .....</b>                                  | <b>59</b>  |
| 3.4      | <b>Encontros, narrativas e processos de inserção e socialização profissional ..</b>             | <b>63</b>  |
| 3.5      | <b>Análise e interpretação das narrativas com a Tematização .....</b>                           | <b>85</b>  |
|          | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>98</b>  |
|          | <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>108</b> |
|          | <b>APÊNDICE A – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido .....</b>                  | <b>113</b> |

## INTRODUÇÃO

A vida é um fio, a memória é seu novelo. Enrolo –  
no novelo da memória – o vivido e o sonhado.

*Bartolomeu Campos de Queirós*

A inspiração para este trabalho tem sua base nos processos que aconteceram durante o meu percurso de formação pessoal, acadêmica e profissional. Ainda se justifica pelo fato de que este trabalho irá se dedicar aos estudos voltados às narrativas de professores em seu início de carreira e a questões relacionadas à aproximação da reflexão e do discurso sobre a formação docente, assim como as implicações das experiências e práticas docentes no fazer-se professor nesta fase tão particular e importante da carreira docente que é o ingresso na profissão.

Corroborando com o exposto, Bragança (2012) destaca que:

Assim, a reflexão é uma travessia fundamental para as histórias de vida no campo da formação, é um olhar para dentro, um revisitar da vida em suas múltiplas relações, tanto para análise dos percursos pessoais como profissionais. Trata-se da reflexividade crítica, como autoanálise que repercute na compreensão das concepções que temos, das influências que sofremos, podendo, nesse sentido, ser geradora de conscientização, de um ressignificar do vivido. Na formação de professores, esse ressignificar assume um carácter emancipatório, articulando dimensões ontológicas, pedagógicas e políticas, ou seja, um carácter instituinte de formas pessoais, profissionais e sociais de estar no mundo e com as pessoas. (BRAGANÇA, 2012, p.89)

Considerando a escola como um ambiente rico de acontecimentos e das mais variadas vivências, buscaremos compreender como as experiências vivenciadas pelos professores, enquanto estreates, contribuiram neste período inicial da docência. Esse movimento terá como princípio o conceito de experiência exposto por Josso (2010), que considera que experiências são as vivências particulares dos sujeitos e, à medida que somos capazes de refletir sobre o que se passou e sobre o que foi observado, tais vivências atingem o status de experiências, ou seja, quando há transformação. A autora também utiliza o conceito de experiências formadoras do sujeito e da profissão como aquelas que são significativas e que orientam a construção da narrativa, a saber: como foi a formação? Como se formou?

O sujeito que narra sua história de vida é um sujeito histórico, portanto não cabe separar esse sujeito do seu percurso narrativo que atravessa os mais diversos contextos, a saber, o social, político, econômico, cultural.

De acordo com Goodson (2000):

As experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do eu. De acordo com o “quanto” investimos o nosso ‘eu’ no nosso ensino, na nossa experiência e no nosso ambiente sociocultural, assim concebemos a nossa prática. (GOODSON, 2000, p.71-72)

Ao contar sua história, esse indivíduo pode passar por transformações e ser capaz de construir uma narrativa que não estava dada nem pronta. Desta maneira, a narrativa tem como possibilidade a mobilização de produção de conhecimento capaz de surpreender o outro e a si mesmo (a). Como esse sujeito é constituído no presente e como faz uma projeção da sua constituição no futuro está intimamente ligado às marcas pessoais e sociais; conseqüentemente, tal movimento ocasiona um deslocamento a partir da tomada de posição em relação aos fatos vividos, o que propõe uma metamorfose de vida e de comportamento.

As narrativas sugerem um aprofundamento do eu, visto que para contar histórias de vida ao outro é preciso primeiramente conhecer a si próprio e entender de que lugar o indivíduo fala.

Quando proponho desenvolver o conceito de experiência à luz de Josso (2010), assumo que as experiências profissionais docentes ultrapassam o tempo cronológico que o (a) professor (a) possui de carreira, como habitualmente é difundido. Sendo assim, o (a) educador (a) habita um território rico de possibilidades em experiências, que é a escola, desde que esteja disposto (a) para este florescimento. Portanto caracterizo a experiência de cada um como resultado de um processo que o sujeito fez daquilo que fizeram dele/dela e com ele/ela, cabendo ao indivíduo a escolha da reação.

Em vista disso, o (a) professor (a) vai sendo formado nos mais diversos espaços em sua trajetória de vida e, para que alcance o objetivo de lecionar, é preciso que os professores, sobretudo os professores que estão iniciando sua profissão, atuem em espaços dispostos a fortalecer os laços da docência. Esses professores precisam trilhar por caminhos que potencializem a escolha pela profissão, tanto quanto sua permanência nela.

O verbo formar e os mais diversos aspectos de formação vão compor esta pesquisa. Desta forma, desejo construir esta dissertação em um lugar que faz sentido para minha própria formação enquanto sujeito e profissional, uma escola municipal que fez parte do meu percurso formativo. Retorno a esta escola como pesquisadora com o objetivo de trazer as

narrativas de formação, as experiências e práticas dos professores quando iniciantes e suas contribuições para a produção do conhecimento.

Segundo Josso (2010), a experiência implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural, isto é, ela comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais, o que nos faz acreditar que das experiências provém trans-formações. Esses momentos trans (formativos), que a autora chama de momentos charneira (JOSSO, 2010), são aqueles acontecimentos que funcionam como um divisor de águas na vida do sujeito, fazendo com que seja capaz de agir mediante a situação vivida. Deste modo, aposto na escola como um espaço formativo e como um lugar possível de (trans)formação além da ação, e também por entender esse ambiente como lugar privilegiado de memórias, sentidos e significados e ressignificados.

Percebe-se que é preciso romper com algumas questões epistemológicas para trabalhar com narrativas, principalmente, porque tal trabalho requer sensibilidade e escritas outras, que necessitam de um pouco mais de importância na hora de fazer ciência. Contudo é necessário destacar a relevância da pesquisa narrativa, a que rompe com os paradigmas das investigações e propõe outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação, oportunizando o lugar de fala e escuta dos/com os professores.

De acordo com Passeggi (2016):

[...] enquanto não se conceber os professores como um adulto em formação, uma pessoa plena de experiências, com capacidade para refletir sobre si, e que tem muito mais para nos contar sobre a escola do que a produção científica atual dispõe sobre o tema, não se avançará, suficientemente, quanto à compreensão das relações que se estabelecem entre formandos e seu processo de formação. (PASSEGGI, 2016, p.68)

A trajetória das práticas e do pensamento acerca da formação docente tem passado por constantes transformações ao longo dos anos, porém ainda se faz necessário um olhar mais sensível e uma tomada de posição por parte dos profissionais da educação para que haja um movimento de parceria que seja possível promover o crescimento profissional docente.

Em seguida, descrevo os caminhos da pesquisa, a escolha pela escola na qual a pesquisa foi desenvolvida, assim como a opção de trabalhar com as narrativas dos professores enquanto iniciantes.

## 1 INICIANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

Me movo como educador, porque primeiro, me movo como gente.

*Paulo Freire*

Esta pesquisa foi construída em uma escola da rede municipal de Maricá e tem como foco os processos de inserção e socialização profissional dos professores iniciantes e suas implicações na construção de si enquanto sujeito social e profissional.

A escola escolhida é a Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra, localizada na Praça Ana Ferreira, nº1, Barra de Maricá – Maricá/RJ. Essa escolha está intimamente ligada ao meu processo formativo, iniciado no chão desta escola e que durou 12 anos. Entendo que retornar à instituição como professora-pesquisadora pode proporcionar uma forma de gratidão e devolução por tudo o que vivi, aprendi e construí ao habitar esse lugar de construção de conhecimento por tanto tempo. Acredito que um dos grandes desafios desta pesquisa tenha sido lançar um olhar de estranheza e principalmente construir uma boa aproximação com o *locus* da pesquisa.

Busco contextualizar o atual cenário da educação no Município de Maricá, seus investimentos e avanços que costuram esta produção. Com base nas pesquisas realizadas no site da transparência do Município de Maricá, é possível perceber o progresso pelo qual o município passou nos últimos anos em decorrência da exploração petrolífera, já que Maricá se tornou a principal porta de saída de petróleo da Bacia de Santos e por isso a cidade vem se destacado e ganhando cada vez mais visibilidade, inclusive na esfera internacional.

Os processos de formação atravessar-nos-ão e será possível recorrer às representações e compreensões que fomos construindo sobre docência e sobre ser professor ao longo da nossa experiência como aluno, porque a figura do professor é construída socialmente e historicamente. Pensar a formação de professores nessa perspectiva torna possível a reflexão de si enquanto sujeito e da profissão em sua atuação docente.

De acordo com Bragança (2008), a narração das histórias de vida vem como movimento propriamente humano de contar histórias e ressignificar experiências do passado que vão se desdobrando em projetos de futuro. Exemplo disso são as memórias de família, histórias que perpassam gerações como ‘herança’ para que não se percam no tempo. Quando,

no presente, nos reunimos em família e contamos o que vivemos e revisitamos o passado, seja pela memória ou pela fotografia, estamos desenhando uma pretensão de futuro em que seja possível que tais narrativas permeiem a futura geração, para que tais lembranças não sejam esquecidas, desta forma sendo ressignificadas em seus contextos.

Sendo assim, escolhi três professores iniciantes e duas professoras experientes para compor esta pesquisa e narrar suas memórias das experiências de inserção e socialização profissional docente; o que diferencia é que três professores estão efetivamente vivenciando o período inicial da profissão docente e duas professoras já vivenciaram tal período. Além dos três professores iniciantes, elegi também as professoras experientes por compreender a importância da pesquisa-formação na vida profissional de duas professoras que trabalham há anos na escola e por expressarem pertencimento à comunidade escolar. Considerei que a pesquisa proporcionaria momentos de partilhas de experiências e aprendizagens entre os pares que, apesar de trabalharem no mesmo ambiente escolar, atuam em segmentos diferentes.

Bragança (2012) salienta que:

É por meio da reflexão que professores e professoras narram e problematizam sua sócio-história de vida. As abordagens de pesquisa-formação não buscam na narrativa um ato mecânico ou descritivo, mas, em outra perspectiva, a recriação do passado e a construção do futuro, por meio de um voltar à origem, de um inventário das experiências fundadoras. (BRAGANÇA, 2012, p. 89)

Cabe destacar que ao denominar professores experientes na pesquisa significa dizer que estes possuem mais tempo de caminhada na profissão docente e os professores iniciantes iniciando esta jornada. Assim, entendemos que os professores iniciantes também possuem experiências da profissão docente. Uma vez que dialogamos com o conceito de experiência de Josso (2010) no qual o sujeito transforma a si, transforma suas práticas e transforma o mundo.

Dos cinco colaboradores, quatro vivenciaram a inserção e a socialização profissional docente na escola em que a pesquisa aconteceu, por isso também a ideia de reunir as memórias de professores iniciantes e experientes para que pudessem compor a escrita deste trabalho.

Como visto em Rego (2017), a arte de narrar faz parte do nosso dia a dia, nos mais diversos espaços em que estamos inseridos, seja dentro ou fora da escola, e torna-se essencial para a escrita individual e coletiva, sobre o que se descobre e se aprende. Nestas produções cotidianas, as narrativas são ferramentas importantes para a ação de refletir, pois, no processo de falar/escrever sobre si, as experiências dos campos afetivo, cognitivo e sociocultural vão se aprimorando. Somos repletos das marcas que trazemos ao longo de nossa história de vida, que

nos constituem ser quem somos através das constantes memórias e experiências em nossa existência.

Segundo Pierro (2015),

A narrativa é ponto central na comunicação entre os seres humanos, quando falam do que se passa e dão sentido a seu mundo usando a linguagem e padrões que são compartilhadas pelos outros para serem entendidos. Tomar as narrativas como objeto de reflexão é acreditar que, no âmbito da educação, elas compõem um método de construção do conhecimento que fundamentam a reflexão. Essa noção transfere-se para a concepção da educação como construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais, transversalizando e revelando cenas comuns e experienciais do cotidiano escolar afirmando a singularidade dos processos de aprendizagem e formação. (PIERRO, 2015, p. 8)

De acordo com Menezes (2007), ao falar de narrativas é preciso buscar na memória um lugar privilegiado que é a escola, porque tanto os objetos como as memórias do cotidiano escolar nos fazem lembrar da escola e de como ela contribuiu para a formação da personalidade do sujeito. Bragança (2008) afirma que as narrativas de professores e professoras apontam para o forte entrelaçamento entre o individual e o coletivo e que a história de vida no campo da formação de professores faz emergir a densidade da produção social de determinados significados apropriados pelo sujeito. Portanto, quem narra sempre traz os processos sociais de sua produção narrativa.

Por essa razão, rememorar os percursos e as análises de implicação na construção do sujeito acarreta consequências na prática docente e é possível identificar os três tempos quando se fala, no presente, sobre o que se viveu no passado e o que se quer construir para o futuro. Para Souza (2007), as narrativas ganham sentido e potencializam-se como processo de formação e de conhecimento, porque têm na experiência sua base existencial. Nesse movimento, interessa-me investigar como aconteceu o processo de inserção e socialização profissional dos professores enquanto ingressantes na profissão docente.

Sabe-se que existem inúmeras pesquisas no nosso país envolvendo o campo da educação e seus desdobramentos, mas a temática dos professores iniciantes ainda pode ser ampliada no Brasil, como nos alertaram Mariano (2006), Gonçalves (2016), André (2018) e tantos outros autores que se dedicam ao estudo do tema. Em vista disso, proponho com a pesquisa um caminho investigativo sobre a situação dos professores iniciantes da Educação Básica de uma escola municipal de Maricá, RJ.

Assim, a pesquisa apresentada busca destacar a importância das narrativas de formação de professores enquanto ingressantes no sistema de ensino, compreendendo os desafios, as descobertas, as inquietudes que esculpem o fazer-se professor. Espera-se que este

estudo possa contribuir com as discussões na direção do quão importante é focar a questão das narrativas e suas experiências, entrelaçando a formação e a prática docente no início da profissão. Além disso, demonstrar a relevância do suporte aos professores iniciantes, tanto no campo de quem pensa as políticas públicas quanto no campo de quem as colocam em prática na escola como a equipe gestora. Sobre isso, Fontoura (2011) salienta que, além de formar os educadores, é preciso apoiar processos de fortalecimento da permanência de professores no campo de trabalho. Portanto se faz necessário entender como ocorre a inserção profissional destes professores iniciantes no seu *locus* de ação, ambiente privilegiado da formação, já que o profissional da educação continua a ser formado nos espaços escolares.

Logo adiante exponho meu percurso formativo trazendo as memórias das experiências que me formaram como pessoa e como professora.

### **1.1 Memórias das experiências que me constituíram na vida e na docência**

Ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um.

*Marie-Christine Josso*

As memórias das experiências de vida e formação que vêm me constituindo potencializam-se durante a narrativa desta pesquisa, pois, ao escrever sobre tais acontecimentos, vou remexendo o passado e, ao fazê-lo, abro um baú de memórias que está repleto de lembranças que por vezes faço questão de esquecer, mas que ao mesmo tempo entendo como necessárias para a composição da minha identidade, pois este memorial é parte do livro da minha vida, e me possibilita, no presente, construir o futuro.

Passeggi (2008) afirma que o memorial é um gênero acadêmico autobiográfico, como arte profissional de tecer uma figura pública de si ao escrever sobre recortes da vida: o processo de formação intelectual e o de inserção profissional no magistério. Por isso rememorarei meus processos de formação, desde os primeiros anos escolares, passando pelo ingresso ao nível superior, o início do exercício da profissão e a continuação dos estudos, agora no curso de Pós-Graduação. O sujeito que narra sua história de vida é um sujeito

histórico, portanto não cabe separar esse sujeito do seu percurso narrativo que atravessa os mais diversos contextos, a saber, o social, político, econômico, cultural. Assim, tais processos que me formam, significam e ressignificam, vêm me constituindo enquanto sujeito e profissional.

A autora declara ainda que autobiografar é aparar a si mesmo com suas próprias mãos, é uma construção da figura pública de si, na medida em que é uma escolha narrativa e, portanto, escolhemos quais informações importam e como queremos nos apresentar aos outros, por isso é um movimento delicado, mas ao mesmo tempo inspirador, necessário e transformador, pois passa pela reflexão de nós mesmos e o que fazemos a partir disso é uma descoberta de si.

Nasci em Niterói, mas sempre residi no Município de Maricá, no bairro Barra de Maricá. Minha família era numerosa, muitos tios, primos, irmãos. Minha mãe teve complicações na gestação quando eu estava para nascer e por isso fomos morar em Niterói, onde havia mais recursos médicos. Algumas escolhas naquela época fizeram com que eu fosse morar, ainda bebê, com a minha avó materna Lúcia.

Figura 1 - Avó Lúcia - uma formadora para a vida



Fonte: Arquivo pessoal, 2006.

Passei muitos anos da minha vida apenas aceitando o fato, sem entender, na verdade, os motivos para tal acontecimento, porém com a maturidade, que adquiri com desabrochar da vida e com as experiências vividas, pude vislumbrar o lado positivo deste fato tão marcante em minha trajetória.

Ao revisitar essa fotografia, compreendo que fui acolhida pela minha querida e saudosa avó Lúcia e que tal acolhimento me permitiu viver processos outros que agregaram

na minha construção enquanto ser humano. As transformações que experienciei me fizeram a pessoa que sou hoje.

Apesar de não ter tido nenhuma influência na família para seguir a carreira docente, afinal não tinha nenhum professor ou professora na família, sentia desejo e amor pela profissão. Quando criança, minha brincadeira preferida era brincar de escolinha. Minha tia Zilma era, nas brincadeiras, a professora; eu, minha prima e meus irmãos éramos os alunos. Depois de passar o dia estudando na escola, ainda assim queria brincar em casa daquilo que eu tinha certeza seria a minha profissão. O desejo pelo magistério também esteve presente nos momentos em que exerci a função de explicadora particular para algumas crianças do bairro que estavam com dificuldades na escola, dessa forma recebia um dinheirinho.

Sempre ouvi dizer que é através dos estudos que conseguimos ser “alguém na vida” e eu queria superar as dificuldades e as desigualdades sociais presentes na minha vida, como o analfabetismo da minha avó Lúcia e a não escolarização completa dos meus pais, alguns tios, e alguns irmãos. Queria me formar, ter uma profissão e exercê-la. De toda a minha família eu fui a primeira a ingressar, permanecer e me formar numa universidade pública.

Figura 2 - Entrega do certificado de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia pela FFP-UERJ



Fonte: Arquivo pessoal, 2017

O dia da colação de grau oficial simbolizado pela figura 2 representa um triunfo na minha vida. Ao prestar o juramento da profissão, senti-me realizada; tomou conta de mim a sensação de ter “chegado lá”, de ter traçado uma meta e alcançado tal objetivo. Compreendo que não é o resultado que me capacita a exercer a profissão docente, mas o processo; por outro lado, a conclusão do curso me outorgava a autoridade para desempenhar tal função. Naquele momento eu já poderia exercer a profissão que escolhi para a minha vida. Tal

façanha foi alcançada mediante um longo caminhar, caminhar para a vida e caminhar para si, como sinaliza Josso (2010).

Essa trajetória foi evoluindo mediante as experiências que me formaram; muitas delas e suas implicações que me construíram tiveram início na Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra, que era “coladinha” ao muro da minha casa. Era só atravessar a rua e já estava dentro da escola; sendo assim, a escola representava a extensão da minha casa. A escola era pequena e acolhedora, e os seus encantos e espaços proporcionaram momentos únicos de aprendizagem que trago em meu coração em minha memória e no meu fazer docente. Hoje, sou a pessoa que sou porque fui sendo moldada nesse percorrer da vida.

À vista disso, o ser humano e profissional que me transformei é consequência das experiências vivenciadas nesse ambiente escolar, que me proporcionou ultrapassar muitas barreiras, inclusive da desigualdade social. Essa escola me possibilitou sonhar, crescer, ousar e me sinalizou que eu deveria acreditar em mim e nos meus projetos de vida.

Figura 3 - Juramento da Formatura de Jardim da Infância (atual Educação Infantil)



Fonte: Arquivo pessoal, 1992.

Figura 4 - Formatura da Classe de Alfabetização – CA (atual 1º ano)



Fonte: Arquivo pessoal, 1993.

Ao longo dos anos, a escola passou por diversas transformações no seu espaço físico e em outros aspectos também. Caracterizo essa escola como a escola do meu coração, pois foi nesse ambiente que eu aprendi a ler e a escrever e que me proporcionou almejar novos sonhos. Por mim, passaram muitos professores que me marcaram para sempre, seja pela disponibilidade em ajudar, pelo método de ensinar, pelo carinho oferecido e até mesmo pelas admoestações necessárias.

Lembro-me da maioria dos professores, cada qual com suas características e personalidades. Muitos educadores foram responsáveis pela minha escolha acadêmica. Aqueles que ensinavam muito além do conteúdo escolar, que ensinavam com amor, que se importavam com seus alunos, queridos por serem muito mais que professores. Alguns professores ainda trabalham nessa mesma escola, muitos outros se aposentaram. E a alguns tivemos que aprender a dizer adeus, tendo realizado sua missão neste plano terrestre. Aos que estão na ativa, muito me alegra poder reencontrá-los, saber que ainda acreditam na educação e que continuam contribuindo para a educação de qualidade do nosso município. Professores que agora fazem parte do desenvolvimento educacional de outra geração da minha família.

Aos que se aposentaram e que tenho o prazer de reencontrar na caminhada da vida e manter contato, fica a sensação do dever cumprido. Aos que partiram para a eternidade ficam as recordações, os sorrisos, os abraços e a gratidão por terem acreditado em mim, mesmo quando eu não acreditava.

A jornada na Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra foi longa, mas o ciclo que começou no Jardim de Infância (nomenclatura da educação infantil na época) chegou ao fim na 8ª série (atual 9º ano). O que vivi nesse espaço escolar me ajudou a fazer de mim quem sou. Tendo encerrado o ciclo do ensino fundamental I, foi preciso iniciar um novo, alçar novos voos, pois a E. M. V. João da Silva Bezerra não oferecia ensino médio. Veio o primeiro desafio, o de escolher entre os três colégios públicos do centro de Maricá. Eram eles: Colégio Estadual Elisiário Matta, Centro Educacional de Maricá Joana Benedicta Rangel e CIEP 259 – Professora Maria do Amparo Rangel de Souza. O escolhido foi o Elisiário Matta; na verdade quem escolheu foi minha avó, porque esse colégio oferecia o Curso Normal, que me possibilitaria a formação para o magistério. Outro desafio era o medo do novo, daquilo que estava por vir: colégio novo, bem maior do que o que eu estudava, pessoas novas e ‘estranhas’.

Deparei-me com o maior desafio do ensino médio, que posso chamar de desencontro com a profissão, pois, apesar de ter certeza que eu queria ser professora, até mesmo nas brincadeiras de criança, optei por cursar a formação geral em vez do curso Normal. A vida é

feita de escolhas e, quando optei pela formação geral, contrariei minha avó e até mesmo o desejo de lecionar.

Com o ensino médio finalizado em 2004, prestei vestibular para a UERJ pela primeira vez, mas não obtive sucesso. Na mesma época fiz a prova do ENEM, mas também não fui aprovada. No ano de 2006, a Universidade Severino Sombra (USS), que tem sua sede em Vassouras/RJ, abriu um campus em Maricá. No mesmo ano, ingressei no curso de Pedagogia, cursando um total de quatro períodos, sem conseguir finalizar os estudos. Em dezembro do mesmo ano, iniciei um novo ciclo na vida adulta, casei com o amor da minha vida. São 14 anos de matrimônio, no qual recebo suporte para me dedicar aos estudos e à carreira profissional docente. Meu esposo costuma dizer que eu nasci para ser professora.

Durante um tempo, fiquei sem perspectiva de formação, mas depois de quase quatro anos, meu esposo me incentivou bastante e realizou a minha inscrição no vestibular da UERJ para ingressar no ano de 2013. Eu agradei, mas não pensava ser possível conseguir a aprovação para uma das universidades mais concorridas e de prestígio, principalmente pelo pouco tempo que dediquei aos estudos. Mas a vida foi me ensinando, motivando a enfrentar os desafios e percebi que era preciso encarar e vencer mais um. Para a realização dos dois exames da primeira fase eu estudei em casa por conta própria, mas para o exame discursivo eu precisava mais do que minha vontade e dedicação em casa, por isso frequentei as aulas de um curso pré-vestibular pelo período de quatro meses, o que me deu maior segurança para realizar a prova. Fui aprovada em 7º lugar para o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para o primeiro semestre de 2013.

E será que os desafios acabaram porque me tornei universitária? Não, pelo contrário, eles aumentaram. As maiores tensões ficaram pelo (des)governo do Estado do Rio de Janeiro que fez com que enfrentássemos uma série de paralisações e greves. E entender que a luta era por algo maior, a luta era pela UERJ, pelo direito à educação pública e de qualidade, aquela mesma educação que era pensada e defendida pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e seus idealizadores, entre eles, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, em 1932.

Durante a graduação fui impelida a participar de grupos de pesquisas para fortalecer o elo entre teoria e prática, por isso busquei ser protagonista do processo de aprendizagem. Não quis ficar de certa forma apenas como espectadora, mas almejei me sentir pertencente à comunidade acadêmica de uma forma que marcasse a formação como aluna-pesquisadora. Minha primeira experiência se deu no subprojeto do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). O programa disponibiliza bolsas de iniciação à docência aos

graduandos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que se comprometam com o exercício da docência na rede pública quando formados. Seu principal objetivo é valorizar e incentivar o magistério proporcionando o aprimoramento da formação docente para a educação básica. O programa também visa à aproximação entre Universidade e Escola Básica. O projeto era então coordenado pelas Professoras Doutoradas Rosimeri de Oliveira Dias e Anelice Astrid Ribetto.

Figura 5- Trechos do meu diário de campo - PIBID<sup>1</sup>



Fonte: Arquivo pessoal, 2014.

Olhando as fotos do diário de campo, pude relembrar momentos das nossas rodas de conversa que aconteciam nos mais diversos espaços do Colégio Estadual conselheiro Macedo Soares: na sala da baronesa, no pátio ao redor de uma árvore, na sala do subprojeto. Como vemos em Rego (2017), o diário de campo é um dispositivo utilizado pelos investigadores para registrar/anotar os dados recolhidos susceptíveis de serem interpretados. Assim, o diário de campo permite uma leitura posterior de maneira a sistematizar as memórias e experiências através da reflexão e compreensão da trajetória de formação.

Cada pesquisador escolhe o melhor caminho na hora de levar a cabo o seu diário de campo, podendo incluir ideias desenvolvidas, frases isoladas, transcrições, mapas e esquemas, por exemplo. O que importa mesmo é que o investigador possa apontar no diário aquilo que vê/observa ao longo do seu processo de investigação para depois analisar e estudar, sendo assim uma ferramenta essencial para a escrita e reflexão.

<sup>1</sup> O diário de campo foi um dispositivo utilizado para narrar por escrito as vivências durante o PIBID. Escrevia observações e reflexões deste período fértil do meu percurso formativo. Também o preenchia com poemas e pensamentos que dialogavam com os textos do grupo de estudo.

Em um desses trechos apresentados acima (figura 5), eu já me questionava sobre o que era ser um bom professor ou uma boa professora e qual era o papel desse (a) professor (a). Nesse grupo de pesquisa também tive o privilégio de conhecer o poeta Manoel de Barros e muitas de suas obras. Justamente um de seus poemas escolhidos para compor essa página do diário de campo, que me falara e muito quanto às minhas inquietações da construção da profissão docente, é “Retrato do artista quando coisa”. Manoel de Barros, o poeta das miudezas como é conhecido, toca-me a alma e me faz problematizar o ser humano em sua incompletude; aqui o (a) professor (a) e sua arte de se ensinar e se transformar a cada dia, o que requer um exercício diário, afinal passar por metamorfoses exige entrega, escolhas e renúncias. Essas experiências vão me ajudando a tecer os fios desta narrativa.

Permaneci no PIBID durante dois anos e meio e pude habitar o chão do Colégio Estadual Conselheiro Macedo Soares, uma das parecerias do programa. O CECMS fica localizado no Barreto, em Niterói. Vivenciar o cotidiano dessa escola também foi uma forma de aproximar a teoria da prática por vezes separadas equivocadamente. Foram momentos de descobertas da profissão, de aprendizagens, de trocas tanto com os alunos e professores da instituição, quanto com as coordenadoras do programa. Também, através do convívio com a supervisora Márcia Uchôa e alunos bolsistas dos subprojetos, fui compondo minha formação ao longo da trajetória como bolsista de iniciação à docência.

Sou uma pessoa apaixonada pela arte da confeitaria, amo fazer bolos e sei que é necessário seguir a receita como prescrita, porque, do contrário, alguma coisa poderá desandar. Não é o caso da educação, porque entendo que não há uma receita pronta de como lecionar, por exemplo, como a receita de bolo que você segue passo a passo e suas sequências para o resultado ser positivo. Por isso costumo refletir e problematizar sobre as famosas receitas de como dar aula que determinadas pessoas acreditam funcionar na prática docente, porque entendo que a escola é uma instituição que se transforma e se renova a cada dia, não sendo desejável que haja rotina fixa e engessada. Mas também reconheço a importância de estar inserida no ambiente escolar para que de alguma maneira o educador em formação possa ir se familiarizando com o espaço que um dia vai ocupar.

Por isso afirmo que o PIBID foi um divisor de águas na minha formação, pois, durante a permanência e participação nos subprojetos, a saber, o Projeto dos Murais e o Projeto Expressão e Movimento, eu pude adentrar no espaço que eu iria ocupar futuramente, a escola. Apesar de atuar como bolsista no ensino fundamental II, pois no Macedo Soares não tinha o ensino fundamental I (área para qual estava me formando para lecionar), estar ali naquela escola e com os alunos já me proporcionou aprendizados e desenvolvimento para a carreira

que escolhi exercer. Portanto, reitero que as experiências vividas neste período foram de extrema relevância na construção da minha formação. Percebo as transformações que aconteceram, de como participei do primeiro grupo de estudos e de como fui agregando conhecimentos e aprendizagens que me impulsionaram para outros objetivos. Esta aproximação entre Universidade e Escola Básica me propiciou adentrar em um ambiente o qual eu iria habitar em breve como professora, visto que esta introdução ao universo escolar aconteceu antes mesmo de cursar as disciplinas obrigatórias de estágio que ficam para a etapa final da licenciatura.

Posteriormente, almejei outros caminhos, sonhos e objetivos e caminhei em direção ao PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), que tem como principal objetivo o apoio a políticas de iniciação científica desenvolvida nas instituições de ensino e/ou pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica.

Durante a permanência no PIBIC vinculado ao projeto Olhares, experiências e imaginário de crianças e adultos lançados para a escola, coordenado pela Professora Doutora Gianine Maria de Souza Pierro, vivi experiências na Escola Municipal Felisberto de Carvalho que fica localizada em Pendotiba, Niterói, e acompanhei de perto o trabalho da professora Vânia, que lecionava para a turma do 1º ano do ensino fundamental I. Durante o segundo semestre de 2016, pude observar sua prática docente voltada a estabelecer a autonomia dos alunos, o respeito entre os discentes, enfatizando o processo de ensino-aprendizagem de maneira lúdica. Também tive a oportunidade de estabelecer intervenções em atividades de rotina da sala de aula com a professora e os alunos. A proposta do projeto de pesquisa era a formação continuada de professores, visando à reflexão da prática docente através de rodas de conversas.

Todos os momentos experienciados na vida e na formação são oportunidades de reflexividade dos conhecimentos e das práticas. As experiências e observações dos projetos foram apresentadas na UERJ SEM MUROS 2017 e na SEMIC (Semana de Iniciação Científica). Continuo a me lançar a novas experiências, agora no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Assim, a escolha da linha de pesquisa - "Formação de Professores, História, Memória e Práticas Educativas" - para inserção deste trabalho justifica-se pelo fato de que esta linha se dedica a estudos voltados às narrativas e questões relacionados à aproximação da reflexão e discurso sobre a formação docente e essas questões estão diretamente ligadas ao estudo que

desenvolvi. Por outro lado, ainda, importa esclarecer que este estudo apresenta estreita ligação com as produções do grupo de pesquisa coordenado pela Professora Doutora Helena Amaral da Fontoura, Formação de Professores, processos e práticas pedagógicas, do qual faço parte, especialmente no que tange à temática de pano de fundo que motiva os estudos, ou seja, articulação das práticas educativas e dos conhecimentos pedagógicos.

A seguir, narro as experiências dos meus processos de inserção e socialização profissional docente, lançando mão da pesquisa-formação que se baseia nas experiências do sujeito como ponto de partida para a reflexão e transformação de si.

## **1.2 Retratos de uma professora iniciante: pesquisa-formação e experiências na docência**

O formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação).

*Gaston Pineau*

Para compor esta narrativa, explano minhas experiências docentes enquanto professora iniciante dos anos iniciais a partir dos processos de inserção e socialização profissional como dispositivos de pesquisa-formação, que potencializa revisitar e compreender os processos formativos que moldaram a minha identidade pessoal e profissional. Na pesquisa-formação, a pessoa é ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa, o que permite que o pesquisador se desloque para o centro da pesquisa e passe a conhecer a si próprio. Contribui para a formação do sujeito no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas e toma lugar, no seu percurso de vida, como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seu (s) projeto (s) de vida e sua (s) demanda (s) de formação atual.

Josso (2010) destaca que a pesquisa-formação é uma metodologia que tem como cerne a experiência do sujeito como ponto de partida para a reflexão e transformação de si, que contempla a possibilidade de mudança das práticas, bem como dos sujeitos em formação. Dessa maneira, trago reflexões de como as experiências vivenciadas na prática docente contribuíram na minha inserção e socialização profissional docente. A pesquisa-formação permite ao pesquisador criar sentidos e significados ao formar-se e transformar-se durante a ação da pesquisa, em vez de se distanciar ao tentar controlar e explicar os fenômenos.

Passeggi (2016) salienta que:

[...] no modelo da pesquisa-formação destacam-se três objetivos principais: o objetivo da compreensão teórica; o objetivo praxeológico de engenharia e de estratégia de formação; e o objetivo emancipatório. Entendo que o último é o mais importante dos três, pois se trata de perceber a pesquisa como parte integrante da formação e não alheia a ela, pois a pesquisa é que torna possível o processo de conscientização de formar-se com e pela pesquisa. Do ponto de vista axeológico, a dicotomia pela inclusão do objetivo emancipatório de conscientização e autonomização, que levará incondicionalmente em conta as experiências individuais de aprendizagem do sujeito da formação. (PASSEGGI, 2016, p. 75)

Em trabalho apresentado (REGO, 2020) pontuo que o processo de inserção profissional docente é um período importante, delicado e que requer zelo com os professores em início de carreira, pois é a fase em que os principiantes estão descobrindo a docência, habitando o território escolar e também vivenciando a socialização profissional com outros professores, funcionários, alunos; durante o processo de socialização profissional foi possível aprender e compreender as normas de funcionamento da escola, bem como a forma de comportamento e a escala hierárquica que existe. Portanto, esta etapa pode fortalecer os iniciantes na profissão fazendo com que os mesmos afirmem sua posição de professor (a) ou até mesmo fazê-los desistir do magistério.

Podemos afirmar que a iniciação à docência é um ciclo crucial no desenvolvimento profissional docente, visto que não se trata de formação inicial nem de formação continuada, mas de fato do exercício da docência, no qual se vai aprendendo a ser professor (a) dia após dia na escola, que é um lugar formativo.

Sobre essa questão, Marcelo (2009) salienta que:

As definições, tanto as mais recentes como as mais antigas, entendem o desenvolvimento profissional docente como um *processo*, que pode ser individual ou colectivo, mas que se deve contextualizar no local de trabalho do docente — a escola — e que contribui para o desenvolvimento das suas competências profissionais através de experiências de diferente índole, tanto formais como informais. (MARCELO, 2009, p.10)

O autor ainda declara que opta pelo conceito de desenvolvimento profissional de professores porque compreende que a denominação desenvolvimento profissional se ajusta melhor à concepção do professor enquanto profissional do ensino e também porque o conceito de “desenvolvimento” tem um sentido de evolução e continuidade que suplanta a tradicional justaposição entre formação inicial e formação contínua dos professores.

Neste primeiro capítulo irei narrar algumas vivências que posteriormente assumiram o status de experiências, já que estamos desenvolvendo a pesquisa a partir do conceito de experiência que Marie-Christine Josso (2010) sublinha, já visto anteriormente.

A tão sonhada conclusão da graduação aconteceu em agosto de 2017 e era chegada a hora de começar a exercer a profissão. E em janeiro de 2018 fui selecionada para trabalhar em uma creche-escola que estava se instalando em Maricá. Passei por todo o processo com pelo menos três entrevistas, análise de currículo e cursos realizados na área. Para a minha surpresa fui contratada para lecionar em duas turmas multisseriadas com crianças de 3 a 5 anos. Com certeza fiquei apreensiva, porque acabara de sair da universidade e logo teria que dar conta de duas turmas e a famosa dicotomia fazia parte também das minhas inquietações, como colocar em prática o que aprendi na teoria? Mas aos poucos fui percebendo que isso seria impossível e fui construindo a minha prática pedagógica de acordo e em parceria com as minhas turmas, até mesmo porque posso afirmar que aprendi muito com as crianças e que eles foram grandes incentivadores deste primeiro ano de profissão.

Meu primeiro ano como professora também contou com o apoio da equipe gestora da escola, principalmente pela parceria que firmei com a minha diretora. Ela me deu abertura para pensar, criar e exercer a minha prática em sala de aula e agregar ao contexto da escola. Não foi um ano fácil, mas foi um ano possível, com as dificuldades, inquietações, medos, desafios e descobertas que fazem parte deste início de carreira. Naquele espaço escolar pude crescer como profissional e contribuir com o ensino da escola. O processo de desenvolvimento da carreira neste período inicial da docência foi um caminho de muitas conquistas, experiências, trocas, alegrias, construção e desconstrução, sobretudo da constituição da profissão. Sobre essa questão, Josso (2012) evidencia:

Que caminhar se trata, de fato, da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir seu itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que lhe permitem não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o *inventário da sua bagagem*, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. (JOSSO, 2012, p.83-84)

Não foi fácil iniciar a carreira docente, mas foi possível e continuo acreditando que os momentos experienciados na vida e na formação foram oportunidades de reflexividade dos conhecimentos e das práticas, buscando o entendimento que nem sempre sabemos o que estamos fazendo de nós, já que as composições desta implicação como o medo, o

estranhamento e a dúvida também nos auxiliam na construção de nós mesmos e da profissão. O processo de desenvolvimento da carreira durante o período inicial da docência é um caminho intenso de construção e descobertas da identidade profissional docente, das práticas pedagógicas. É um itinerário de constantes desafios, mas também de alegrias e realização.

Destaco o meu crescimento pessoal e profissional nesta caminhada em parceria com a escola, já que essa também estava no seu primeiro ano de funcionamento. A nossa relação foi construída de forma a propiciar minha evolução neste processo, que sabemos não ser linear, mas sim um movimento contínuo de aprendizado.

Ao longo do desenvolvimento profissional, o docente vai adquirindo saberes e habilidades concernentes ao ofício de ensinar, uma vez que também constrói seus saberes na prática diária; o (a) professor (a) aprende a fazer fazendo e criando deslocamentos mediante reflexão do seu trabalho. De acordo com Tardif (2014), o saber dos docentes não é uma coleção de conteúdos intelectuais definidos de uma vez por todas, mas um processo em composição ao longo da carreira profissional na qual o professor aprende gradativamente o domínio do seu ambiente de trabalho, ao se inserir nele e o interiorizar por meio de normas de ação que conseqüentemente se tornam componentes de sua “consciência prática”.

Figura 6 - Primeiro dia como professora na creche escola Sabb



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Essa foto representa a realização de um sonho, a conquista da vaga de professora e o sorriso estampado em meu rosto entrega a alegria pelo êxito. Poder assumir a posição de professora significava a conquista de um objetivo, uma meta que eu coloquei na minha vida; e aquela menina que um dia brincava de ser professora se formou professora. Ser reconhecida como professora era mágico. Mas eu sabia que era apenas o começo de uma trajetória na qual eu haveria de me lançar e descobrir o que a profissão me proporcionaria.

Como já constatado em Rego (2020), essa fase é uma etapa na qual se criam muitas expectativas para o início da docência e se idealiza como ser “bom professor”, tudo é novidade e ao mesmo tempo o (a) novato (a) deseja superar suas próprias expectativas e as expectativas que outras pessoas colocaram nele. Ao iniciar a apresentação das letras do alfabeto, pensei em trabalhar de maneira não linear, mas em concordância com o que as turmas iam me apresentando e de acordo com o contexto. Algumas vezes planejei a dinâmica da aula de um jeito e as coisas não saíram conforme o idealizado.

Ao ocupar o lugar de professora iniciante, vivenciar experiências únicas da profissão e me dedicar ao tema, evidencio esse estágio da carreira docente como a mais importante, porque presumo que seja exatamente nessa etapa em que o (a) professor(a) iniciante faz a escolha de permanecer ou não na profissão. Neste sentido, ainda fazendo parte desse estágio, já que estive como regente de turma apenas durante o ano letivo de 2018, eu afirmo o meu desejo de prosseguir como professora, pois considero ter sido privilegiada neste primeiro ano de inserção e socialização profissional docente.

Figura 7 - Apresentação da letra B/b Boneca Berenice



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 8 - Apresentação da letra F/f Fada Flaviane



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

As figuras 7 e 8 demonstram momentos de exploração na carreira docente. Quando iniciei a apresentação do alfabeto, eu sabia que queria fazer diferente do que eu já havia visto anteriormente em outros espaços escolares. Queria que as crianças embarcassem numa viagem de imaginação e criação. Não consegui realizar a apresentação do alfabeto todo desta maneira, mas, refletindo sobre esse processo, considero ter realizado de maneira positiva.

Na figura 7, vesti-me de Boneca Berenice e levei uma bola para fazer a apresentação da letra B/b. O primeiro contato com a turma foi dentro da sala de aula, posteriormente, fomos para o pátio brincar de bola, cantar e dançar com a boneca. Lembro-me que algumas crianças afirmavam que a boneca Berenice era eu, mas outras crianças de fato acreditaram na visita de uma boneca. A atividade foi realizada com a proposta de expor a letra B/b de forma lúdica, pensar e trabalhar outras formas antes da escrita da letra.

A prática se deu antes do horário do lanche da turma, porque no momento do lanche eu dei uma fugidinha, troquei de roupa e me tornei novamente a Professora Flaviane. Quando retornei como professora, as crianças começaram a me contar sobre a visita da boneca e tudo o que eles tinham feito naquele dia. E ficaram falando na boneca durante muito tempo, até o final do ano letivo, porque as meninas levavam bonecas para brincar no dia do brinquedo, então a história da boneca Berenice se fez presente durante muito tempo.

Na figura 8, apesar da roupa azul, do chapéu e da varinha, as crianças sabiam que era eu, porque eu era a Fada Flaviane. Também nos encontramos na sala de aula e, posteriormente, fomos ao pátio para brincar. Conversamos sobre sonhos e quais desejos gostariam de pedir a fada Flaviane. Trabalhamos a partilha de uma história coletiva. Todas as crianças narravam um pouquinho do que aconteceu nesse dia com a fada e eu transcrevi a história para uma cartolina para que eles pudessem desenhar e pintar a narração. Cada faixa etária realizou o desenho e a pintura de acordo com suas habilidades. Posteriormente, as crianças do Pré I e Pré II realizaram a procura da letra F/f na história narrada por eles e circularam para destacá-las. Os cartazes faziam sucesso entre eles, porque sabiam que eles que haviam realizado. A estratégia encontrada era realizar o sorteio dos cartazes ao final de cada trimestre.

Figura 9 - Apresentação da letras D/d



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 10 - Trabalhando os sentidos do corpo humano



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

Para exibir a letra D/d, conversamos e perguntei quais palavras eles conheciam que iniciavam com a letra apresentada, através do som. As crianças do Pré I também participavam da atividade, porque já conheciam as vogais e procuravam as vogais nas palavras ou então desenhavam conforme suas habilidades, como aconteceu nessa atividade.

Chamou-me a atenção o desenho da palavra DADO, porque, quando a criança disse essa palavra, eu pensei que ela estava se referindo ao objeto dado, mas na verdade ela estava fazendo referência a uma pessoa da família que se chamava Dado. Às vezes, limitamos as crianças com nossas suposições, quando, na verdade, elas podem ir muito além daquilo que imaginamos, por isso precisamos dar autonomia para elas pensarem, criarem e se desenvolverem. Se eu não tivesse pedido o desenho, talvez eu não teria como saber que aquela criança estivesse falando de outra coisa que não o objeto dado.



Figura 12 - Alfabeto ilustrado pelas crianças



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Desenvolvi outras atividades em parceria com a turma, como a feira de alimentos, na qual as crianças “compravam” verduras, legumes, frutas e desenvolviam outras habilidades além da noção matemática. Também fizemos um delicioso bolo de milho para trabalhar a letra M e conversar sobre os alimentos que normalmente comemos em festa junina. Apresentei a atividade para a equipe gestora e para a nutricionista e recebi a autorização para a execução da mesma. A ideia era de fato uma atividade concreta na qual as crianças pudessem manusear e até mesmo sentir o paladar dos alimentos se desejassem.

Figura 13 - Apresentação da cantiga *A linda Rosa Juvenil*



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

A apresentação da cantiga de roda *A linda rosa juvenil* representou um desafio no meu processo de inserção profissional docente, porque iríamos apresentar para toda a escola e a

responsabilidade de fazer bonito falava mais alto. Mas ainda bem que eu pude perceber que as crianças se dedicavam e gostavam de realizar o que era proposto. Quando a diretora me propôs esta atividade, inclusive deu a ideia da música, eu simplesmente respondi que não conhecia nem a música, mas que iria pensar no que eu poderia fazer.

No mesmo instante, uma criança ouviu Dona Lourdes cantando a cantiga e começou a cantar junto e disse que conhecia a música. Então naquela mesma hora eu disse que sim, iríamos fazer a apresentação dessa cantiga. A escolha dos personagens foi outro desafio, porque algumas crianças queriam fazer o mesmo personagem. Teve uma ‘disputa’ para saber quem seria a bruxa, quando eu esperava que a disputa seria pela rosa. No dia da apresentação, uma das crianças não quis se vestir de acordo com o personagem, mas ela participou de toda a apresentação da cantiga, fazendo o que havia ensaiado. Ela me mostrou que não precisava estar enquadrada numa roupa para ser o personagem, para participar da atividade e para se divertir, que era um dos principais objetivos da tarefa, além de trabalhar o tema do folclore e as cantigas de roda.

Desta apresentação frutificaram outras atividades, dentre elas a confecção de um livro de ilustrações da Linda Rosa Juvenil. Cada criança participou realizando uma arte para compor as páginas da história apenas com ilustrações. O livro ficava no cantinho da leitura e eles costumavam manusear o livro, inclusive as crianças do Pré I e contavam a história através das ilustrações. As turmas também confeccionaram a história com materiais de sucata e visitaram as outras turmas da escola para contar a narrativa.

A filmagem da apresentação das crianças foi utilizada na abertura da reunião de pais para que os mesmos pudessem ter acesso ao que os filhos vivenciavam na escola, além daquilo que eles levavam para casa como tarefa. A emoção tomou conta durante a exibição do filme e pude notar alguns pais que deixaram as lágrimas escorrerem. Sabe aquela sensação de estar alcançando as crianças e de certa forma a família também? Então, eu tive essa sensação no meu primeiro ano como professora. Não se trata de inventar a roda, como diz minha Professora Orientadora Helena, mas se trata de me descobrir enquanto professora e ter a impressão de estar caminhando na direção que te faz feliz e que obtém o resultado desejado.

Figura 14 - Cartaz e flores confeccionados com materiais de sucata em comemoração ao Dia da Árvore



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

As turmas realizaram diversas atividades em comemoração ao Dia da Árvore, partilhamos bastante nas nossas conversas sobre a importância da natureza, principalmente sobre o cuidado que o ser humano deve ter com o meio ambiente. Durante as conversas, as crianças falaram da sombra que as árvores nos proporcionam, dos frutos que elas dão e da sua beleza. Como em outros temas desenvolvidos nas turmas, o Dia da Árvore foi difundido de várias maneiras, dentre elas a confecção de cartaz e de flores com materiais de sucata. Para essa atividade, contamos com a colaboração dos pais que enviaram para a escola os materiais solicitados. Também trabalhamos a conscientização em relação aos materiais recicláveis, pois, após o lanche, guardávamos o que poderia contribuir para os nossos trabalhos.

Em decorrência ao Dia da Árvore, fiz a proposta de levar as turmas para um passeio na Lagoa de Araçatiba, localizada próxima à escola. Foi um dos dias mais felizes e ao mesmo tempo mais desafiadores, a começar pela preparação e pela liberação por parte da equipe gestora. Após diálogo, fui autorizada a levar as turmas para esse passeio mediante autorização dos pais e/ou responsáveis das crianças. Lembro que choveu muito no dia anterior e até mesmo no dia do passeio pela manhã. A saída das crianças estava marcada para as 14h. Houve toda uma preparação durante os dias que antecederam o passeio e no dia do mesmo. Fizemos o percurso da escola até a lagoa a pé, fazendo algumas paradas para descansar e contemplar a natureza.

Ao chegar ao local, fizemos um piquenique, brincamos, observamos as árvores. Estar na lagoa era a primeira vez para algumas crianças; para outras, o local já era conhecido, pois moravam por perto. Considero que este evento foi a maior aventura do primeiro ano da minha carreira docente, porque envolveu muitas questões, dentre elas a responsabilidade pelas crianças, pelo bom êxito do passeio e pelas estagiárias que nos acompanharam. Foi

desafiador, em contrapartida também foi prazeroso, pois realizamos o primeiro passeio da escola. Foi algo novo para mim e para as crianças também.

A culminância se deu ao apresentar a pintura do quadro *Tempo de Primavera*, de Claude Monet<sup>2</sup>, visto que a estação da Primavera iniciara um dia após o Dia da Árvore, 22 de setembro. Para a realização da atividade, foi solicitado que os pais e/ou responsáveis enviassem um quadro para as crianças poderem manifestar a sua arte. Após observar o quadro *Tempo de Primavera*, as crianças expressaram, por meio de suas habilidades, a impressão do quadro. A proposta era uma reprodução de maneira livre. A ideia não era uma cópia, mas sim a expressão da arte e do que lhes tocava. Os quadros ficaram em exposição na sala de aula para que os pais e/ou responsáveis pudessem admirar no dia da reunião.

Sobre esta possibilidade de narrar minhas experiências, enquanto pesquisa-formação, Passeggi (2016) afirma:

Essa potencialidade formadora de fazer experiências, refletir sobre elas para aprender sobre nós mesmos e o mundo, torna inseparável o sujeito e o objeto de conhecimento. Ou seja, é preciso se expor, sem medo de padecer sob o impacto da experiência para poder dela tirar lições para a vida e aprender com ela sobre nós mesmos. (PASSEGGI, 2016, p.76)

No exercício de refletir sobre o primeiro ano da docência e de escrever sobre tal percurso, expus-me para aprender mediante as experiências vividas e, ao partilhar, percebo que posso contribuir com a profissão docente, a formação de outros professores, trazendo contribuições acerca do exercício do magistério de forma coletiva.

No próximo capítulo, os princípios teóricos que fundamentam esta pesquisa serão sinalizados de forma a convidar o (a) leitor (a) a conhecer os autores e suas ideias que potencializam a problematização no que tange ao campo da Formação dos Professores e suas inferências.

---

<sup>2</sup> Claude Monet (1840-1926) foi um pintor francês considerado um dos mais importantes pintores da Escola Impressionista. O termo que fora usado pejorativamente se tornou corrente e Monet passou a ser considerado o chefe da Escola Impressionista, uma das mais importantes da história da pintura. Seu quadro encontra-se hoje no Museu Marmottan Monet, em Paris. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/claude\\_monet](https://www.ebiografia.com/claude_monet). Acesso em 23 de agosto de 2020.

## 2 AUTORES COM QUEM DIALOGAMOS

Professor é gente.

*Antônio Nóvoa*

Este capítulo visa apresentar embasamentos teóricos que fundamentam esta pesquisa. Optamos por dialogar com autores que tratam da formação de professores e da temática da inserção de professores iniciantes no ambiente escolar.

### 2.1 Formação de Professores

Sobre a formação docente vinculada ao aporte teórico desta pesquisa, exploramos Roldão (2007), Huberman (2000), Tardif (2014), Nóvoa (1995) e André (2018).

É de conhecimento que o campo da educação é marcado por uma história de disputas e conflitos e que a formação de professores é um dos destaques dessas disputas. Para refletir e problematizar o cenário da Formação de Professores no país é necessário entender alguns marcos históricos que perpassaram a história de conflitos e negociações da educação, a começar pela profissionalização do magistério. Para Roldão (2007), o processo de profissionalização não é linear nem unidirecional, alternando, na história dos professores, períodos de profissionalização e desprofissionalização pautados por conflitos de interesses e atores. Nóvoa (1995) pontua que a afirmação profissional dos professores é uma trajetória de lutas e conflitos, com avanços e recuos, convidando-nos a ter um olhar atento às tensões que atravessam o processo de profissionalização.

Observamos as lutas inerentes aos processos educacionais no nosso país e tais lutas merecem destaque, porque se configuram em questão de uma dívida histórica do país com a educação e com o povo brasileiro. No cerne da discussão, podemos citar o educador Darcy Ribeiro<sup>3</sup> que dizia que a crise na educação não é uma crise, mas sim um projeto. Seguindo essa linha de raciocínio, é preciso atentar às políticas públicas educacionais, não só na sua concepção, mas, sobretudo, na eficiente implementação e na execução das mesmas.

---

<sup>3</sup> Ver: Darcy Ribeiro: Educação como prioridade. Lúcia Velloso Maurício (Org.). São Paulo: Global, 2018.

Pensar em educação é também pensar na formação de professores, suas políticas, projetos, desafios e perspectivas de resistência em defesa do direito à educação e da elevação continuada da qualidade da formação, em uma perspectiva democrática e emancipatória. É pensar numa formação com a capacidade, que tem sido muito necessária aos professores, que é resistir, mas não só resistir, como quem segura uma força que está contra nós.

No final da década de 70, foram incluídas lutas por mudanças pela educação. Dentre elas, algumas reuniões muito significativas como o I Seminário de Educação Brasileira, em 1978, que iniciou com uma mensagem de Paulo Freire que se encontrava fora do país. Esse seminário deu surgimento ao CEDES (Centro de Estudos Educação e Sociedade). No mesmo período, são organizadas: a ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e a ANDE (Associação Nacional de Educação). Essas três organizações deram início à realização de conferências nacionais de educação. A 39ª edição da reunião da ANPED aconteceu em 2019 na Universidade Federal Fluminense (UFF) e teve como tema Educação Pública e Pesquisa: ataques, lutas e resistências. O tema da reunião vem de encontro aos ataques e contingenciamentos orçamentários que a educação pública e a pesquisa brasileira vêm sofrendo ao longo da história.

Alguns movimentos foram organizados pelas mudanças curriculares da formação de docentes desde 1983 pela CONARCFE (Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador), e desde 1990 pela ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais em Educação). Todos esses movimentos sempre estiveram concentrados na formação de professores. Dessa forma, o Ministério da Educação precisou se movimentar e propor uma discussão nacional pela formação, com a proposta de se pensar um currículo para a formação de professores no Brasil.

Desde então, a ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação) vem realizando eventos anuais e enfrentando a questão da formação docente. A última edição aconteceu em 2019, em seu XII Seminário Nacional de Formação dos Profissionais da Educação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e teve como tema Formação de Professores: políticas, projetos, desafios e perspectivas de resistência.

A busca pelos avanços na área da educação continuou, sobretudo na formação de professores, quando em 2015, o Conselho Nacional de Educação concluiu um longo processo de estabelecimentos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básicas. Alves (2017) afirma que se

pode perceber que tal documento contém um bom número de medidas que vêm do documento de 1983, discutidas, melhoradas e atualizadas, dentro do movimento desde então.

Podemos citar também o primeiro PNE - Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001), elaborado em 1996 e que vigorou dos anos de 2001 a 2010. Foi um plano importante, mas que não cumpriu todas as metas propostas, necessitando passar por modificações. A vigência do PNE encerra no ano de 2020 e tem como uma das diretrizes a melhor formação profissional e sua 15ª meta é:

Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam. (BRASIL, 2001)

Pensar a formação de professores passa por muitos questionamentos, dentre eles: Que saberes são essenciais na formação desse professor? Como são construídos esses saberes para o professor que vai exercer a sua profissão? Como esse sujeito se forma professor? Quem forma esse formador?

Segundo Tardif (2014),

A relação dos saberes docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de disciplinares, curriculares e experienciais. (TADIF, 2014, p. 36)

Roldão (2007) e Tardif (2014) concordam, quando sinalizam que o saber dos docentes é social, porque é compartilhado por um grupo de pessoas: os professores que dispõem de uma formação comum, embora variável. Esse saber também é social porque é regido por um sistema que garante sua legitimidade, isto é, universidade, escola, Ministério da Educação; o que significa afirmar que o saber profissional é produzido por diversos grupos em negociação e nunca apenas pelo professor. Por fim, esse saber é também social, pois seus próprios objetos são sociais, ou seja, suas práticas sociais. O professor trabalha com sujeitos e em função de um plano: educar os alunos, transformá-los e instruí-los. É social, também, porque é adquirido no cenário de uma socialização profissional, na qual o professor vai sendo moldado, lapidado em função da fase da carreira, na qual o professor aprende o seu ofício exercendo-o.

Esse saber está a serviço do trabalho, porque é uma relação mediada pela prática docente e que lhe garante subsídios para enfrentar o cotidiano escolar que é construído através da experiência do trabalho. É um saber plural, porque envolve conhecimentos e um saber-fazer diverso proveniente de diversas fontes. É, também, temporal, porque é adquirido ao longo da história de vida e da carreira docente. Provém através da interação humana, na qual o professor se relaciona com o seu objeto de trabalho e é um saber que também decorre da formação de professores, assunto ao qual daremos mais atenção.

Quadro 1 - Os saberes dos professores

| <b>Saberes dos Professores</b>  | <b>Fontes sociais de aquisição</b>  | <b>Modos de integração No trabalho docente</b>  |
|---|---|---|
| Saberes pessoais dos Professores  | A família, o ambiente de vida, a educação no sentido lato, etc.   | Pela história de vida e pela socialização primária  |
| Saberes provenientes da formação escolar anterior   | A escola primária e secundária, os estudos pós-secundários não especializados, etc.                               | Pela formação e pela socialização pré-profissionais   |
| Saberes provenientes da formação profissional para o magistério                           | Os estabelecimentos de formação de professores, os estágios, os cursos de reciclagem, etc.                        | Pela formação e pela socialização profissionais nas instituições de formação de professores |
| Saberes provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho                  | A utilização das “ferramentas” dos professores: programas, livros didáticos, cadernos de exercícios, fichas, etc. | Pela utilização das “ferramentas” de trabalho, sua adaptação às tarefas                     |
| Saberes provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola | A prática do ofício na escola e na sala de aula, a experiências dos pares, etc.                                   | Pela prática do trabalho e pela socialização profissional                                   |

Fonte: Quadro sobre os saberes profissionais proposto por Tardif, 2014.

Roldão (2007) corrobora com a problemática, quando nos faz pensar nos seus questionamentos: Quem é um professor? O que o distingue de outros atores sociais e de outros agentes profissionais? Qual a especificidade da sua ação, o que constitui a sua distinção? A própria autora afirma que o caracterizador distintivo do docente é a ação de ensinar. A autora está preocupada com o conhecimento profissional, ou seja, de que modo esses conhecimentos têm uma função específica que é a formação profissional.

Destacamos de forma especial a atual formação de professores no Brasil. Gatti (2012) alerta que cerca de 80% dos professores da Educação Básica são formados por instituições

privadas e 20% dos professores estão sendo formados por instituições públicas do país<sup>4</sup>. De acordo com a professora Bernadete Gatti, as universidades não sabem formar professores, já que estão preocupadas em formar especialistas. Gatti (2012) salienta que é necessário integrar a formação disciplinar com a formação educacional e o estágio desde o início da licenciatura, quando na verdade o que acontece, segundo a autora, é que a proporção de metodologia, ultrapassa a questão das práticas de formação.

O que está sendo levado em consideração na formação destes futuros formadores no que diz respeito à realidade das instituições particulares, como por exemplo, a qualidade deste ensino e o currículo desta formação? Porque é de conhecimento que há uma disputa de interesses por trás do currículo que é ofertado pelas instituições de ensino.

Fontoura (2011) destaca que faz-se necessária uma formação que proponha mobilizar e significar a prática docente, portanto, é imprescindível repensar a formação para o magistério, levando em consideração a relação entre teoria e prática, entre os saberes da universidade e as realidades dos alunos, o que permite a contribuição dos futuros professores na formação da identidade e do seu papel profissional. Ao assumir que o desenvolvimento profissional é um processo que se vai construindo à medida que os professores ganham experiência, sabedoria e consciência profissional, Marcelo (2009) ressalta a importância do papel que a identidade profissional docente joga no desenvolvimento profissional e nos processos de mudança e melhoria da profissão docente.

Se levarmos em conta que os saberes dos professores fazem parte de um tripé, conforme Tardif (2014) nos salienta, saberes que são constituídos através dos saberes curriculares, dos saberes disciplinares e dos saberes experienciais, será possível pensar num novo modo de se fazer universidade, não apenas no que diz respeito a reformulações e mudanças necessárias ao modelo de sociedade atual, mas no próprio modo de colocá-las em prática.

Fontoura (2011) corrobora com esta problemática, quando afirma que formar professores é uma tarefa importante de construção pessoal e social e busca tensionar e significar a prática docente. Na formação de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática, como nos salientam Pierro (2015) e Souza (2007) em diálogo com o autor e educador Paulo Freire. Nesta perspectiva, pensar criticamente a prática de hoje ou de ontem é o que pode melhorar a atuação docente, visando à melhoria na qualidade de

---

<sup>4</sup> Entrevista com a Professora Bernadete Gatti, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=i3EhCJ3MGAc>. Acesso em abril de 2020.

aprendizagem para o aluno e a contribuição para o processo de desenvolvimento profissional do educador.

Segundo Roldão (2007):

No caso dos professores, quer a função quer o conhecimento profissional se têm mutuamente contaminado, por um lado, por uma tendência para a difusão envolvida de uma discursividade humanista abrangente, que não permite aprofundar a especificidade da função nem do saber; por outro lado, e no extremo oposto, por uma orientação para a especificação operativa, associada à redução do ensino a acções práticas que se esgotam na sua realização, em que o saber é mínimo e a reflexão dispensável, e que acabam traduzindo-se numa tecnicização da actividade. (ROLDÃO, 2007, p. 97)

A autora afirma que é necessário encontrar um entre-lugar na profissão docente, nem apenas o amor pela profissão, nem somente a profissionalização docente, o que acaba englobando os professores como qualquer outra profissão que recebe pela hora aula dada, como se apenas esta ação o caracterizasse professor. Na verdade, a profissão professor é caracterizada por inúmeras funções, o professor trabalha antes, durante e após a prática docente. O docente está exercendo sua profissão em casa, quando está planejando suas aulas, atividades e provas antes de entrar na sala de aula. O faz, quando exerce a docência propriamente dita na sala de aula e realiza, posteriormente, quando corrige cadernos, provas em casa, quando participa de reuniões pedagógicas e reuniões com pais e/ou responsáveis.

## 2.2 Ciclos da carreira profissional docente

Ao aprofundar no estudo do tema e fazer a revisão da literatura, destaco alguns autores que desenvolvem pesquisas com professores iniciantes, a saber, Huberman, Nóvoa, Goodson, Tardif, Fontoura, André. Apesar de a presente pesquisa estar baseada na primeira fase da carreira docente, que é o período de inserção à docência e suas próprias características que irei explicar, de acordo com os estudiosos do assunto, considero relevante expor as outras etapas do desenvolvimento profissional docente, por um dos autores de referência.

Huberman (2000) traz apontamentos sobre o desenvolvimento da profissão docente, caracterizando tal desenvolvimento por meio das fases, a saber:

1ª Fase (1-3 anos de carreira): a entrada na carreira, também denominada como o período de sobrevivência, descoberta e exploração, na qual acontece a inserção profissional docente dos professores iniciantes.

O autor classifica essa fase como sobrevivência, descoberta e exploração. O processo de sobrevivência acontece em meio ao que o autor chama de “choque com o real”, quando o (a) professor (a) novato (a) traz expectativas que nem sempre estão de acordo com a realidade da sala de aula em que se encontram. Nesse momento da carreira, destacam-se as tentativas dos professores iniciantes que, por consequência, transformam-se em descoberta através da exploração. O (a) docente principiante está a explorar, porque tudo é novo para ele (a), por isso esse movimento de tentativa é realizado por meio do tateamento dos (as) principiantes. Para o autor, segundo a literatura prática, as dimensões da sobrevivência e da descoberta são vividas em paralelo, sendo que as descobertas da profissão docente é o que sustenta e permite muitas das vezes sobreviver à profissão.

2ª Fase (4-6 anos de carreira): fase de estabilização.

Esta fase caracteriza-se pelo sentimento de competência pedagógica na qual acompanha a sensação de confiança e conforto em relação à profissão. Constitui uma etapa decisiva na escolha da identidade profissional e é considerada como a fase de pertença a um corpo profissional e a independência, assim como a libertação ou emancipação, o que aponta, neste sentido, um grau de autonomia profissional (HUBERMAN, 2000).

3ª Fase (7-25 anos de carreira): fase de diversificação ou questionamento.

Nesse período da carreira, o professor encontra-se numa etapa de diversificação e de questionamentos que lhe permite transformar a sua prática. Nesse momento, os professores lançam-se numa série de experiências pessoais que possibilitam inclusive diversificar os materiais didáticos utilizados para se adequar à turma. Os professores sentem-se mais motivados e mais dinâmicos nessa ocasião, o que propicia estar aberto e em busca de novos desafios, até mesmo para a prática docente não cair na rotina. Esse estágio também é caracterizado pelo comprometimento em atividades coletivas que se relacionam com a necessidade de manter o ânimo pela profissão e de ver como professor no futuro sem que esta sensação seja de pesadelo (HUBERMAN, 2000).

4ª Fase (25-35 anos de carreira): estágio de serenidade e distanciamento afetivo.

De acordo com Huberman (2000), esse período é caracterizado pelas lamentações em decorrência do ativismo do período passado e pelas aventuras vividas. Mas, nessa mesma época, os professores também evocam serenidade em sala de aula como se soubessem o que iria acontecer e estivessem preparados para qualquer situação. Nessa fase, os professores se

aceitam como são e já não se preocupam mais com a aceitação por parte de outras pessoas do ambiente de trabalho. Ao mesmo tempo em que o investimento cai nesta fase da carreira, a sensação de confiança e de serenidade aumenta. Nessa fase, os professores também tendem a se afastar afetiva e emocionalmente dos seus alunos por vários motivos, dentre eles pelo pertencimento a gerações diferentes, o que torna o diálogo mais difícil.

Destaco que essa organização por fases é uma proposta desse autor, mas que acredito que não necessariamente há esse determinismo; as fases podem se alternar ou podem ter características distintas das elencadas aqui pelo autor estudado.

Na mesma linha, Tardif (2014) salienta que existem duas fases durante os primeiros anos de carreira. A fase inicial da carreira é de exploração (de um a três anos), caracterizada por alguns processos em que o professor escolhe provisoriamente a sua profissão. Passa pela transição, ou o rito de passagem da condição de estudante à de professor, à iniciação no sistema normativo informal através de tentativas e erros e na hierarquia das posições ocupadas na escola; o professor novato sente a necessidade de ser aceito por seu círculo profissional (alunos, colegas, diretores de escolas, pais de alunos) e experimenta diferentes papéis na profissão e, por fim, vem a descoberta dos alunos “reais” pelos professores, ou o que considera o autor como choque de realidade.

A segunda fase, a de estabilização ou consolidação da carreira (de três a sete anos), é marcada pelo investimento a longo prazo que o professor faz na sua carreira. Essa etapa também é caracterizada por uma maior confiança do professor em si mesmo e pelo controle dos diversos aspectos de trabalho, principalmente o pedagógico.

Cabe ressaltar que cada professor(a) irá vivenciar os períodos descritos de maneira particular e cada qual em seu tempo e sua maneira, dependendo de vários fatores, dentre eles, o ambiente de trabalho.

Ainda sobre o mundo do desenvolvimento dos professores, Goodson (2012) afirma que o ingrediente principal que vem faltando é a voz do professor, pois a princípio se dá ênfase na prática do professor, porém é necessário escutar a pessoa a quem se destina o desenvolvimento. Isto significa dizer que as estratégias traçadas devem propiciar e potencializar essa voz. O autor ainda afirma que o respeito pelo autobiográfico, pela “vida”, é apenas um aspecto de uma relação que permita ouvir a voz dos professores.

### 2.3 Professor iniciante

Destaco que, nesta pesquisa, iremos tratar exclusivamente da primeira fase da carreira docente, a fase de inserção à docência.

Segundo André (2018), autores da literatura educacional (MARCELO, 2009; NONO 2011; VAILLANT e MARCELO GARCIA 2012) indicam que o ingresso na docência é marcado por muitos desafios que levam o professor a experimentar sentimentos variados, oscilando entre a sobrevivência e a descoberta, entre o choque de realidade e a alegria de se sentir capaz de ensinar.

De acordo com Nóvoa (2017), é necessário firmar a posição como professor e afirmar a profissão docente como uma profissão de prestígio, tanto quanto outras profissões mais reconhecidas e valorizadas, como a medicina. É preciso entender que a profissão professor forma outras profissões e, portanto, merece reconhecimento, valorização, investimento e prestígio que são necessários também para se firmar uma profissão.

Para Goodson (2012):

O novo trabalho sobre a carreira docente aponta para o facto de que há *incidentes críticos* na vida dos professores e, em especial, no seu trabalho, que podem, decididamente, afectar a sua percepção e prática profissionais. Evidentemente que os estudos sobre os professores em início de carreira vêm apontando para a importância de certo incidentes na formação de estilos e práticas dos professores. (GOODSON, 2012, p. 74)

Em conformidade com o exposto, Nóvoa (2001) salienta que é inaceitável que uma pessoa que acabou de se formar fique encarregada das piores turmas, muitas vezes sem apoio nem acompanhamento. Quem está começando precisa, mais do que ninguém, de suporte metodológico, científico e profissional. Faz-se necessário acolhida, apoio, incentivo e encorajamento na profissão por parte dos professores mais experientes. Uma ajuda de alguém que dá as mãos para aquele professor que está iniciando na carreira, um caminhar junto para que o professor iniciante seja capaz de seguir o próprio caminho, a seguir na profissão. Fontoura (2019) concorda com o autor, quando alerta sobre os professores iniciantes terem as turmas mais difíceis, o que pode ser um fator a contribuir na desistência da profissão, o que poderia ser evitado caso houvesse uma política de apoio ao docente em questão.

Ainda de acordo com Nóvoa (2006), se tivesse de escolher a fase mais decisiva da profissão docente, daria prioridade à dos anos iniciais da profissão, porque, infelizmente, não

se dá a atenção conveniente a esse período que define, positiva ou negativamente, grande parte da carreira.

Para Costa e Fontoura (2015):

O período inicial da docência não significa apenas um momento de aprendizagem do ofício de ensinar, em função do contato com alunos. Significa, também, um importante momento de socialização profissional, da inserção na cultura escolar, da interiorização das normas, valores institucionais, preceitos, comportamentos, procedimentos. Algo que se efetiva no local de trabalho do professor e, por acontecer na escola, propicia o desenvolvimento de competências profissionais. (COSTA & FONTOURA, 2015, p.164)

André (2018) corrobora com o exposto, quando enfatiza que os principiantes precisam de apoio e orientação no ambiente de trabalho, para que reconheçam a complexidade da profissão docente que requer aprendizado constante para enfrentar os desafios inerentes à prática cotidiana, além de recorrer aos colegas mais experientes.

## **2.4 O que encontramos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES**

Ao fazer um levantamento sobre o tema, nos três últimos anos, no banco de teses e dissertações da CAPES, foi possível perceber que existem estudos sobre o assunto, mas há espaço para a expansão do tema, pois é de extrema importância que se discuta a inserção profissional dos professores iniciantes em seu ambiente de trabalho. Ao realizar a busca por professores iniciantes, foram encontrados 2.738 trabalhos. Desses, 1916 trabalhos de Mestrado e 822 trabalhos de Doutorado. Em 2017, foram registrados 1172 pesquisas; em 2018, 907 pesquisas e, em 2019, 659 pesquisas. Ao combinar com narrativas, encontrei 21.293 trabalhos, sendo 11.489 publicações de Mestrado, 4.962 publicações de Doutorado e 4.842 publicações de Mestrado profissional. Em 2017, foram encontrados 8.149 trabalhos; em 2018, 7.535 trabalhos e, em 2019, 5.609 trabalhos.

Então o que temos de diferente para contribuir com essa escolha temática? A perspectiva de fazer um estudo no local onde estudei, utilizando narrativas de docentes colaboradoras que trabalham em uma cidade específica do estado do Rio de Janeiro pode se anunciar como um ângulo ainda não visto ou talvez não explorado. É o que pretendo com esse trabalho, trazer narrativas locais. Ao acrescentar Maricá, o sistema não discriminou, ou seja,

não é uma palavra chave de pesquisa associada a professores iniciantes e narrativas, o que pode significar ser um bom caminho ainda não trilhado.

No capítulo seguinte, serão explanados os caminhos metodológicos percorridos na trajetória desta investigação que tem como base a pesquisa de cunho qualitativo e utiliza as narrativas dos professores no período de ingresso na profissão como fonte para entender a fase inicial da carreira docente na perspectiva dos participantes.

### 3 CAMINHOS DA PESQUISA EM MOVIMENTO

A narrativa torna-se um trampolim, um ponto de apoio para o salto do pensamento.

*Marie-Christine Josso*

O principal objetivo deste capítulo é expor o percurso metodológico desta pesquisa, que está embasada na abordagem qualitativa e utiliza as narrativas dos professores iniciantes com o propósito de investigar e compreender as experiências que compõem a profissão professor e o tornar-se professor durante a fase de iniciação à docência.

#### 3.1 Abordagem metodológica

A metodologia desenvolvida está pautada nas narrativas de professores novatos que estão vivenciando a inserção profissional docente e de professores que estão rememorando os processos de iniciação à docência que aconteceram há mais de 15 anos. Utilizamos as rodas de conversa como ponto de partida na busca de dados e materiais de análise, considerando depoimentos e relatos sobre as experiências de professores, enquanto iniciantes na carreira docente. Recorri às rodas de conversa como dispositivo metodológico, porque, de acordo com o dicionário da língua portuguesa, o verbo conversar vem do latim *conversare*, que diz respeito a uma ou várias pessoas: falar com outra e outras. Conversar. Viver, habitar em companhia de outros. Diz respeito a uma ou mais pessoas: tratar, comunicar e ter amizade com outra ou outras. Narrar.

A metodologia da pesquisa está embasada em Josso (2010), Delory-Momberger (2012), Souza (2007), Passeggi (2016), autores que corroboram no tocante à importância das narrativas de vida e formação para a construção do sujeito e do profissional, pois entendem que, ao falar de si e dos processos que estão imbricados, estão se conhecendo e se formando através das reflexões realizadas, ao significar e ressignificar os acontecimentos da vida, sem contar que as narrativas fazem parte da vida do ser humano, que está sempre contando ou ouvindo uma história.

As narrativas que são trabalhadas e difundidas por esses e outros autores possibilitam potência de criação e são dispositivos de formação e objeto de pesquisa possíveis de fazer ciência, pois as experiências narradas trazem em sua essência alguma contribuição para a produção do conhecimento, ou seja, elas reverberam no coletivo.

A situação de construção da narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências, que balizam a duração de uma vida (JOSSO, 2010).

Ainda de acordo com Josso (2010):

Falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível que apela para nossas emoções, sentimentos, sentido ou valores. A referência-recordação pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (o saber-fazer e os conhecimentos) serve, daí para a frente, quer como referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida. (JOSSO, 2010, p.37)

Desta forma, Josso (2010) evidencia que as experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experencialmente nas circunstâncias da vida.

Para Souza (2007), é preciso buscar refletir sobre as condições e processos de aprendizagem e de conhecimento que nos possibilitaram aprender a ser professor/professora.

Ainda sobre a metodologia escolhida para desenvolver a pesquisa com os professores, enquanto iniciantes, Passeggi (2016) nos diz que:

O que importa é que ao narrar sua experiência, a criança, o jovem, o adulto dotam-se da possibilidade de se desdobrar como espectador e como personagem do espetáculo narrado; como objeto de reflexão e como ser reflexivo. Essa relação dialógica e dialética entre ser e a representação de si confere ao humano um modo próprio de existência: como sujeito biográfico que religa o sujeito epistêmico e o sujeito empírico, no mundo da vida e do texto. O sujeito biográfico se constitui pois pela narrativa e na narrativa, na ação de pesquisar, de refletir e de narrar: como ator, autor e agente social. (PASSEGGI, 2016, p. 82)

Um dos caminhos para esta reflexão é a abordagem biográfica, na qual o sujeito produz um conhecimento sobre si mesmo, sobre os outros e o cotidiano, o qual se revela através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes, ao narrar com profundidade. Ainda segundo o autor, a narrativa é tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação e formação, porque parte das experiências e dos fenômenos

humanos advindos das mesmas, portanto uma metodologia produtiva de descobertas de si e da profissão.

Desta forma, entendo a conversa como possibilidade de interação entre as pessoas, na medida em que os envolvidos nesse processo deixam-se ser afetados pelo outro e por aquilo que é transmitido pelo olhar ou gesto. De acordo com Skliar (2011), a palavra “outro” engloba toda a sua história filosófica, cultural, política, psicológica e pedagógica. O autor ainda afirma que uma conversa não é apenas uma tomada de posição, mas, sobretudo, uma forma de exposição e de pensar.

As rodas de conversa possibilitam a fala e a escuta das experiências com outras pessoas, sendo momentos de formação. A conversa está presente na vida da humanidade, é por meio dela que os diálogos acontecem e a possibilidade de falar com o outro nos propicia o movimento de reflexão das nossas experiências, sendo possível múltiplas trocas e aprendizagens.

Na busca por responder ao objetivo geral da pesquisa, a saber, investigar os processos de inserção profissional docente de professores iniciantes da Educação Básica, a pesquisa foi realizada através das narrativas dos professores iniciantes colaboradores, porque o ato de narrar faz parte do nosso cotidiano, seja dentro ou fora da escola e torna-se relevante para a escrita de si e dos outros, sobre o que se observa e se aprende. Os cinco professores colaboradores lecionam no ensino fundamental da rede pública de ensino do município de Maricá. Delory-Momberger (2012) ressalta que a vida tem lugar na narrativa e tem lugar na história e que o narrativo é o lugar onde a vida humana toma forma, onde ela se elabora e se exprime sob a forma de uma história, portanto a narrativa constitui uma capacidade fundamental da espécie humana.

A autora ainda nos alerta que:

Não há vida humana sem narrativa; o homem vive sua vida contando-a. Para si mesmo e para os outros. Não há vida sem narrativa porque não há *humanidade* senão na sociedade dos homens e, portanto, na história. Mas logo a narrativa inscreve os homens na história e na cultura. Os homens não podem impedir que as histórias com as quais eles contam a si mesmos sejam também histórias de cultura e histórias de sociedade, isto é, histórias que eles partilham com outros, histórias que dizem sua pertença a uma história comum, da qual eles tiram as formas e significações de sua existência. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.48)

Nestas produções cotidianas, a narrativa é metodologia importante para o ato de refletir, pois neste processo de falar/escrever sobre si, as experiências do campo afetivo, cognitivo, sociocultural vão se potencializando. Somos repletos das marcas que trazemos ao

longo de nossa história, que nos fazem ser quem somos através das constantes mudanças vividas nas experiências e memórias em nossa existência. Tendo como campo epistemológico a formação docente frente aos desafios atuais, pode-se dizer que pensar a educação atual é trazer a formação de professores como base para o exercício da prática educativa, proporcionando um entendimento de que no campo da formação de professores não se trata de articular prática e teoria, pois elas não se separam. Há um estreitamento entre a teoria e a prática, pois a origem de qualquer teoria é a prática e só tem sentido com a prática já que essa serve para pensar a prática. Desta forma, pensar o saber produzido pelo professor nas suas práticas cotidianas e a articulação das práticas educativas e dos conhecimentos pedagógicos faz a prática confrontar a teoria e entender que a teoria é insuficiente para dar conta da prática.

De acordo com Passeggi (2016), o professor como ser aprendente é capaz de compreender a historicidade de suas aprendizagens, realizadas e por se realizar ao longo da vida, em todas as circunstâncias, e de produzir teorias e conhecimentos sobre seus modos de fazer, de ser e de aprender.

Em concordância como exposto, Fontoura (2007) diz que é preciso verificar possíveis relações entre teoria e prática, vivenciar situações cotidianas em um ambiente escolar, trabalhar os aspectos instrumentais da docência ressignificando seus potenciais, trabalhar a relação ensino-aprendizagem, enfim, trabalhar a prática do ofício de professor na escola e na sala de aula, contando com a ajuda de pares, utilizando materiais próprios do trabalho docente, consolidando crenças e valores pedagógicos próprios de sua experiência.

Rememorar os percursos de formação e as análises de implicação na construção do sujeito faz diferença na prática docente. Para Fontoura (2011), as narrativas se revelam como um excelente terreno para analisar e ressignificar aspectos da formação, muitas vezes desconhecidos pelos protagonistas dessas mesmas histórias.

Ainda de acordo com Fontoura (2019):

Consideramos que a análise das trajetórias de formação docente faz emergir concepções sobre o trabalho do professor entrelaçado em suas práticas cotidianas proporcionando pistas para a formação e profissionalização docente. Torna também possível andar em territórios que revelam a historicidade das experiências vividas, levando-as a ressignificações, fortalecendo o professor nos embates de sua formação, implicando na busca do entendimento de si e de sua ação cotidiana. Desse modo, a prática docente remete a uma dimensão que é individual e também coletiva, pois estão presentes em seu fazer sua história, seus valores e suas formas de pensar e agir, contextualizados na realidade vivida. (FONTOURA, 2019, p. 300)

### 3.2 Cenário da educação de Maricá

A Lei Orçamentária Anual de Maricá, que foi apresentada em dezembro de 2018 na Câmara dos Vereadores, mostrou que o município irá dispor para seus gastos, em 2019, de R\$ 2,55 bilhões, que incluem recursos que vão da arrecadação do município com impostos à receita com royalties do petróleo, entre outras. Na área da educação serão investidos R\$ 318,9 milhões. Ainda em 2018, a Secretaria de Educação de Maricá comemorou o resultado do IDEB<sup>5</sup> 2017 (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) que foi divulgado e Maricá ultrapassou a meta nacional referente ao Fundamental I (5º ano), que era de 5.2. O resultado obtido pela cidade foi de 5.5 – em 2015 (último ano de elaboração do índice) o município havia atingido a nota de 4.9. Além disso, o município apresentou um crescimento considerável no Fundamental II (9º ano): subindo de 3,9 para 4,5.

Ainda de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep (2019), as metas estabelecidas para as escolas são diferenciadas e visam alcançar seis pontos até 2022, média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos. Algumas escolas tiveram destaque nos resultados e foram as melhores colocadas, são elas: as escolas municipais Professora Alcione Soares Rangel da Silva (Bambuí), Professor Oswaldo de Lima Rodrigues (Itaipuaçu) e Barra de Zacarias, com, respectivamente, 6.5, 6.4 e 6.3 de notas. No segundo segmento, também tiveram excelentes resultados as escolas municipais Amanda Pena de Azevedo Soares (Bananal), Marques de Maricá (Itaipuaçu) e Vereador João da Silva Bezerra (Barra de Maricá). O educador Paulo Freire nos salientava que é preciso plantar a semente da educação para colher os frutos da cidadania, assim, ressaltando a essencialidade do desenvolvimento e manutenção de uma formação acadêmica para a consecutiva contemplação dos direitos cidadãos.

O resultado do IBED de 2019 também é animador para o município, já que o ensino fundamental I (5º ano) registrou a nota de 5.4. Maricá apresentou um crescimento considerável no fundamental II (9º ano): subindo de 4,9 para 5.1. Destaque para a Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra que alcançou a nota de 6.4 no ensino fundamental I e a nota de 6.1 no ensino fundamental II.

---

<sup>5</sup> O Ideb é um indicador usado para avaliar a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas em prol da melhoria do ensino oferecido, tendo como base a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho em dois exames: a Prova Brasil (para escolas e municípios) e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (para os estados e o País), que acontece a cada dois anos.

Quadro 2 - IDEB 2019

| 5° ANO                           | Aprendizado x fluxo = IBED |   |      |   |                  |
|----------------------------------|----------------------------|---|------|---|------------------|
| E. M. VER. JOÃO DA SILVA BEZERRA | 6,22                       | x | 0,99 | = | 6,1              |
| 9° ANO                           | Aprendizado x fluxo = IBED |   |      |   |                  |
| E. M. VER. JOÃO DA SILVA BEZERRA | 6,93                       | x | 0,93 | = | 6,4 <sup>6</sup> |

Fonte: Postagem no facebook da direção da E. M. Ver. João da Silva Bezerra.

Neste sentido, há que se destacar que a Prefeitura Municipal de Maricá está investindo na população e na promoção da cidadania, através da implementação e ampliação de programas que beneficiam o avanço da educação no município.

A população de Maricá conta com o programa Bilhete Único Universitário que foi criado pela Prefeitura Municipal de Maricá, em 2012. É administrado pela Secretaria de Assistência Social e seu objetivo é auxiliar no deslocamento de estudantes de faculdades públicas, privadas e alunos de cursos técnicos profissionalizantes, para instituições educacionais fora da cidade. Atualmente, cerca de três mil alunos desfrutam do benefício. O cartão é recarregado, mensalmente, sem custos para o usuário, com créditos de até R\$ 376,20 (de acordo com a grade curricular, com o horário das aulas semanais do aluno)<sup>7</sup>.

Os habitantes de Maricá podem dispor também com Pré-Enem popular. O curso em preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é gratuito e prevê a duração de oito meses. A formação é promovida pela Prefeitura Municipal de Maricá, por meio da Secretaria de Relações Institucionais e tem o apoio das pastas de Educação, Cultura e Economia Solidária. O curso está em sua quarta edição e conta com 900 alunos inscritos e com mais de 100 na lista de espera.

**O programa mais recente voltado para a educação é o Passaporte Universitário,** criado pela Prefeitura Municipal de Maricá, em 2019. É administrado pela Secretaria de Educação e conta com o apoio de cinco instituições privadas de ensino. São elas: Fundação Educacional Severino Sombra (Faculdade de Maricá); a Universidade Estácio de Sá; a Unilasalle (Faculdade La Salle); a Companhia Nacional de Escolas de Comunidade (CNEC); e a Fundação Educacional Serra dos Órgãos (Unifeso). São oferecidos dois tipos de bolsas de estudos aos moradores de Maricá, a bolsa social e a bolsa de excelência. A bolsa social é destinada aos candidatos que possuem renda comprovada de até seis salários mínimos e as

<sup>6</sup> Postagem do Facebook da direção da escola.

<sup>7</sup> Fui uma das contempladas do programa durante o período da graduação, o que me propiciou concluir os estudos, já que me foi concedido o benefício de ter o bilhete único universitário a custo zero, facilitando os meus dias e horários de deslocamento para a universidade.

bolsas de excelência aos candidatos que fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e obtiveram nota superior a 450 pontos, sem zerar a redação. O programa está sendo muito comemorado pela população, já que, no primeiro semestre de 2019, contemplou 1.241 alunos e, no segundo, mais 1.530 alunos, totalizando 2.771 alunos beneficiados pelo programa, apenas no seu primeiro ano de funcionamento. Nunca foi visto isso antes no município de Maricá, por isso tal programa já é considerado uma vitória, por estar abrindo as portas do ensino superior para tantas pessoas que sequer teriam a oportunidade de cursar o nível superior. Destaque também para o segundo semestre de 2019 são as bolsas ofertadas para o curso de Medicina.

Esse programa é um marco histórico para a educação de Maricá, pois é um investimento na qualificação e formação profissional realizado pela primeira vez no município. Um programa que propicia investimento e crescimento acadêmico e profissional para os moradores de Maricá, que visa à importância da formação pessoal e profissional do sujeito e acredita que, através da educação, é possível transformar a vida das pessoas, ofertando o nível superior e combatendo as desigualdades sociais.

No ano de 2020, o programa contemplou a população com mais duas mil bolsas de estudos. As aulas do primeiro semestre já tinham iniciado, quando foi decretado o isolamento social, sendo de responsabilidade das universidades o prosseguimento das aulas. Para os alunos que foram contemplados com as bolsas para iniciar no segundo semestre de 2020, ficou decidido que quem desejasse adiar o início das aulas para 2021 não perderia o benefício da bolsa concedida.

De acordo com a coordenação do referido Programa, para o primeiro semestre de 2020 seriam ofertadas 2000 vagas para a graduação. Agora o programa tem uma nova fase que é a oferta de bolsas de estudo integrais para a Pós-graduação. Para o primeiro semestre de 2020 seriam disponibilizadas 600 vagas para os cursos de Lato Sensu, distribuídos nas áreas de conhecimento: Ciências Exatas e da Terra (80 vagas); Ciências Biológicas (100 vagas); Engenharias (60 vagas); Ciências da Saúde (100 vagas); Ciências Agrárias (30 vagas); Ciências Sociais Aplicadas (70 vagas); Ciências Humanas (100 vagas); e Outros (60 vagas). A coordenadora do programa antecipou que o programa também ofertaria bolsas de estudo integrais para mestrado e doutorado. Assim seriam elaborados os editais.

O processo de inscrição e seleção ocorreu com normalidade sendo divulgada a lista com os aptos a ingressarem nos cursos de Pós-graduação, porém em março de 2020, a Secretaria de Educação informou a suspensão do início das aulas. A decisão decorre do artigo 73, § 10 da lei nº 9.504/97, que diz:

No ano em que se realizar eleição, fica proibida a distribuição gratuita de bens, valores ou benefícios por parte da Administração Pública, exceto nos casos de calamidade pública, de estado de emergência ou de programas sociais autorizados em lei e já em execução orçamentária no exercício anterior, casos em que o Ministério Público poderá promover o acompanhamento de sua execução financeira e administrativa. (Incluído pela Lei nº 11.300, de 2006)

O programa Passaporte Universitário possui previsão legal, porém as bolsas para os cursos de pós-graduação seriam concedidas pela primeira vez no início do ano de 2020, o que causou conflito com o artigo mencionado. Em nota publicada, a secretária de Educação afirmou que seria assegurado ao contemplado pelo Programa o direito à sua bolsa de estudos. O adiamento das aulas está mantido para 2021, sem nenhum prejuízo aos contemplados.

Em dezembro de 2019, o Secretário de Ciência e Tecnologia do Governo do Estado, Leonardo Rodrigues, anunciou um campus avançado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e uma unidade do Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), no município de Maricá.

Em 2020, o mundo foi pego de surpresa com a propagação da pandemia do novo Corona vírus. Diante do cenário imposto, as aulas presenciais foram suspensas e a Prefeitura Municipal de Maricá também buscou desenvolver e aplicar as aulas remotas para que os alunos não ficassem com tempo ocioso em casa. Em outro processo, foi estabelecida uma parceria das secretarias de Assistência Social e Educação por meio de ações sociais de colaboração e cuidado com os alunos da rede municipal e seus familiares. Entre as ações, está a distribuição de cestas básicas e kits de higiene entregues não só aos dos alunos da rede municipal, mas moradores cadastrados nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) que também receberam os kits de higiene, totalizando a entrega mensal de 68 mil kits de higiene e 30 mil cestas básicas.

### **3.3 Conhecendo o local e os colaboradores da pesquisa**

Esta pesquisa foi elaborada no território da atuação dos professores iniciantes, na Escola Municipal Vereador João da Silva Bezerra, localizada na Praça Ana Ferreira, nº1, Barra de Maricá – Maricá/RJ. A escola ainda se caracteriza como escola de bairro, que sofre as interferências das políticas educacionais e que guarda ainda a sua dimensão de bairro.

Durante muitos anos, o espaço físico da escola era um humilde casebre, à beira da Lagoa de Maricá. Hoje, a primitiva construção não existe mais, e a escola, que passou por diferentes instalações, funciona em um terreno doado pelo comerciante João da Silva Bezerra, cuja nome foi dado à escola, a partir de 28 de agosto de 1972, através da Deliberação nº 444 da SME de Maricá. Desde o início da sua fundação, funcionava com turmas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Os alunos que queriam continuar seus estudos tinham que atravessar, de canoa, o canal do Boqueirão para se deslocar até Maricá, que é o centro da cidade. A ponte que liga os bairros só foi construída em 1976, facilitando a vida dos moradores locais.

Em 1978, foi criado o segmento da Educação Infantil, que recebeu o nome da primeira professora da escola de Barra de Maricá, Professora Noêmia Bezerra. No ano de 1991, deu-se a complementação dos anos escolares de ensino fundamental, criando-se o segundo segmento.

A escola foi passando por várias reformas com a construção de mais salas, em função da demanda de mais alunos. Atualmente, a escola oferece apenas uma turma de ensino fundamental I (5º ano), pois a demanda dos alunos da escola mudou e apresenta a procura pelo ensino fundamental II e, para melhor atender esta demanda, a escola passará a oferecer o segundo segmento do ensino fundamental. Para isso acontecer da melhor maneira, a escola está passando por uma série de obras, com instalação de ar condicionado em todas as salas, inclusive.

Figura 15 - Fachada da escola em 2019



Fonte: Google Maps, 2019.

Figura 16 - Fachada da escola em 2020



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

A direção da escola é formada por pessoas que nasceram, moram ou trabalham em Maricá há muitos anos, todos da rede de ensino do município. Conhecendo bem a realidade e a comunidade em que atuam, procuram exercer uma gestão democrática e participativa. Existe um Conselho de Pais, Professores e Comunidade, estreitando assim os laços da escola com a comunidade.

A estrutura física da Escola João Bezerra atualmente é muito boa, bem apresentável e conta com laboratório de informática, biblioteca, parquinho, quadra, espaço de reforço. Os alunos têm aula de Artes e de Educação Física compondo o currículo regular da escola. Fiquei encantada em ver como o espaço melhorou. Hoje ele é bem colorido, vivo, com flores espalhadas pelo jardim, espalhando alegria e beleza, paredes pintadas, coloridas, lugar que respira vida. Bastante espaço para as crianças aprenderem, brincarem, se divertirem e se desenvolverem.

Continuando a construção das pontes para essa narrativa, retornei a essa escola com a intenção de pesquisar o processo de inserção profissional dos professores quando iniciantes da Educação Básica e escolhi visitar a escola do meu coração como forma de retribuição e agradecimento por tudo o que conquistei através da educação que começou nesse espaço escolar. Optei pelas narrativas dos professores, enquanto iniciantes, por entender que narrar é formativo e que as narrativas dos professores propiciam enxergá-los além do ser metodológico e epistemológico, sendo, assim, possível compreendê-lo como sujeito social.

No processo da construção da pesquisa, o primeiro passo foi visitar a escola e conversar com a equipe diretiva, apresentar o projeto de pesquisa e, com o apoio recebido, descobrir se naquela escola existia professor iniciando sua carreira docente. Durante a conversa, descobri três professores que estavam atuando exatamente nesse período da carreira. Fiquei feliz por encontrar os possíveis parceiros da minha pesquisa. Após esse

levantamento, foi a hora de encontrar e conversar com os professores, apresentar o projeto e torcer pela parceria.

Neste momento além de apresentar a intenção de pesquisa também contei brevemente minha trajetória de vida e formação pertencente aquele espaço escolar que eles estavam habitando. A resposta dos professores foi um sim imediato. Inclusive, um dos professores colaboradores quando aceitou o convite para participar da pesquisa me contou que sabia como era estar do outro lado como pesquisador, já que ele também estava vivenciando um processo enquanto pesquisador do mestrado. Sua pesquisa estava sendo desenvolvida a partir das histórias orais e disse que sabia como era difícil ter colaboradores para a pesquisa.

Para ajudar a compor este trabalho, surgiu a ideia de trabalhar também com duas professoras experientes, uma com 25 e outra com 15 anos de profissão e suas memórias do processo de inserção e socialização profissional docente, porque imaginei que seria uma oportunidade de troca de experiências e de aprendizagem entre as professoras experientes que lecionam no ensino fundamental I e os professores iniciantes que lecionam no ensino fundamental II. A proposta era aproximar as duas realidades de maneira a gerar reflexão sobre os processos de inserção e socialização profissional, assim como sua contextualização. Fiz o convite apresentando o projeto e também obtive uma resposta positiva das duas professoras experientes. Assim, a pesquisa conta com a participação de cinco professores, três deles estão de fato vivendo o início da carreira docente na Educação Básica e duas estão rememorando as experiências desse período.

Dentre eles estão a Professora Mariana<sup>8</sup>, bacharel em Biologia e Mestre em Genética, que possui licenciatura em Ciências. Leciona a disciplina de Ciências para as turmas do ensino fundamental II. Está no seu segundo ano de docência na Educação Básica, sendo nessa escola, seu primeiro ano. O primeiro ano de docência da Professora Mariana aconteceu na escola particular em que havia estudado e posteriormente na rede municipal de Barra do Piraí – RJ. Passou a lecionar na rede municipal de Maricá no início do ano letivo de 2019, após ser aprovada no último concurso que aconteceu para a educação em 2018.

O Professor Aluan<sup>9</sup> possui licenciatura em História e, atualmente, está cursando Mestrado na UERJ – Maracanã. Leciona História para as turmas do ensino fundamental II. Está no seu primeiro ano de docência na Educação Básica, também foi aprovado no último concurso do município e convocado para o início do ano letivo de 2019.

---

<sup>8</sup> A participante autorizou ser nomeada pelo seu nome real.

<sup>9</sup> O participante autorizou ser nomeado pelo seu nome real.

O Professor Renato<sup>10</sup>, bacharel em Comunicação Social pela UFRJ, possui licenciatura em Geografia pelo CEDERJ – UERJ. Possui Especialização em Política e Planejamento Urbano pelo IPPUR/ UFRJ, assim como Mestrado em Planejamento Urbano e Regional, e, no momento, é doutorando em Planejamento Urbano e Regional pelo mesmo instituto. Leciona a disciplina de Geografia para as turmas do ensino fundamental II. Está no seu primeiro ano de docência, tendo sido aprovado no último concurso do município em 2018, mas foi convocado para lecionar no segundo semestre de 2019.

A Professora Michele<sup>11</sup>, formada no Pedagógico pelo Colégio Estadual Pandiá Calógeras, que fica localizado em Alcântara – São Gonçalo, concluiu a licenciatura em Pedagogia no ano de 2018 pela UNIVERSO (Universidade Salgado de Oliveira), localizada em São Gonçalo. Possui especialização em Educação Ambiental pela Faculdade São Luís, em Alcântara – São Gonçalo. Leciona no ensino fundamental I. Está há mais de 20 anos no magistério e irá partilhar conosco as memórias do período de iniciação à docência que aconteceu na rede particular de São Gonçalo, onde a mesma reside.

A Professora Ana Lúcia<sup>12</sup>, formada no Pedagógico pelo Colégio Estadual Heitor Lira, localizado no Bairro da Penha/RJ. Possui licenciatura em História pela UFF (Universidade Federal Fluminense) e leciona no ensino fundamental I. Está há mais de 15 anos exercendo a profissão docente e também irá partilhar conosco algumas experiências da inserção e socialização profissional.

### **3.4 Encontros, narrativas e processos de inserção e socialização profissional**

Encontrar o outro é uma oportunidade de aprendizagens e experiências, pois, através do encontro, é possível ouvir e entender o outro e sua percepção da vida, de formação e de tantos outros assuntos que cabem dentro de uma conversa.

Para melhor facilitar nossa comunicação, mantive contato com os professores através do WhatsApp<sup>13</sup>. Combinamos o melhor dia e horário para a nossa primeira roda de conversa

---

<sup>10</sup> O participante autorizou ser nomeado pelo seu nome real.

<sup>11</sup> A participante autorizou ser nomeada pelo seu nome real.

<sup>12</sup> A participante autorizou ser nomeada pelo seu nome real.

<sup>13</sup> WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

e, logo após cada encontro, marcávamos o próximo, sempre com a ressalva da comunicação via telefone, caso surgisse alguma mudança de plano.

Combinamos que nossos encontros aconteceriam na escola mesmo, assim facilitando a participação de todos os envolvidos na pesquisa, já que ali era o espaço que eles estavam ocupando. Foi-nos cedido o espaço do refeitório, a princípio, por ser o único lugar que teoricamente não estaria sendo utilizado no momento da pesquisa. Mas, posteriormente, passamos a nos encontrar na sala dos professores. A escola estava passando por uma reforma durante o período da pesquisa, o que foi um desafio por conta do barulho e de tudo mais que implica numa obra, mas organizamos nossos encontros da forma que foi possível.

Quanto às rodas de conversa, propondo essa parceria com os professores que foram muito solícitos, eu fiquei me perguntando como desenvolver a pesquisa porque não queria nada fechado e nada enquadrado. Gostaria de participar de momentos de reflexão das suas práticas pedagógicas, das trajetórias de vida e formação enquanto seres humanos, professores iniciantes e professores que traziam experiências da profissão.

As rodas de conversa consistiram em acolher as narrativas dos professores colaboradores e estabelecer reflexões entre os pares sobre os percursos formativos e as experiências narradas. Skliar (2011) destaca que conversar sim, porém, não apenas de um, do outro ou de nós. Conversar sobre o que fazemos e o que nos passa naquilo que fazemos, das quais se constitui e configura o ato de educar, tanto como qualquer outro ato relacional. Conversar.

No primeiro momento, a dinâmica seria conversar com todos os professores ao mesmo tempo, a princípio definimos um horário que seria para todos os professores se encontrarem comigo, o que não aconteceu. Com a pesquisa em movimento, destaco que nem sempre foi possível conciliar os horários dos cinco professores colaboradores, porque a escola é viva e está em constante movimento e os professores têm as suas demandas e os seus horários, surgindo dessa maneira alguns imprevistos nos dias das rodas de conversa.

Nossa primeira roda de conversa contou com a participação de quatro professores. Um dos professores teve uma questão e não pode participar. Em um determinado momento da pesquisa, pensei que perderia a colaboração de um dos professores, porque não estávamos conseguindo nos encontrar no dia e horário combinados. Quando percebi a dificuldade, entrei em contato com ele e propus que a gente pudesse se encontrar em outro horário, só nos dois. Senti que tinha interesse em participar, pois se colocou muito aberto em colaborar, visto que também se encontrava em um processo de investigação de mestrado como pesquisador.

Disponibilizei-me encontrá-lo em outro dia e horário na escola que fosse melhor para o professor. Recebi sua afirmativa e o encontrei na escola quando possível para continuarmos nossa conversa. Em alguns momentos eu conversei apenas com as professoras do ensino fundamental I. Em outros momentos a roda de conversa se deu apenas com os professores do ensino fundamental II.

Trazemos Skliar (2011) para pensar sobre o conversar:

Palavra hospedada em outras palavras, como “amorosidade”, “amizade”, “hospitalidade”. Pode, em sua pronúncia, assumir a forma do acariciar, deslizar, acompanhar, capacitar, ajudar, educar. Mas também desolar, exilar, confundir, alterar, incidir. Às vezes, produz um imediato cansaço. Por si mesma se desprende, se desorienta e obriga um sujeito a estar com outro sujeito em meio a um código formal, para que ambos confirmem que não se sabe o que dizer ou que não há nada para se dizer. Começa com outro, não se sabe quando. Nem onde. Nem quem é o outro. Termina no interior de si mesmo, não se sabe por quê. Nem o que fazer. É um convite, não para explicar nem compreender, mas para transcorrer e devir eternamente em sua escarpada geografia. Como o errar e o amar, conversar é humano. (SKLIAR, 2011, p. 27)

A proposta da pesquisa não era ter perguntas específicas. Uma das professoras colaboradoras às vezes me pedia para fazer perguntas para que ela pudesse responder o que eu queria saber, mas a ideia era deixar que eles narrassem exatamente o que emergia daqueles momentos. Uma possibilidade talvez nos remeta a uma herança histórico-social de que o professor não tem voz, mas temos voz, queremos ser ouvidos e buscar diálogos.

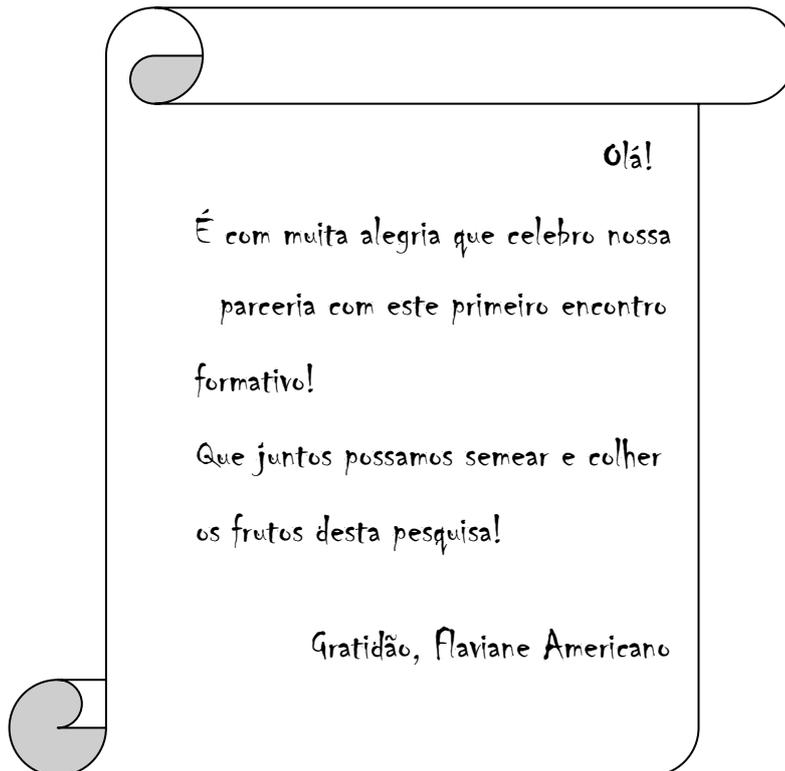
Para desenvolver este processo, apresentei algumas leituras motivadoras para que pudessemos dar início às rodas de conversa. Como eu gostaria de atingi-los naquele momento, de receber deles uma narrativa. Apresento a seguir os textos que nos instigaram reflexões. Também levei alguns objetos de memória e fomos conversando e a partir dessas leituras e desses momentos, as reflexões foram surgindo e as narrativas começaram a ganhar vida.

Refletíamos sobre a leitura e na semana seguinte a gente retomava e eu pensava o que poderia dialogar com o que aqueles professores me contaram naquela roda de conversa para que a gente pudesse continuar nosso encontro seguinte. Não tínhamos um tempo estipulado, mas as rodas de conversa não passaram de uma hora e meia. Os fios das narrativas foram sendo tecidos de forma espontânea e entrelaçados à pesquisa. Na verdade os próprios professores colaboradores encerravam as conversas quando percebiam que já haviam contado o que os tocaram e os fizeram construir uma narrativa.

Os encontros aconteceram entre outubro e dezembro de 2019. Com os processos para o encerramento do ano letivo na escola, como fechamento de diários, lançamento de notas e

Conselho de Classe, não foi possível um encontro para confraternização como eu havia planejado. Este encontro foi proposto no início do ano letivo de 2020, considerado um período mais flexível para os professores. Cheguei a combinar logo para depois do carnaval, mas fomos surpreendidos com a pandemia o que nos impediu o encontro.

### 1ª RODA DE CONVERSA



Para a nossa primeira roda de conversas apresentei um poema que tinha como tema a força do professor, já que nosso primeiro encontro aconteceu na semana do Dia do Professor e porque eu gostaria que eles partilhassem e refletissem sobre as experiências que os fizeram escolher a profissão docente. Fiz a leitura do poema para contribuir com a nossa conversa na reflexão sobre o ofício de professor.

#### **A Força do Professor**

**Bráulio Bessa**

*Um guerreiro sem espada  
sem faca, foice ou facão  
armado só de amor  
segurando um giz na mão*

*o livro é seu escudo  
que lhe protege de tudo  
que possa lhe causar dor  
por isso eu tenho dito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.*

*Ah... se um dia governantes  
prestassem mais atenção  
nos verdadeiros heróis  
que constroem a nação  
ah... se fizessem justiça  
sem corpo mole ou preguiça  
lhe dando o real valor  
eu daria um grande grito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.*

*Porém não sinta vergonha  
não se sinta derrotado  
se o nosso país vai mal  
você não é o culpado  
Nas potências mundiais  
são sempre heróis nacionais  
e por aqui sem valor  
mesmo triste e muito aflito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.*

*Um arquiteto de sonhos  
Engenheiro do futuro  
Um motorista da vida  
dirigindo no escuro  
Um plantador de esperança  
plantando em cada criança  
um adulto sonhador  
e esse cordel foi escrito  
por que ainda acredito  
na força do professor.*

Ao abrir a roda de conversas, fiz a leitura do poema e depois começou a surgir a fala dos professores. Nesse momento, os professores contaram um pouco da formação, da história de vida que perpassa os caminhos formativos, da atuação pedagógica e do papel que o professor exerce enquanto sujeito do conhecimento. E da noção da função deste papel para a educação e para a sociedade, função essa que está sendo construída por alguns professores, enquanto outros já possuem essa ideia. Refletiram sobre os passos que os fizeram escolher a

profissão docente, já que dois dos cinco professores eram formados em outras áreas do conhecimento e um deles já exercia a profissão há um tempo.

Ao refletir sobre a trajetória e os movimentos que os fizeram escolher profissão docente, destacamos as seguintes narrativas:

*A minha licenciatura em Geografia é uma segunda licenciatura, fiz primeiro bacharelado em Comunicação Social na UFRJ, porque eu tive uma mãe que foi professora de Letras Português e uma professora que não gostou da experiência de sala de aula e ela sempre foi uma pessoa que não motivou a ocupar este espaço de sala de aula, sempre falou muito mal disso. Então eu resolvi fazer licenciatura em Geografia pra dar coerência à minha trajetória acadêmica que foi caminhando pra um lado pra área de estudos urbanos e também pra ocupar espaço de sala de aula na Educação Básica, porque eu já tive experiência em ensino superior, só que eu tinha vontade de dar aula na educação básica e eu não podia dar aula porque eu não era licenciado. Eu sempre tive um projeto de sair da capital e ir para o interior, então dar aula me possibilita fazer isso. Não com muitas certezas, eu não tenho certeza que eu quero sair da capital, mas é algo que eu penso, então o magistério me dá essa possibilidade. Basicamente essas foram as motivações e eu acho que existe uma disputa mesmo que precisa ser feita no campo da educação, uma disputa ideológica de projeto de sociedade e essa disputa vai se dar dentro de sala de aula, eu tenho bastante clareza da minha tarefa como professor da educação básica. (Professor Renato)*

Antes de optar pela docência na educação básica, o professor ocupava a sala de aula do nível superior, pois o mesmo havia optado pelo bacharelado. Com o passar do tempo, foram surgindo projetos de vida que o fizeram se interessar em dar aula na educação básica. Apesar de entender que iniciou a docência tardiamente, afirma ter sido uma escolha claramente consciente e compreendendo o seu papel enquanto professor. Afirma ainda que essa noção da sua função é primordial, pois acredita que há uma disputa de projeto de sociedade na atual conjuntura do país que precisa ser realizada por meio da educação, dentro de sala de aula na qual parte do pressuposto da construção de relação entre os indivíduos para o fortalecimento e estabelecimento de uma sociedade participativa capaz de transformar a própria realidade e de enxergar o outro além de si próprio.

*Engraçado que você (Renato) começou falando da sua mãe, eu não tinha pensado em falar da minha mãe antes. Minha mãe também era professora, do primeiro segmento e ao contrário ela me incentivou muito. Ela gostava muito de dar aula e ela tinha muito prazer e enchia a boca pra falar que era professora. Ela nunca disse seja professora, mas quando eu encasquei com essa ideia, ela me apoiou bastante. E eu na verdade, eu sempre fui muito perdida, então eu fiquei com muita inveja de você com essa missão aí, porque estou construindo agora a minha meta, o meu objetivo de estar aqui. Fiz bacharelado em genética, fiz mestrado em genética, mas no fundo eu sabia que eu queria fazer licenciatura, eu sempre soube, mas eu também achava que precisava fazer outras coisas antes porque se eu fizesse licenciatura eu sabia que eu ia entrar na sala de aula e não ia voltar mais. Embora eu não tivesse muita consciência do meu papel, da minha função, que eu tô criando assim agora, era o meu desejo, é onde eu me encontrei. Quando eu fiz a licenciatura*

*eu fui para o estágio no Pedro II, eu falei: cara é isso que eu quero na vida. Então assim, eu fui querendo dar aula. Estou gostando desse espaço assim que eu posso falar das minhas fragilidades porque é o início e eu não tenho muita vergonha de ser ruim. Eu sei que eu não sou uma professora boa, tô aprendendo muito. De um ano pra cá eu mudei totalmente, mas eu me sinto mais à vontade em falar os defeitos. (Professora Mariana)*

A professora Mariana expõe o desejo que tinha em atuar como professora, mesmo tendo percorrido outros caminhos antes de se decidir pelo magistério; destaca também importância que o estágio teve na sua formação, pois, foi nesse momento de aproximação com a prática pedagógica, que ela se encontrou e começou a se ver professora. Tal fato nos leva a problematizar como o componente curricular Estágio está inserido na formação dos futuros professores nas instituições de ensino, sendo ofertado, em muitas instituições, apenas no período final da formação. Como já mencionado anteriormente, faz-se necessário que essa área do conhecimento seja integrada ao início da formação docente por se tratar de uma aproximação com o ambiente profissional que irá ocupar. O estágio proporciona a aproximação entre Universidade e Escola Básica, encontro que se faz cada vez mais necessário.

Percebemos, também, que a educadora se encontra no processo da construção do seu papel enquanto professora e do desejo de partilhar conosco esse início de atuação docente, por entender que é um espaço formativo. Mas, que apesar de ainda estar compondo a sua identidade docente, em meio aos desafios da fase inicial, compreende que viveu experiências que a fizeram alcançar algumas mudanças na profissão. Essas percepções são possíveis por meio das constantes reflexões que o docente realiza no cotidiano ato de ensinar.

*Na verdade, comigo a questão de ser professor, ela foi na verdade uma decisão que demorou um bom tempo pra se amadurecer na minha cabeça. Eu não me via como professor não, não me via, não percebia assim uma capacidade de trabalhar com jovens, de trazer tudo aquilo que eu tinha aprendido, de articular o que eu tinha aprendido através de uma linguagem, de uma dinâmica com jovens, né? Eu não enxergava essa capacidade, eu achava que não ia dar certo, que eu não ia ser um bom professor, eu achava que não. Uma questão de insegurança assim eu tinha, apesar de ser tímido eu sempre tive facilidade de falar em público, mas não via mesmo. Depois que eu terminei a faculdade e passaram-se alguns anos tive muitas experiências e muitas reflexões também, muitos conselhos e aí eu comecei a amadurecer isso na minha cabeça. Eu lembro de uma conversa que tive com um amigo muito próximo meu, me fez refletir muito sobre isso. Ele me falou assim: você é um cara que tem tanto conhecimento, tanta coisa pra oferecer, tanta coisa pra compartilhar, que talvez você pode contribuir tanto com a vida de várias pessoas, vários jovens e você vai deixar isso contigo, preso aí dentro, guardado? Não vai compartilhar em nada? Amanhã ou depois quando você partir isso vai tudo com você, qual o sentido disso? (Professor Aluan)*

O processo de amadurecimento pela escolha da profissão para o Professor Aluan demorou um pouco, de certa forma, porque o mesmo não se via preparado para ocupar esse lugar, não tinha segurança de colocar em prática o que havia aprendido na teoria, ao longo do curso e, apesar de ter feito licenciatura, não se enxergava capaz de exercer a profissão. Desta forma, acentuamos a importância de uma formação de professores que possibilite a articulação entre teoria e prática, entendendo que o educador também constrói teoria por meio de suas ações pedagógicas diárias. E para o desabrochar e o desejo pela profissão foi fundamental uma tomada de posição para assumir este papel de mediador da aprendizagem.

*Atuo no magistério desde os 17 anos, tenho 23 anos de magistério sem cessar, me formei em Pedagogia há pouco. Assim, minha vida é educação, sou grata à educação porque minha vida literalmente, meu sustento, como eu posso dizer? Tudo que eu tenho hoje é devido à educação, tudo que eu conquistei pra minha vida e tô conquistando pra vida da minha filha foi através da educação. Então assim, é uma via de mão dupla né? Você vai e trabalha muito, se desgasta, tem dia que você quer jogar tudo para o alto. Não aguento mais, o que eu tô fazendo aqui? Sou louca, mas no fim eu percebo que eu não seria a pessoa que eu sou sem estar atuando na educação. Essa parte aí de professor! Eu estudei no Madre Iluminata, em Alcântara numa escola particular, numa escola de madres, católica, estudei só até o segundo ano lá, que na época era segunda série, me apaixonei pela professora Elizabete, me apaixonei por ela, até hoje assim. Eu sei que ela não lembra de mim, mas eu lembro dela. Quando vou na casa da minha vó, sempre a vejo, ela é vizinha lá. A parte assim que mais me fez ser professora foram as aulas dela! Gente! Eu achava um sabor, ela falava. Eu... como ela fala bonito. E eu achava que ela era milionária, que era muito rica! Mas não! Era pobre, era pobre mesmo! Eu quero ser professora como ela, quero ser rica como ela, quero falar com ela, ela falava gostoso. Até hoje eu não aprendi a falar gostoso como ela. Quando ela falava dava vontade de ouvir. Elizabete! Então assim, eu quis ser professora por causa dela, então sempre vai ter um aluno que vai se inspirar em você! Sempre tem, gente! Então, eu nunca tive a oportunidade de falar isso pra ela, é uma senhora bem idosa já, mas assim quando a vejo, professora! Bate a mãozinha assim. Mas parar pra dizer assim: professora, eu sou professora por causa da senhora, nunca tive essa oportunidade! Até sem jeito, porque já passaram centenas, ela não é mais professora, já tá aposentada já, mas foi ela que me inspirou, Professora Elizabete, professora de Língua Portuguesa, no Madre Iluminata. (Professora Michele)*

A professora Michele compartilhou a sua escolha pela docência, afirmando que a profissão lhe possibilitou alcançar muitas conquistas pessoais e profissionais também. Contou que o encantamento e amor pelo magistério surgiu por meio da paixão que passou a nutrir por uma professora que lhe deu aula na então segunda série. Durante a narração, percebi que seus olhos brilhavam ao falar com tanto carinho dessa professora, que foi o seu maior incentivo para ingressar na docência. A Professora Elizabete lhe inspirou para viver a docência e, por mais que os desafios da carreira sejam árduos, percebe que esse é o caminho que deveria ter trilhado se inspirando na Professora Elizabete, compreendendo que também pode ser inspiração na vida dos seus alunos.

*Eu tenho uma professora na família, a minha tia mais velha é professora de Português e de Literatura e desde muito cedo eu convivi com a rotina dela, ela trabalhava de dia na contabilidade de uma universidade pública e à noite ela ia pra Saracuruna dar aula num supletivo de Português e Literatura. Acho que duas ou três vezes por semana e aí nos finais de semana que ela tinha tempo de planejar as aulas, de corrigir prova, de preparar diários, essas coisas todas e desde então eu gostava muito de ficar do lado dela, ver a rotina, ver o que ela fazia, corrigir as provas. Com seis ou sete anos, acho que a vida inteira, quando ela se aposentou eu já tinha terminado o segundo grau, já tinha feito a formação de professores e ela por ser a tia mais velha sempre foi o espelho. A influência dela foi primordial, não tinha outro caminho pra seguir, não tinha outra escolha também. Na época que sai do ginásio fui direto para formação de professores, não tive muita dúvida, mas na época de escolher a universidade, de preencher aquelas fichas todas eu fiquei meio perdida. Eu achava que não queria continuar na profissão, mas não sabia muito bem pra onde ir. E ela sentou do meu lado e falou comigo: você sempre gostou muito de História e Geografia, sempre foram os seus pontos fortes, sempre gostou de ler, de questionar, você sempre gostou de pesquisar sempre foi uma pessoa curiosa para essas coisas e se você vir que não gosta é só mudar, ela não engessou a escolha pra mim, ela me mostrou o que era do meu gosto, o que eu gostava de fazer. Sou formada no pedagógico, segundo grau desde 1994, mas não atuo desde aquela época. Quando eu terminei a faculdade, apesar de ter feito História que é licenciatura, tudo direitinho eu tinha certeza absoluta que a minha área de atuação não era junto às crianças do segundo segmento, quando eu terminei a faculdade eu sabia que eu não queria trabalhar com o segundo segmento. Eu sabia que a minha vocação e o meu gás eram para as crianças menores do primeiro segmento. (Professora Ana Lúcia)*

Faço uma aproximação com o que o educador Paulo Freire<sup>14</sup> nos dizia sobre esperança do verbo esperançar, que significa ir atrás de um objetivo, não desistir e simplesmente esperar algo acontecer, sem ação. Assim, reflito no professor atuante, protagonista do seu papel de educador, aquele que estabelece uma relação de parceria com os educandos, que ajuda na realização de sonhos, que acredita na força da educação para a construção de um mundo mais solidário, democrático, humano e igual. Apesar de ser formada no pedagógico, a professora não tinha certeza se realmente queria seguir a profissão docente, tanto que a decisão pelo curso universitário em História foi uma escolha que lhe possibilitaria trabalhar como Historiadora, em outras áreas como museus, por exemplo. Entretanto a graduação em História foi uma oportunidade para se descobrir na carreira docente.

## **2ª RODA DE CONVERSA**

### **Sete hábitos dos bons professores fascinantes Augusto Cury<sup>15</sup>**

<sup>14</sup> Trecho do relatório enviado ao PPGEdU da Conferência de encerramento do XII Seminário ANFOPE ministrada pela Professora Maria Beatriz Luce – UFRGS. O evento aconteceu na UFBA no ano de 2019.

<sup>15</sup> Augusto Jorge Cury, mais conhecido apenas como Augusto Cury, nasceu em 2 de outubro de 1958, em Colina, São Paulo. Anos mais tarde, formou-se em medicina pela Faculdade de São José do Rio Preto. Tem doutorado em Administração de Empresas pela Florida Christian University, instituição americana do estado da Flórida, com a tese “Programa Freemind como ferramenta global para prevenção de transtornos psíquicos”. Augusto Cury é um psiquiatra, professor e escritor brasileiro. Com obras publicadas em mais de 70 países, é um

1. *Bons professores apenas passam conhecimentos. Professores fascinantes são aquele que conhecem seus alunos e transformam seu saber em experiências.*
2. *Bons professores são didáticos, professores fascinantes usam os olhos, a emoção para auxiliar no aprendizado.*
3. *Bons professores exploram o mundo, a imensidão. Os professores fascinantes exploram o mundo dos seus alunos.*
4. *Bons professores usam a mente como mero armazém de dados e informações. Os professores fascinantes utilizam a mente para ser suporte de criatividade.*
5. *Bons professores são lembrados na época de escolas. Os professores fascinantes ficam na memória e não é esquecido jamais*
6. *Bons professores corrigem apenas a agressividades de seus alunos. Os professores fascinantes resolvem da melhor forma os conflitos.*
7. *Bons professores capacitam seus alunos para uma profissão. Os professores fascinantes capacitam e preparam seus alunos para sua vida.*

Para nossa segunda roda de conversa, optei por iniciar com a leitura do texto acima, devido a algumas falas dos professores que apareceram durante nosso primeiro encontro: o fato de ter expectativas do que é ser um bom professor e a realidade com a qual temos que lidar no dia a dia no exercício da docência, após a formação, e o que apreendeu de conhecimentos, principalmente, numa fase tão delicada e complexa da profissão que é o início da docência, pois a todo momento é a expectativa versus a realidade.

De acordo com Tardif (2014):

Essa fase crítica e de distanciamento dos conhecimentos acadêmicos anteriores provoca também um reajuste nas expectativas e nas percepções anteriores. É necessário rever a concepção anterior de “professor ideal”. Com o passar do tempo, os professores aprendem a compreender melhor os alunos, suas necessidades, suas carências, etc. Com efeito, o “choque de realidade” força a questionar essa visão idealista partilhada pelos professores novatos, visão essa que, por uma questão de sobrevivência deve ser apagada. (TARDIF, 2014, p. 87)

Os professores dialogaram bastante quanto à idealização de escola, de alunos, de expectativa do que é ser professor e o que de fato acontece na realidade cotidiana da escola. Salientam que, apesar dos desafios impostos pela profissão e por essa fase de início da

docência e inserção profissional, buscam alternativas para “tocar o barco”. Algumas destas alternativas vêm por meio das experiências vividas por eles que se deslocam quando percebem necessidade, que se transformam para poderem transformar a prática pedagógica de acordo com o que a turma e o momento exigem, o que requer atenção, sensibilidade e dedicação dos professores.

Essa questão do que é ser um bom professor está ligada ao modelo de docência que foi sendo construído culturalmente e socialmente. Normalmente a sociedade tem um modelo de representação docente como se fosse um único modelo a ser praticado, quando, na verdade, compreendemos que não é assim.

*Na primeira semana eu refleti assim: eu acho que a gente como professor não deve nem colocar muita expectativa nos nossos alunos. Esperar que aquilo ali vai ser uma coisa assim, como eu posso dizer? Tentar encaixar a realidade no que a gente tem de expectativa na nossa cabeça. A gente não pode superestimar aquilo ali e nem subestimar os alunos. Nem jogar essa expectativa pra baixo. A gente tem que encontrar um equilíbrio, porque muitas das vezes a realidade não corresponde à expectativa. Percebi que eu não posso colocar expectativa demais porque eu posso acabar me frustrando, isso dentro da sala de aula. Não tem receita de bolo e estar na sala de aula nesses meses tem sido sempre uma surpresa a cada semana, tem sido surpreendente! Essa expectativa, não sei se isso é muito dos professores novos e depois quando vai envelhecendo essa expectativa vai caindo, mas essa expectativa de ser um bom professor, né? (Professor Aluan)*

Podemos observar na narrativa do Professor Aluan, que, nessa fase de inserção profissional, ocorreu o que chamamos de choque de realidade, o que de acordo com Huberman (2000) e Tardif (2014) comumente acontece, mas, apesar de ter ocorrido esse choque, o professor buscou estratégias para conduzir suas aulas, porque não existe uma receita pronta que possibilite ao professor acertar em suas escolhas pedagógicas, pois considera que ainda está tateando o ambiente escolar e tudo mais que envolve o processo de aprendizagem. Na verdade, são tentativas do que é possível ser realizado já que nessa etapa é tudo novo e pode dar certo ou não.

Tudo isso tem a ver com a expectativa de dar conta e de ser um bom professor, quando, na verdade, precisamos problematizar o que é ser um bom professor. Será que ser um bom professor é dar todo o conteúdo proposto para determinada turma em determinado período? Ou será que para ser um bom professor basta saber a matéria que irá lecionar? Esses e outros questionamentos nortearam nossa roda de conversa, já que cada professor possui suas próprias construções, social e histórica, do que é ser um bom professor. Mas, sobretudo, ficou muito claro que, para o Professor Aluan, ser um bom professor é fazer alguma diferença

na vida dos alunos de forma positiva, é de fato ajudar na formação dos alunos, uma formação para além da sala de aula, uma formação para a vida.

*Na verdade, uma aula que pode parecer conteudista e encher de matéria no quadro é uma aula que eu tô dando pra eles... É mais importante pra mim eles tentarem um pouco se acalmar e copiar e seguir uma metodologia mínima de ter o mínimo de disciplina, porque é uma coisa que quando li no Paulo Freire me deu até uma alívio. Pra entender precisa de disciplina, pra aprender a estudar você precisa ter disciplina. Então não é na bagunça que vão aprender! Agora, é claro existem várias formas de você chegar a disciplina né? Formas autoritárias e não autoritárias. Eu tento alcançar a disciplina de formas não autoritárias, o que é bastante difícil. E aí uma das coisas de encher o quadro é tentar que no mínimo eles copiem, que eles tenham a disciplina de passar pro caderno o que tá no quadro. Não é das aulas mais agradáveis nem pro aluno nem pro professor. Mas eu tento fazer isso de vez em quando, não faço isso sempre. Amanhã eu não vou fazer isso, eu não faço nunca duas aulas seguidas assim. Mas eu tento um pouco que eles tenham essa disciplina mesmo de conseguir copiar alguma coisa do quadro. Então essas coisas eu tô aprendendo. Tô há muito pouco tempo dando aula, não completou três meses ainda. (Professor Renato)*

Ficou claro que, como professor novato, o Professor Renato está buscando estratégias para conduzir suas aulas, porque, na medida em que cada turma responde de uma maneira, é preciso buscar formas outras para colocar em prática o que se planejou, principalmente quanto à questão de disciplina. Autoridade é o inverso de autoritarismo, assim sendo, o educador opta por mecanismos não autoritários para conseguir alcançar a disciplina em sala, o que é mais difícil, exatamente por considerar que é através do diálogo que se alcança a disciplina e não por meio do autoritarismo. Considera-se um aprendiz e está ciente de que a questão da disciplina é construída nas relações que são estabelecidas em sala de aula.

*Eu cheguei lá também com essa ilusão de que era uma cidadezinha do interior, tudo mais calmo, talvez seja comparado ao Rio e Niterói, não sei, só dei aula em escola pública lá, mas assim meses depois estava com calo nas cordas vocais, já estava chorando todos os dias quando saía da escola, já estava desesperada. Eu não tinha o menor controle de turma, o menor. Eu me lembro. Peguei o 6º ano só e eu não fazia menor ideia, comecei a construir o controle de turma. Tinha essa diretora que me ajudava, mas de resto era tudo muito difícil. Eu lembro da sensação que eu cheguei e eu queria ser uma professora diferente, esse negócio dessa doutrinação que a gente faz com os corpos não dá. Quer sentar senta, quer ficar em pé fica, quer falar vamos falar junto. Aí você chega lá e vê que não é assim que funciona. Porque eles pedem limites, que eles precisam de limites. De alguma forma aquilo dá um suporte pra eles, dá uma orientação na vida deles. Pedir pra eles sentarem, falar na hora certa. Mas aí que cheguei querendo ser diferente, nenhuma aula minha vai ser no quadro, vou trazer experimento, vamos trazer não sei o que. Cara, no primeiro dia que mandei a gente pra quadra pra fazer fósfil de argila, sei lá o que, os alunos pegaram a bola, jogaram bola, pisando, nunca mais quis sair com eles da sala de aula, nem pra sala de vídeo. E aí eu cheguei eles me amaram, que eu era a professora legal, a professora descolada, que levava coisa diferente, que não brigava tanto, principalmente por causa disso, que era mais flexível. Aí passou uns poucos meses eu comecei a ser odiada. Muitos alunos começaram a me odiar. E eu comecei a ver que os alunos estavam me odiando porque a minha aula virou uma*

*bagunça. Aí começaram a falar que eu não passava matéria, porque eu não dava quadro, eu dava, eu xerocava do meu dinheiro (maluca), só pegava coisa cara, queria ser perfeccionista, queria ser a melhor professora do mundo, melhor ano da minha vida, realizei meu sonho. Fui aprendendo a me tornar uma professora comum. (Professora Mariana)*

A professora Mariana narra sobre as expectativas que tinha a respeito da docência e o que de fato ela encontrou na escola, afirmando não ter o controle de turma. Também conta que imaginava que seria uma professora diferente por ser mais flexível, o que era interpretado de outra forma; no entanto, precisou aprender a ser uma professora comum. A docente relata que esse período foi complicado e de descobertas da profissão, principalmente no que diz respeito à construção da identidade profissional. Conforme destaca Fontoura (2019), a construção da identidade profissional docente acontece na confluência de momentos de prática e de teoria, em que o professor, sujeito de sua formação, produz saberes superando dicotomias e fragmentações tão características de nossos processos educacionais.

*Então se for pra fazer uma retrospectiva, esse quadro representa muito pra mim do quanto eu mudei a minha proposta pedagógica, a minha visão da aprendizagem. Porque quando eu iniciei eu queria que meu aluno soubesse não importasse como e naquela época infelizmente, em 1997, eu tenho certeza que assim, a maioria aprendeu mecanicamente. Hoje pra mim o que vale é aprender significativamente, que é o aprendizado que vai pra vida toda. É o que você aprende no seu dia a dia, no seu saber. É aproveitar um gancho do seu aluno. Eu uso essas vivências deles para poder trazer um aprendizado pra sala de aula, é importante! Meu primeiro ano foi péssimo. Porque eu não sou o que sou hoje, porque eu era carrasca, como falei com você isso aqui me lembrou na época que era o cuspe e giz! Os cadernos das minhas crianças eram grossos assim porque as mães achavam muito bonito ter quantidade, não queriam qualidade não, então tasca-lhes dever! Eu não me reconheço, aquela não era eu, mas eu tinha 17 anos de idade, né? Então é isso, hoje em dia assim é aquilo: a palavra é evolução, você evolui o tempo todo, cada ano você melhora mais! (Professora Michele)*

É preciso contextualizar o momento em que a Professora Michele vivenciou suas primeiras experiências da inserção profissional, pois o modelo de educação vigente era outro. A própria professora reconhece que aconteceram transformações não só no modelo de educação, mas sobretudo em sua prática pedagógica, na medida em que os acontecimentos da profissão docente fizeram com que ela vivesse momentos de reflexão de si e da profissão, o que requer sensibilidade e mudança de comportamento. Quando começou a lecionar, ainda era uma jovem de 17 anos, que acabara de se formar no pedagógico e, conforme os anos foram passando, percebeu que a evolução aconteceu. Isso se dá quando você se disponibiliza

a sair da sua zona de conforto, quando você se coloca aberta às mudanças e se dispõe a aprender.

*Então, do período em que eu me formei até o período que eu comecei a trabalhar foi muito tempo. Eu me formei em 1994 e não caí em sala de aula, eu não entrei pra trabalhar logo de início, então eu saí e me formei e logo entrei pra faculdade e graças a Deus não precisei trabalhar durante o período universitário. Então quando eu comecei a trabalhar de fato 10 anos depois quase, em 2004 quando eu comecei, eu já era uma adulta com uma vivência universitária. Eu achava naquela época quando eu comecei que eu tinha que mandar as crianças prontas, como se elas... Ah concluiu a alfabetização tá pronto, tá fechado, tá no quadradinho pra poder receber o novo nível de conhecimento de segundo ano. O conhecimento era meio estanque, né? Aquela coisa assim, aqui no primeiro ano conseguiu alcançar todos os objetivos, tá fechadinho, embrulhadinho pra presente, passa pro outro. Como, mesmo como se fosse uma linha de produção, em que numa parte da linha de produção você põe os parafusos, na outra você aperta, na terceira você faz uma outra parte. Hoje não! Hoje eu consigo entender essa questão da construção do conhecimento, eu tô construindo conhecimento com meu aluno não a medida que ele tá pronto e finalizado para a série seguinte, mas a medida que ele já alcançou as habilidades pra continuar avançando no conhecimento dele no ano seguinte. Eu acho que foi esse movimento de 2004 prá agora vem mesmo com a maturidade, de não achar que ah eu vou conseguir em um ano oferecer tudo que o meu aluno precisa pro ano seguinte. (Professora Ana Lúcia)*

Cabe ressaltar que, nessa narrativa, a Professora Ana Lúcia rememora sua inserção profissional, que aconteceu há 15 anos, em um outro contexto social e educacional. A professora também assume ter vivenciado o choque de realidade, mas destaca ainda que as experiências pessoais a fizeram encarar de forma amadurecida tal choque. Além do espanto, a princípio por determinado acontecimento, a professora pôs-se a repensar como resolveria tal questão. Houve uma empatia por parte da educadora em relação aos seus alunos, pois entendeu qual era a necessidade da turma naquele momento, dessa forma foi construindo uma relação de confiança com a turma. Foi necessária uma tomada de posição e firmeza para assumir a responsabilidade de dar um passo para trás investindo em avançar muitos outros passos.

### **3ª RODA DE CONVERSA**

#### **Retrato do artista quando coisa**

**Manoel de Barros<sup>16</sup>**

*A maior riqueza  
do homem*

---

<sup>16</sup> Manoel de Barros (1916-2014) foi um poeta brasileiro. Foi um dos principais poetas contemporâneos. Autor de versos nos quais elementos regionais se conjugavam a considerações existenciais e uma espécie de surrealismo pantaneiro. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/manoel\\_de\\_barros](https://www.ebiografia.com/manoel_de_barros). Acesso em 15 de setembro de 2020.

*é sua incompletude.  
 Nesse ponto  
 sou abastado.  
 Palavras que me aceitam  
 como sou  
 — eu não aceito.  
 Não aguento ser apenas  
 um sujeito que abre  
 portas, que puxa  
 válvulas, que olha o  
 relógio, que compra pão  
 às 6 da tarde, que vai  
 lá fora, que aponta lápis,  
 que vê a uva etc. etc.  
 Perdoai. Mas eu  
 preciso ser Outros.  
 Eu penso  
 renovar o homem  
 usando borboletas.*

No decorrer da pesquisa, questionava-me como daria prosseguimento aos encontros com os professores colaboradores, quando percebi que uma roda de conversa se entrelaçava com outra e assim os temas das nossas conversas foram surgindo. Não diferente, abri a terceira roda de conversa com um poema, escolhi Manoel de Barros, porque percebi relação com o que conversamos na última roda, quando os professores narraram algumas experiências, seus medos, anseios, conquistas, derrotas e a vontade de continuar lutando e acreditando numa educação possível de atender às demandas da sociedade, acreditando no ser humano, sujeito capaz de pensar e de transformar a própria realidade. Neste momento, os professores relataram um pouco a relação com a escola de maneira geral, as relações que se estabeleceram com os alunos e com os sujeitos envolvidos neste processo escolar.

*É muito importante pra mim, porque eu dependo deles, sabe? Então eu tô assim o tempo todo recorrendo a eles no dia a dia, mas assim aqui no João Bezerra são os que mais me atendem, me explicam, são pacientes comigo. É isso, eu preciso de paciência, que tenham paciência comigo, justamente porque eu tô começando, então eu tô toda hora tirando dúvida. Teve um dia que teve um problema com uma aluna, aí resolveram mandar ela ser suspensa, mas eu me senti mal, culpada, aí comecei a chorar, então tipo assim na direção já me consolaram, me dão muito suporte. Eu preciso, tem professor que não precisa, mas eu como professora amadora eu preciso muito, desde coisas de indisciplina de aluno, até matéria, até conteúdo, até coisas burocráticas. Nunca fiz uma Feira de Ciências, então eles estão me orientando. Aqui o pessoal é bem solícito e essas coisas burocráticas, tipo diário, documento, sabe? Já assinaram um monte de coisa pra mim, às vezes até atrasado porque perdi o prazo. A Stella é muito solícita e ela gosta, acho que isso é muito legal daqui que a equipe ela veste a camisa e ela gosta. São essas pessoas que me fazem continuar dando aula, sabe? Por exemplo, eu já devo ter comentado dela, eu trabalhei em outro município em duas escolas e a diretora de uma das escolas*

*virou minha mãe assim, melhor amiga, eu dormia na casa dela, ela me deu suporte. Então assim, lá foi diretora, aqui são aquelas pessoas que estão abertas a te acolher pra você deixar sair suas fraquezas. Nem todo mundo você consegue fazer isso. Se não fosse essa diretora do ano passado com certeza eu teria desistido. (Professora Mariana)*

Constata-se que, para a Professora Mariana, professora principiante, é de suma importância a acolhida para o exercício da docência e para o processo de socialização profissional já que este caracteriza-se também pela interiorização das normas de funcionamento da escola e de hierarquização da mesma. Identifica-se na fala da educadora que ela teve esse suporte por parte da equipe escolar, tanto no primeiro ano de inserção na docência, quanto neste segundo ano de carreira. Tal suporte pode fazer toda a diferença na permanência da profissão, considerando a narração dessa professora que afirmou não ter desistido da docência no primeiro ano de profissão por conta do apoio de sua diretora e que, posteriormente, encontrou este mesmo suporte no atual ambiente escolar em que trabalha.

*Na verdade, eu acho que meu trabalho também em grande medida foi positivo esse ano justamente por essa cooperação que eu encontrei aqui na escola, principalmente na questão da parte pedagógica, da orientação da escola. Eu percebi que aqui os professores têm muita autonomia, eles deixam a gente realmente com muita autonomia pra realizar os trabalhos. Foi importante pra mim o apoio da coordenação também na questão mais burocrática, o lado mais burocrático do professor porque parece uma coisa óbvia a gente já ter certa experiência, mas algumas coisas eu simplesmente não tinha ideia mesmo, questões de diário, algumas questões do funcionamento da escola, desse dia a dia que são coisas que você pega mesmo na prática. E assim com relação a isso eu tive muita ajuda, eu tive muito suporte principalmente com relação ao diário que assim demorou um pouquinho pra eu pegar o ritmo né? Ainda tô pegando, também porque são muitos detalhes no lidar com as crianças no dia a dia assim, a gente tem também diversos colegas que dão esse suporte. (Professora Aluan)*

O professor traz em seu relato a parceria que estabeleceu com a equipe escolar e como esse auxílio fez toda a diferença no fazer cotidiano da profissão. Desse modo, somos capazes de afirmar a relevância da parceria entre os pares. O apoio disponibilizado foi significativo para a construção diária da profissão, considerando as dificuldades e fragilidades que são habituais nesse momento de chegada à profissão, não somente na socialização profissional, mas nas atribuições burocráticas do educador.

*Fui e sou muito testado pelos alunos o tempo todo. Quando eu cheguei, eu peguei duas turmas de um professor substituto e peguei uma turma do professor Antonino que é o professor da casa de muitos anos, então a gente conversou, ele foi me apresentar pra turma, me fez essa passagem de bastão, foi muito legal. E aí o resto a gente conversa na sala dos professores, conversa no Conselho de Classe e tem um grupo de professores que vai ficando mais amigos assim. Relação é tudo o que esse momento histórico não quer, relações que não sejam utilitaristas. Um ambiente*

*escolar saudável, de construção de outras relações solidárias, de cuidar. Essas questões de construção de relação são muito diferenciadas né? Como você toca em cada aluno. Requer uma habilidade muito grande, não é uma coisa fácil pra quem está preocupado com eles. Mas eu também sou professor novo, espero que eu continue sempre assim preocupado com eles. Essa preocupação mexe comigo emocionalmente, eu quero sempre tê-la porque a partir do momento que eu não tiver mais preocupado com formação dele dentro das minhas limitações, aí eu acho que eu não posso jogar toalha, eu acho que é mesmo uma batalha, às vezes eu me sinto numa batalha. (Professor Renato)*

No início do exercício da docência, o professor passou por uma série de obstáculos, dentre eles assumir uma turma em andamento sendo testado a todo momento pelos alunos a ponto de acharem que o fariam desistir e pedir para sair da escola, caso fosse muito perturbado. Apesar disso, esse professor recebeu o apoio de um outro professor da casa, que fez uma espécie de passagem de bastão.

Recordo Nóvoa (2017), quando afirma que o professor novato deve receber o jaleco do professor mais experiente, assim como ocorre na profissão médica, quando os médicos mais experientes vestem o jaleco nos médicos iniciantes. É como se fosse mesmo um ritual de acolhida na profissão, um ritual de passagem, aquele que deixa de ser estudante e passa a ser profissional. Mais uma vez observa-se a empatia e a colaboração entre os pares para que a adaptação seja o mais agradável possível. O professor enfatiza que a construção de relação entre as pessoas é uma das características essenciais para a socialização e a atuação docente, mas deixa claro que tais relações precisam ser solidárias e verdadeiras.

*Eu lembro que pra mim era difícil entrar na questão social do aluno até porque a questão social naquele tempo era um tabu. A função do professor em sala de aula era tradicionalista, você tinha que só dar conteúdo, conteúdo, conteúdo. E pouco importava a vida social do aluno, da onde o aluno vinha, qual era a origem, como era a família, se a família era uma família completa, se a família era diferente e assim não entrava nisso. Eu me limitava a dar a matéria e pronto, seguir um cronograma, isso há 23 anos. Aí conforme foram passando os anos eu mesma fui vendo que o professor, o papel do professor está muito além daquele de só ensinar. É ensinar, é participar da vida do aluno, é saber, é primeiro conhecer o eu do aluno, você conhecendo o eu do aluno tudo flui, né? Tudo funciona. Eu fui evoluindo conforme a música, fui dançando, dançando e fui vendo qual era o melhor caminho pra mim, fui me habituando. A gente vê o progresso dos alunos, a evolução, alunos que nós demos aula no primeiro grau, já estão no segundo grau, no ensino médio, já estão fazendo faculdade, já estão terminando a faculdade, esse que é o bom de ser professor! É você ter a recompensa mais tarde, ver que você contribuiu para o crescimento daquela pessoa. O lado bom é só esse mesmo porque se não fosse por isso, eu já tinha largado o magistério há muito tempo porque já passei por poucas e boas. Passei e passo ainda. Como eu comecei numa escola pequena não tinha coordenadora pedagógica então você planejava, então assim é tudo você e você, então não tinha assim relações pra você estabelecer, era você que botava o barco pra ir à deriva. Tá entendendo? Então assim, as relações que eram estabelecidas eram as relações com os alunos mesmos, você criava vínculo com os alunos, você tava ali, você dava o máximo de si pelos alunos. Agora pela questão assim da escola, questão de projeto, nada! Não tinha relação nenhuma, era aquela*

*coisa muito comercializada, você trabalhava, prestava um serviço, recebia o salário que era muito pouco, uma miséria na época e até hoje é em escola particular e pronto. O único lugar que eu recorria antigamente era sala dos professores. Antigamente em Alcântara todas as papelarias tinham a sala do professor. Isso há 20 anos, né? Agora não existe mais isso! A última agora foi a papelaria Delta em Alcântara que fechou a sala dos professores. Assim, embaixo a papelaria, em cima era a sala do professor, você poderia entrar, ficar lá a tarde toda planejando, aí eles disponibilizavam livros, disponibilizavam um monte de coisa pra gente. Então o único suporte que eu tinha era a sala de professor das papelarias de Alcântara. (Professora Michele)*

A Professora Michele começou na docência em uma época completamente diferente da que vivemos atualmente, por conta disso não obteve suporte para inserção na carreira nem tampouco para a socialização profissional. Não teve orientação da equipe de trabalho para trilhar essa fase única e importante na vida do professor. Em contrapartida buscou outras alternativas como as salas de professores, que as papelarias de Alcântara disponibilizavam para pesquisas.

As papelarias disponibilizavam as salas, os livros e tudo o que fosse necessário para as pesquisas. Desde a época em que cursava o pedagógico, uma professora que a orientou a procurar essa sala, já que era necessário correr atrás e se virar para estudar. Atualmente, as papelarias continuam a existir, mas as salas de professores acabaram dando lugar aos almoxarifados e depósitos dos estabelecimentos.

*Meu primeiro ano de trabalho foi lá em Bambuí, no Professora Alcione. E num ambiente completamente diferente da minha vivência porque eu fui criada numa cidade grande e Bambuí na época era muito rural. Muito pobre, muito rural, carente. Eu me deparei com crianças que estavam na época era primeira B que seria o segundo ano hoje e uma grande quantidade, a turma grande turma de 30 alunos e uma grande quantidade de crianças não alfabetizadas. Já no segundo ano e não alfabetizados então a discrepância do que eu esperava encontrar na sala de aula pro que eu encontrei foi muito grande, né? Mas eu já tinha uma vivência pessoal, enquanto indivíduo eu já tinha uma vivência, então assim apesar do susto eu acho que não fiquei tão é... tão desmorteada pra lhe dar com aquilo, porque eu pensei assim: não adianta eu querer tratá-los como um segundo ano se eles não sabem ler, e aí o que que fazia? Voltava! Voltei pro conteúdo de alfabetização A direção reclamava um pouco, os pais também reclamavam porque achavam porque parecia que tava voltando pra trás. Mas na verdade não tava voltando atrás, eu tava caminhando no passo do que eles conseguiam me acompanhar! E em seguida, um ano depois de estar lá, eu me mudei aqui pro João Bezerra. E aí aqui eu já encontrei uma realidade totalmente diferente. O que acontece é que em determinados lugares você encontra um diretor que está com a mente mais aberta e que permite que o professor trabalhe com mais liberdade. (Professora Ana Lúcia)*

A Professora Ana Lúcia destaca que precisou estabelecer uma relação de confiança e segurança com os alunos, familiares e com a equipe diretiva da escola no período de inserção profissional docente. A docente precisou adequar sua prática pedagógica à realidade da sua

turma, parecendo assim que estava retrocedendo o processo das crianças quando ela afirma que o estava fortalecendo.

Sobre isso, Nóvoa (1997) salienta que:

As situações conflitantes que os professores são obrigados a enfrentar (e resolver) apresentam características únicas, exigindo, portanto, características únicas: o profissional competente possui capacidades de auto desenvolvimento reflexivo (...) A lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva. (NÓVOA, 1997, p. 27)

É importante destacar o olhar sensível desta professora, quando, de acordo com sua narrativa, não forçou uma etapa para a qual os seus alunos não estavam preparados. Ela afirma ainda que sua adaptação ao espaço e realidade escolar não foi o seu maior desafio, mas sim os direcionamentos que vinham da Secretaria de Educação (macropolítica) sem considerar o que acontecia no chão da escola (micropolítica). Percebe-se, assim, a disputa que permeia os currículos que são pensados para as escolas.

#### 4ª RODA DE CONVERSA

##### RECOMEÇO

**Bráulio Bessa<sup>17</sup>**

*Quando a vida...*

*Quando a vida bater forte e sua alma sangrar,  
quando esse mundo pesado lhe ferir, lhe esmagar,  
é hora do recomeço, recomece a lutar.*

*Quando tudo for escuro e nada iluminar,  
quando tudo for incerto e você só duvidar,  
é hora do recomeço, recomece a acertar.*

*Quando a estrada for longa e seu corpo fraquejar,  
quando não houver caminho, nenhum lugar para chegar,  
é hora do recomeço, recomece a caminhar.*

*Quando o mal for evidente e o amor ocultar,  
quando o peito for vazio e o abraço faltar,  
é hora do recomeço, recomece a amar.*

*Quando você cair e ninguém lhe aparar,*

---

<sup>17</sup> Bráulio Bessa se define como um fazedor de poesia. O poeta nasceu em Alto Santo (interior do Ceará) no dia 23 de julho de 1985. Quando tinha apenas 14 anos, Bráulio começou a escrever poesia popular - inspirado no seu principal ídolo, o poeta Patativa do Assaré. Disponível em [https://www.ebiografia.com/braulio\\_bessa](https://www.ebiografia.com/braulio_bessa). Acesso em 15 de setembro de 2020.

*quando a força do que é ruim lhe derrubar,  
é hora do recomeço, recomece a levantar.*

*Quando a falta de esperança lhe açoitar, se tudo que for real for difícil suportar,  
mais uma vez é hora de recomeçar, recomece a sonhar.*

*Enfim meu povo. É preciso de um final para poder recomeçar.  
Como é preciso cair para poder se levantar.  
Nem sempre engatar a ré significa voltar.*

*Remarque aquele encontro, reconquiste um amor, reúna quem lhe  
quer bem.*

*Reconforte um sofredor, reanime quem está triste, reaprenda na  
dor.*

*Recomece, se esforce, lembre o que foi bom, reconstrua cada  
sonho, redescubra algum dom, reaprenda quando errar,  
rebole quando dançar.*

*E se um dia lá na frente a vida der uma ré, recupere sua fé e  
recomece novamente.*

Nosso quarto encontro foi marcado por esse poema de Bráulio Bessa, pois no encontro anterior os educadores narraram que estavam esgotados, muito cansados. Esse encontro aconteceu no final de novembro de 2019 e os professores estavam na correria de correção de provas, trabalhos, lançamento de nota nos diários, conselho de classe e tudo mais que permeia esse período final de ano letivo. E novamente surgiu o tema para a nossa conversa, que é o recomeço da profissão, a possibilidade de fazer de novo, de recomeçar outro ano letivo, de repetir o que os professores consideraram ter dado certo e que tiveram êxito no exercício da docência e desconsiderar o que não foi tão bom assim.

Os professores estão empolgados com a garantia do descanso, das tão sonhadas e merecidas férias, com a possibilidade de relaxar a mente, colocar as ideias em ordem. Relataram o sentimento de dever cumprido, de terem feito o que se propuserem a fazer e o que foi possível realizar, afirmando que demandam transformação em suas práticas pedagógicas e a contínua busca de novas aprendizagens. Expressaram o desejo de permanecerem no caminho da docência exercendo a profissão de professor.

*Eu tô animada pro ano que vem, agora não. Tô doida pra entrar de férias e começar, eu acho que eu fico com essa coisa... É uma nova oportunidade assim de fazer melhor meu trabalho, porque teve mais coisas que eu não alcancei do que alcancei, então tem muitas coisas que eu quero consertar na minha forma de dar aula, em tudo. Fui nessa semana num simpósio sobre jogos de educação, eu tô procurando assim me atualizar, ver métodos diferentes. Só que assim, no momento*

*zero energia, negativa, negativíssima. Chega quarta-feira assim, quero dormir e acordar só no Natal. Acabar novembro. Queria pular, tô sem energia nenhuma, mas ao mesmo tempo tô animada com essa perspectiva de ter férias e depois uma nova chance, sabe? Turma nova, cabeça nova. Eu gosto dessa sensação de começar de novo, de ter mais uma chance, mais uma oportunidade. Mas as metas assim, eu falo que não alcancei, mas quando você para pra ver, a gente passou por muita coisa. Muitas coisas novas assim, primeira Feira de Ciências, primeiro muitas coisas assim. E eu acho que não é que foi bom, mas eu gosto de aprender, eu gosto de sentir que eu tô crescendo. Então por isso que eu ainda quero sim continuar sendo professora, porque eu ainda sinto que eu tô animada pra me desenvolver, pra melhorar, pra afinar meu trabalho, mas só que cansa demais. (Professora Mariana)*

A profissão docente é repleta de desafios diários, um dia é diferente do outro, uma turma é diferente da outra e, apesar da rotina fazer parte da escola e da sala de aula, o professor é desafiado a encarar e vencer as questões que lhe aparecem a todo momento. Isso requer habilidade e um engajamento para lidar com os reveses da carreira docente. Todo esse processo também traz um esgotamento físico e mental para o professor, que demanda descanso para renovar as energias para um novo projeto. Percebe-se aqui que a professora anseia por esse momento de pausa por conta do excesso de cansaço, contudo, de certa forma, com a sensação de ter feito o que era possível, mas com o desejo de fazer tudo de novo na próxima oportunidade e continuar crescendo pessoalmente e profissionalmente.

*Eu posso dizer que nesse primeiro ano ele foi assim bem intenso, bem intenso, bem intenso porque como eu acho que eu falei na última vez, tudo é novo. Então assim eu sou um cara que normalmente eu coloco expectativa nas coisas, às vezes até demais, eu coloco expectativas nas coisas novas, eu coloco expectativa nos projetos e você fica sempre naquela ansiedade, né? Como é que vai ser? E assim eu entendo que foi bem intenso, tiveram altos e baixos posso falar, mas no geral o saldo foi muito positivo, eu me adaptei assim mais rápido do que eu imaginava, como você não tem ideia eu achei que ia ter muito mais dificuldade pra me adaptar a realidade escolar, esse dia da dia da escola e assim como tudo que é novo acontecem decepções também, muita das vezes coisas que eu preparei, que eu coloquei aquela expectativa em cima algumas vezes não deram certo acabaram não saindo como eu tinha planejado assim, aulas, trabalhos. Posso dizer assim que foi uma surpresa pra mim esse ano, foi uma surpresa muito boa, muito boa mesmo, foi um ano assim em questão profissional excelente, muito bom, eu não imagino se teria com ser melhor porque até no que eu errei eu parei e refleti e vi que eu errei, foi assim... erros totalmente relacionados com inexperiências por não saber o que fazer, várias situações você se pega sem saber realmente o que fazer, como responder aquela situação. Tudo é novo, tudo é novo e na verdade dos erros eu tirei um aprendizado muito maior esse ano, tirei um aprendizado muito maior e automaticamente também já é uma coisa na minha cabeça eu já vou pensando nos próximos anos, nos próximos anos eu vou fazer diferente, então assim com certeza vou tá aí firme e forte ano que vem. Adorei a experiência de estar como professor, ser professor, foi muito gratificante! (Professor Aluan)*

O novo normalmente nos dá medo, mas também é uma chance de nos mover para caminhos que propiciem viver novas experiências. Assim aconteceu com o professor quando na sua fala percebe-se o desejo de permanência na profissão docente após esse primeiro ano

do exercício do ofício de ensinar. Destaca-se também que, apesar dos desafios e dos erros que serviram de aprendizado, o período de inserção e socialização profissional foi considerado positivo. A adaptação na carreira e no ambiente escolar se deu gradativamente, foi mais fácil do que o professor novato poderia imaginar.

*Pra mim esse semestre caiu de paraquedas. Eu não esperava ser convocado para o concurso no meio do ano e aí eu peguei processos pela metade né? Isso tem várias implicações, pegar processo no meio. Implicação de resistência dos alunos com professor novo, implicação de comparações e mais toda a adaptação mesmo de entender os conteúdos, as diferentes formas didáticas de idades diferentes. Entender o nível de dificuldade que eu tenho que colocar em cada exercício pra ser possível, eu ainda tô medindo isso, diminuir um pouco a minha cobrança em cima deles e por aí vai, ainda tô tateando. Eu espero no ano que vem ter oportunidade de planejar melhor o meu ano, conhecer melhor os alunos. Comecei a dirigir o carro com ele andando! Eu acho que essa parada agora de fim de ano vai ser boa. Mas eu tô feliz assim, eu tô feliz com a possibilidade de estar aqui, acho que é uma escola com espaço para criar coisas, acho que possibilita também ensaiar algumas coisas que eu quero desenvolver, atividades fora da escola. Mas foi assim um ensaio mesmo porque eu tenho que parar pra pensar em como desenvolver porque se não cai numa rotina. Mas eu acho que foi muito bom assim, no geral, foi muito bom, tá sendo né? Mas assim, um pouco isso, sensação assim dei conta, mas quero fazer melhor! Mas acho que também foi bom assim, é melhor chegar também, pegar um ano inteiro com essa experiência. Vai ser melhor o ano que vem pra mim, tendo essa experiência de seis meses, do que começar do zero. Acho que já conheço a escola, bem ou mal já conheço como as coisas funcionam, então um período de experiência assim muito bom pra fazer um ano que vem melhor. A gente passa a se conhecer melhor, a conhecer melhor a nós mesmos assim nessa relação, pra mim a relação com os alunos é uma coisa muito chave assim. (Professor Renato)*

Nota-se que houve maior dificuldade de adaptação nesse período de início na carreira docente por vários fatores, dentre eles, como o próprio professor mencionou, o fato de que ele pegou processos pela metade. De forma geral, já é desafiador assumir sua primeira turma no início do ano letivo, como surgiu na fala de outro professor, então imagine o quão árduo é receber uma turma que já está em andamento com outro colega. O que já era difícil se intensificou, e isso ficou bem claro na narrativa desse professor, mas, embora tenha sido custoso, esses primeiros seis meses foram essenciais para a vivência de experiências que o fizeram declarar a sensação de dever cumprido, porém com o anseio de fazer melhor no próximo ano, ou seja, uma busca de aprendizagem para continuar o desenvolvimento profissional docente.

Nesse período foi possível a construção da identidade profissional, para afirmar a profissão de professor e expressando a vontade de persistir na carreira docente. Marcelo (2009) afirma que o desenvolvimento profissional docente pode ser entendido como uma atitude permanente de indagação, de formulação de questões e procura de soluções.

No item seguinte, iremos analisar e interpretar as narrativas dos professores lançando mão da tematização para desenvolver os achados da pesquisa.

### 3.5 Análise e interpretação das narrativas com a Tematização

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.

*José Saramago*

Segundo Fontoura (2011), os dados não falam por si em pesquisa qualitativa, então precisamos problematizar o que encontramos através do diálogo entre o que achamos e a teoria. Para isso, a estratégia utilizada, nesta pesquisa, para a análise das narrativas será a tematização. A tematização é composta por sete passos, a saber, a transcrição de todo o material coletado; a leitura cuidadosa para conhecimento do material; demarcação do que será considerado importante; levantamento dos temas; definição das unidades de contexto; esclarecimento do tratamento de dados, a partir da separação das unidades de contexto do corpus e, por fim, a interpretação propriamente dita, à luz dos referenciais teóricos.

Ainda de acordo com a autora, a análise temática permite apreender núcleos de sentido contidos nas entrevistas (narrativas); os temas podem ser determinados a priori ou de acordo com o material coletado no campo e estabelecidos a partir dele.

É necessário esclarecer ao leitor que, para desenvolver a metodologia escolhida, não há juízo de valores, nem tampouco julgamento do que é narrado, mas sim uma seleção dos temas para o desenvolvimento da pesquisa. Ao escolher esta metodologia de análise das narrativas, busco cotejar os referenciais teóricos desvelando ao leitor o que o sujeito está narrando e como as narrativas dos professores iniciantes reverberam na dimensão social, no coletivo.

Quadro 3 - Afinal, o que é a tematização? (Continua)

| Etapas   | Definição   |
|----------|---|
|          | A tematização é uma metodologia que consiste na escolha de temas levantados durante a pesquisa, na qual o pesquisador considera relevante para analisar e fazer um aprofundamento dos mesmos. |
| 1º Passo | Transcrição de todo material coletado (forma oral) (entrevistas gravadas ou filmagem) ou escrita (perguntas abertas em questionários ou depoimentos escritos).                                |

|          |   |
|----------|---|
|          |   |
| 2º Passo | Leitura atenta para conhecimento de todo o material, deixando as impressões e intuições fluírem, inicialmente, para depois ir precisando os focos.  |
| 3º Passo | Demarcação do que será considerado relevante, delimitando o <i>corpus</i> de análise, sob forma de exploração do material com vistas à codificação, inicialmente com recortes do texto em unidades de registro, que podem ser ideias, palavras, frases, metáforas, enfim, passagens que pareçam ao pesquisador significativas para seu trabalho. Os dados deverão ser classificados e agrupados de acordo com as ideias-chave.  |
| 4º Passo | Para cada agrupamento de dados, levantar os temas, sinalizando nos textos os trechos que sinalizam esta seleção (caso seja um trabalho de um grupo de pesquisa, mais de um olhar pode ser produtivo). O processo de agrupamento de temas deve seguir alguns princípios, são eles: <i>coerência, semelhança, pertinência, exaustividade e exclusividade</i> .  |
| 5º Passo | Definir unidades de contexto (trechos mais longos) e unidades de significado (palavras ou expressões). A análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja frequência de aparição (desde muito frequente até apenas uma vez) pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. Podemos nos indagar sobre a importância qualitativa dos temas para objeto de estudo, como por exemplo: O tema revela alguma faceta do objeto de estudo que interessa ao pesquisador? |
| 6º Passo | Esclarecer o tratamento dos dados, a partir da separação das unidades de contexto do <i>corpus</i> . O tratamento dos dados pode ser feito através da organização de quadros que tragam as unidades de contexto, as unidades de significado e sinalizem para procedimentos de interpretação.  |
| 7º Passo | Interpretação propriamente dita, cotejando à luz dos referenciais teóricos. A partir das interpretações, o pesquisador pode propor inferências de acordo com premissas previstas no seu quadro teórico ou abrir outras pistas em torno de dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material. Trata-se de um longo trabalho de construção e reconstrução contínua.   |

Fonte: Etapas de análise e aprofundamento dos dados coletados através da tematização proposto por Fontoura, 2011.

O critério para a escolha dos temas a partir da análise das narrativas dos professores colaboradores foi a aproximação entre as narrativas dos professores quando iniciantes. Alguns dos temas destacados foram recorrentes das narrativas de todos os professores. Destaco

também que as narrativas vinham ao encontro dos referenciais teóricos da pesquisa. As experiências vivenciadas e compartilhadas pelos professores durante o desenvolvimento da pesquisa cada vez mais se entrelaçavam com o que a literatura do tema me revelava.

Alguns dos temas destacados nas narrativas foram: a escolha pela profissão docente; o choque de realidade; construção das relações estabelecidas; a expectativa do que é ser professor; a acolhida e parceria da equipe escolar, dos alunos e dos pais; as experiências, os frutos da profissão docente e o recomeço na profissão.

Dos cinco colaboradores, os professores Aluan e Renato estão vivenciando a inserção e socialização profissional na escola em que a pesquisa foi desenvolvida. A professora Mariana chegou à escola no seu segundo ano do exercício da carreira docente, em 2019. A professora Ana Lúcia também foi acolhida nessa escola no seu segundo ano de profissão docente, há mais de 10 anos. A professora Michele vivenciou a primeira fase do ciclo profissional docente numa mesma escola particular no município de São Gonçalo. De acordo com a própria Michele, ter iniciado a profissão em uma unidade de ensino particular fez com que ela vivenciasse a profissão completamente diferente do contexto da escola pública por muitos motivos, dentre eles a autonomia para lecionar, que afirma que a escola pública proporciona ao professorado.

A escola na qual a professora Michele iniciou era pequena e não possuía coordenação pedagógica, tampouco Projeto Político Pedagógico. Ela foi aprendendo a ser professora na prática cotidiana. A relação era apenas com os alunos e, segundo ela, não era tão boa assim. Afirmava que seguia os passos da dona da escola; digamos assim, se a dona da escola fazia, ela repetia com os seus alunos. Não teve apoio da equipe escolar durante esse período tão importante e único para o desenvolvimento da profissão, porque ressalta que, naquela época, não tinha isso, pelo menos na realidade que vivenciou.

Recorria às salas de professores que existiam na época em algumas papelarias de São Gonçalo para pesquisar e se aprimorar no exercício da docência. Essa era a única forma de pesquisar naquela época, já que não tinha internet e nem celular. Fazia o que era possível naquele momento para colocar em prática a sua profissão. Hoje, percebe-se uma pessoa e uma professora completamente diferente e transformada.

Apesar de toda a dificuldade que passou na escola em que iniciou aos 17 anos de idade, reconhece a importância daquele espaço e das experiências para o conhecimento de si e a aprendizagem da profissão; afinal, foi ali em que a professora Michele deu seu nó de atracção, que, de acordo com Josso (2006), consiste em estar firme durante o mau tempo e ao mesmo tempo ser possível desatá-lo facilmente quando necessário. É um porto em que ela

ancorou pela primeira vez e que propiciou reflexões acerca de si e da profissão, sendo possível atracar em outros portos. A professora Michele continua afirmando sua posição e recomeçando na profissão diariamente, principalmente pelas vivências recentes na docência.

Os professores Aluan e Renato afirmam terem sido acolhidos e acompanhados por pares e pela equipe diretiva da escola de forma geral. Segundo o professor Aluan, esse apoio fez toda a diferença até mesmo para facilitar a socialização profissional docente, porque não é só com os alunos que os professores novatos terão contato e/ou encontrar desafios.

Em sua narrativa, o principiante relata o alívio de receber ajuda inclusive na questão burocrática da profissão docente. Corroborando com professor Aluan, os professores Renato e Mariana também afirmam terem recebido esse suporte, seja em relação ao diário, seja na maneira de se comunicar com os pais e/ou responsáveis, no preenchimento de relatório e até mesmo na execução de uma tarefa, como no caso da Feira de Ciências, por exemplo.

Sobre o processo de socialização profissional docente, Tardif (2014) ressalta que se remete ao confronto inicial com a dura e complexa realidade do exercício da profissão, à desilusão e ao desencanto dos primeiros tempos de profissão e, de maneira geral, à transição da vida de estudante para a vida mais exigente de trabalho.

De acordo com Eddy (1971, apud TARDIF 2014), há uma descrição do início da carreira que se tornou “clássica” para o ensino, distinguindo três fases ou etapas nesse processo: a fase de transição do idealismo para a realidade; a segunda fase, que corresponde à iniciação no sistema normativo informal e na hierarquia das posições ocupadas na escola; a terceira fase, que está ligada à descoberta dos alunos “reais” pelos professores.

A Professora Mariana narra que seu principal alicerce para permanecer na carreira docente, após as descobertas vivenciadas por ela, em especial no seu primeiro ano em uma escola em Barra do Pirai/RJ, foi a diretora de uma das escolas em que lecionou. Salienta a importância dessa figura que se tornou uma mãe, amiga, companheira mesmo, como ela própria diz. Ressalta que se sentia esgotada e decepcionada em seu primeiro ano como professora, mas graças à acolhida e ao acompanhamento dessa diretora, teve a possibilidade de se descobrir e de persistir no ofício de professora.

Ao vivenciar o ambiente escolar da escola em que o estudo aconteceu, afirma que houve uma transformação e declara ter passado por uma mudança de um ano para o outro. A professora Mariana disse que se sentia confortável por poder compartilhar suas fragilidades na pesquisa justamente porque estava no início da carreira e porque necessitava desse espaço para verbalizar as experiências do magistério. Ainda relatou que estava feliz pela oportunidade de participar da pesquisa.

Conforme nos afirma Fontoura (2011):

As investigações qualitativas em educação têm buscado maior aproximação com os sujeitos do estudo, procurando escutá-los, e não apenas tratá-los como simples objetos de pesquisa, numa relação impessoal e fria. Devemos aprender a ouvir o sujeito que vivenciou a situação que se quer estudar, o que implica e tê-lo como um parceiro, como alguém que é ativo no estudo e que reflete sobre sua própria vida. Essa reflexão dos colaboradores, quando deixam vir à tona aspectos tão particulares, é uma das diferenças entre bons trabalhos e intenções de pesquisa que podem vir a se constituir algo de fôlego e qualidade. (FONTOURA, 2011, p.78)

Na análise das entrevistas, primeiramente, surgiu a *escolha pela profissão docente* que foi o pontapé inicial de carreira para ir à busca de algo que considerava maior. Para os professores participantes, a escolha da profissão era confusa, não sabiam muito o que queriam da vida e batia o desespero por não saber o que cursar no nível superior.

Essa escolha foi incentivada, sobretudo, por uma pessoa da família, que também era professora, pela proximidade e admiração por essa figura. O orgulho que demonstrava pela profissão fez toda a diferença para a decisão pelo magistério. Mas, em um caso específico, o professor não contou com o apoio da sua mãe, pois a mesma também era professora e sempre falou muito mal da profissão por não ter gostado da experiência de sala de aula. Já, em outro caso, o pai não considerava que ser professora seria uma boa opção. Em outro caso ainda, o incentivo veio por parte de um amigo muito próximo que conscientizou o docente a mergulhar nesse mundo do magistério, sendo possível ajudar outras pessoas através do compartilhamento dos seus saberes. Professores que passaram e marcaram a vida desses educadores também fazem parte dessa escolha pela profissão docente. De forma especial, uma das colaboradoras da pesquisa destacou a relevância de ter se espelhado em uma professora que marcou a sua vida para sempre e a fez se lançar nesta trajetória de vida e formação.

Uma das professoras relatou a origem infantil de seu amor pelo ofício de professor, quando narrou que ser professora era o seu sonho e que tinha nascido para isso, para ensinar. Por outro lado, a fala dessa professora chama atenção, porque se entende que a profissão professor é também construída ao longo do tempo.

Segundo Tardif (2014),

Quando os professores atribuem o seu saber-ensinar à sua própria “personalidade” ou à sua “arte”, parecem estar se esquecendo justamente de que a personalidade não é forçosamente “natural” ou “inata”, mas é, ao contrário, modelada ao longo do tempo por sua própria história de vida e sua socialização. Além disso, essa naturalização e essa personalização do saber profissional são tão fortes que resultam em práticas as quais, muitas vezes, reproduzem os papéis e rotinas institucionalizadas da escola. (TARDIF, 2014, p. 78)

Já o relato de outra professora é instigante, porque afirma ter escolhido outra área antes da licenciatura, pois sabia que, se entrasse para uma sala de aula, não iria querer sair mais de lá e por isso precisava experimentar outras coisas.

Sobre a temática do *choque de realidade* que se entrelaça com a *idealização de escola e de alunos*, destacamos que para todos os professores participantes da pesquisa foi uma questão que precisaram contornar. Uma das professoras ingressou na docência ainda aos 17 anos de idade, fato que a fez se deparar com situações conflitantes e de desdobramentos da profissão. E mesmo os outros quatro professores tendo ingressado com mais experiência cronológica, tais idealizações se fizeram presentes nesse ciclo.

A professora que entrou na sala de aula aos 17 anos permaneceu na mesma escola durante os cinco primeiros anos de sua carreira docente. Os autores que embasam esta pesquisa, como Huberman (2000), Tardif (2014) e André (2018), ressaltam que o ciclo de inserção profissional acontece nos três primeiros anos da profissão. Ou seja, essa professora viveu essa fase de descobertas, exploração e sobrevivência no mesmo espaço escolar. Tal vivência a fez viver *experiências* que a fizeram refletir sua prática docente e, a partir de então, foi possível a mudança na forma de pensar e de agir. A professora relata ter se transformado enquanto pessoa e profissional.

Outra professora fez sua inserção em uma escola particular na qual havia estudado por um breve período, já que logo passou para o concurso público em Barra do Piraí/RJ, assumindo duas turmas em escolas diferentes. Permaneceu em Barra do Piraí durante o seu primeiro ano letivo. Tinha uma ideia de como lecionar, mas, quando se deparou com a realidade, foi como que um banho de água fria, porque percebeu que as coisas não funcionavam como ela imaginava. Afirma ter vivido momentos de desespero que quase a levaram a desistir da profissão docente. Relata ter recebido apoio da diretora de uma das escolas em que trabalhava. A diretora se tornou sua amiga e foi seu suporte nessa fase tão delicada do magistério.

Para uma das professoras, que fez seu processo de inserção após sair da universidade, e que já tinha uma vivência na vida adulta, mesmo assim, deparou-se com uma realidade de escola e de alunos que não era a que ela idealizava. Na verdade, a docente relata que foi uma discrepância muito grande e que, apesar do choque, não ficou desmoteada com a situação, buscando alternativas para contorná-la. Porém relata que a maior dificuldade não foi em relação à adaptação e socialização profissional, mas sim com o pensamento de educação (alfabetização) que vinha da Secretaria de Educação e que não era questionado pela equipe diretiva da escola na qual vivenciou o seu primeiro ano como professora.

Ainda mais adiante, destaco a *construção de relações e a noção do papel* enquanto professor. Tomamos como interpretação que dois professores em início de carreira entendem o seu papel enquanto docente e uma das professoras destaca que está construindo esse papel de professora. As duas docentes experientes narraram que a consciência do papel enquanto professora adveio com o passar dos anos de prática docente.

Todos os professores colaboradores estiveram em constante diálogo com o que preconiza Paulo Freire (1991), pois segundo o educador, o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; em que professor, ao passo que ensina, também aprende. Juntos, professor e estudante aprendem juntos, em um encontro democrático e afetivo, em que todos podem se expressar.

Sobre isso, Freire (1996) destaca:

É preciso que, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p.13)

Os colaboradores relataram que, para além do conteúdo, é necessário e urgente estabelecer, com os alunos, *relações*, que demandem atender às suas necessidades, que por vezes estão além do conteúdo programático. Às vezes, o que o aluno tem é a necessidade de ser ouvido em suas fragilidades, o que requer uma visão atenta do professor. O ponto primordial para uma boa relação entre professor e aluno sem dúvida é o diálogo e também o respeito, que deve ser mútuo. É uma relação que ultrapassa a função de ensinar, de dar a sua aula e ir para casa, é uma relação de confiança, de amizade. Sem interação humana não acontece a aprendizagem, e para que esta interação aconteça, faz-se necessário que o professor entenda o seu lugar na sala de aula, sobretudo no que diz respeito a ser uma figura de autoridade e não praticar autoritarismo.

Compreendemos a importância de uma formação que qualifique para exercer a função docente, mas nossos participantes sobretudo afirmam que sem estabelecer relação com os alunos não é possível ensinar. Não há educação sem interação, porque de acordo com os colaboradores da pesquisa, o (a) professor (a) pode ter todos os cursos e especializações possíveis, mas, se não gostar da profissão, não estabelecer relação com os alunos e não se identificar com o espaço da sala de aula, não é possível ensinar.

Ainda sobre a *construção das relações*, principalmente com os alunos, os professores parceiros da pesquisa consideram ser esse um dos processos mais importantes para que aconteça o desenvolvimento educacional.

Os professores que estão vivendo o início da carreira relataram que recorrem a conversas motivacionais para constituir momentos de conscientização do papel deles enquanto alunos, atores importantes no processo de aprendizagem, para que o momento da aula seja mais aproveitado por eles, já que consideram o incentivo um aspecto indispensável para alcançar de alguma forma os (as) aluno (as). Uma das professoras que estão relembrando o início na profissão docente destacou que, naquela época, a única relação estabelecida era com os alunos e mesmo assim uma relação hierarquizada; professora como detentora do saber e que estava naquele ambiente apenas para transferir o conteúdo e cumprir o planejamento. Outra professora que está recordando seu processo de inserção docente conta que no primeiro ano foi preciso criar um laço de confiança com seus alunos, concebendo, assim, uma relação de colaboração entre eles. Em certo momento desse processo, a relação estabelecida ficou ainda mais íntima, pois, no início da carreira, foi professora de educação infantil estabelecendo uma relação bastante afetiva com as crianças.

A expectativa do que é ser um bom professor está ligada com o modelo de representação docente que a sociedade construiu culturalmente. Cabe aos professores se descobrirem na profissão e afirmarem a posição docente. A professora Michele, que está relembrando o início da docência, acreditava que ser boa professora representava dar muito conteúdo e encher o caderno dos seus alunos. Mas, com o passar do tempo, e com as experiências vividas, ela entendeu que não é a quantidade de dever que faz um bom professor, mas a percepção da questão social do aluno, entendendo que o aluno também fala de um lugar, de realidades e experiências múltiplas, mesmo que ainda não identifique as vivências como experiências.

Tal postura significa convidar o aluno a se sentir pertencente naquele momento e naquele ambiente escolar, para que haja a interação e seja possível a participação e o desenvolvimento do aluno. A professora relata que é um processo mesmo e que se dá com o passar dos anos e das experiências, o que permite entender o aluno nos mínimos gestos e olhares.

A questão de ser um bom professor também está ligada a reproduzir uma professora inesquecível que teve em alguma fase do percurso de formação, espelhar-se e querer ser igual a ela ou em outros casos não querer repetir os professores que teve em seu percurso de formação ou com os quais teve contato.

Entender que o (a) professor (a) não pode se enquadrar numa caixinha de teoria e apenas reproduzi-la sem reflexão não faz com que alcance um resultado positivo. Perceber que seu aluno é um ser inacabado, como Freire (1996) ressalta, e que o mesmo ainda não alcançou as habilidades e os conhecimentos estipulados para determinada fase não significa que ele não pode avançar, ou seja, a professora compreendeu que o conhecimento dos seus alunos não é estanque, mas sim um processo que vai sendo desenvolvido durante o percurso de formação.

De acordo com as narrativas dos professores que estão principiantes, ser um bom professor significa fazer a diferença de forma positiva na vida do aluno. É marcar a vida nem que seja de um aluno e ser inspiração para ele, e lá na frente colher os frutos deste plantio. Os professores em início de carreira relatam que já estão percebendo os frutos que semearam com seus alunos, seja na mudança de comportamento dos alunos após criar relação por meio da empatia e do diálogo, seja pelo reconhecimento dos alunos em determinadas atividades que marcaram o ano letivo, como a trilha, a roda de capoeira, o festival de pipa, a feira de ciências.

Inclusive, um dos professores colaboradores da pesquisa me pediu as gravações das rodas de conversas, pois disse que quer se ouvir daqui a um tempo para saber o que pensava nessa fase inicial da profissão, o que demonstra a importância da pesquisa, uma vez que o professor se disponibiliza a refletir sobre a sua prática e o que o próprio pensa a respeito da mesma.

Já as professoras experientes, que revisitaram suas experiências de inserção profissional docente, narraram que perceberam que ser uma boa professora é ser aquela que inspira, e que já colheram muitos frutos da profissão docente. A professora Ana Lúcia conta que percebe os frutos quando encontra na mesma escola alunos que passaram pela sua vida profissional durante a educação infantil e que continuam trilhando um caminho de crescimento educacional e pessoal. Ressalta também que ao encontrar adultos em formação que foram seus alunos em alguma etapa do processo tem a sensação de dever cumprido.

A professora Michele, que também partilha conosco as memórias do início da carreira docente, narra a alegria de ter conhecimento do sucesso de alunos que passaram pelas suas salas de aula. Relata que alguns alunos postaram no Facebook<sup>18</sup> sobre suas aulas de Matemática, que os incentivaram a seguir carreira de engenheiro, já que possui ligação direta com a disciplina, ou mesmo de alunos que seguiram outras profissões. Para ela, esses

---

<sup>18</sup> O Facebook é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias.

acontecimentos são conquistas graças à profissão professora e à transformação que as experiências lhe proporcionaram alcançar. A professora Michele narra com orgulho e emoção os frutos colhidos após 25 anos de profissão docente.

A indisciplina dos alunos foi recorrente na fala dos cinco professores. Caracterizam como um dos maiores obstáculos em sala de aula, principalmente pela dificuldade em impor limites aos alunos. Sabem que precisam encontrar o ponto de equilíbrio entre autoridade e autoritarismo e buscam no exercício da docência esse equilíbrio, porque estão a todo o momento tateando, e, por muitas vezes, é tentativa e erro.

Os professores que vivem o início da docência relatam que recebem apoio da equipe quando se trata da indisciplina escolar, mas que na maioria das vezes buscam o diálogo com os alunos antes de haver a intervenção de outras pessoas competentes nessa ocasião. Sobre essa questão, as professoras que estão recordando seus processos de inserção profissional afirmam que os tempos mudaram, que o contexto é outro e por isso a indisciplina se faz tão presente na sala de aula.

Estamos vivendo no mundo das novas tecnologias digitais, o que é positivo, mas que também pode ser perigoso, se não soubermos utilizar tais ferramentas. As crianças chegam com muita informação na escola e o (a) professor (a) necessita transformar tal informação em formação, isso tem sido um desafio constante para os professores em questão.

A acolhida e o apoio dos pares, da equipe diretiva, dos alunos e da própria comunidade foram destaque nas narrativas dos professores de forma geral. Autores como Nóvoa (2006), Andé (2018) e Fontoura (2019) concordam, ao afirmar que a primeira fase da carreira docente é muito importante, portanto requer esse suporte não só profissional e metodológico, mas também emocional, que os colaboradores da pesquisa afirmaram terem recebido para se sentir pertencente ao ambiente de trabalho e caminhar dia após dia na descoberta da profissão.

Outro tema que evidencio são as relações, de forma geral, com a escola, com os pares, com a comunidade, mas de forma particular e especial a relação professor-aluno. A construção dessa relação, que podemos chamar de parceria, não acontece de um dia para o outro, é um processo no qual todos os envolvidos necessitam estar abertos e disponíveis para que a relação seja a mais favorável possível para um ambiente frutífero.

Algumas relações demoraram a acontecer, porque, além das relações interpessoais, houve a necessidade de estabelecer relações com a escola, ambiente no qual o professor aprende a ser professor. Esse processo de adaptação e socialização profissional docente leva um tempo, um pouco mais para algumas pessoas, um pouco menos para outras. Autores como

Tardif (2014) e Costa e Fontoura (2015) ratificam que esse processo de inserção remete ao enfrentamento inicial com a realidade cotidiana da profissão, o que significa o rito de passagem, a transição de aluno para professor, a iniciação e interiorização do sistema normativo e hierárquico das posições ocupadas na escola e a descoberta dos alunos reais pelos professores. Essa caminhada também compreende a aprendizagem do ofício de ensinar e, por transcorrer no ambiente escolar, favorece o progresso das competências profissionais.

Podemos interpretar que a relação construída com os alunos está conectada à temática dos frutos que desejam colher e/ou dos frutos que já foram colhidos na profissão, porque, se o professor não conseguir estabelecer uma relação dialógica com os alunos, não é possível alcançar o (a) aluno (a) em sua globalidade.

Desta maneira, construo um elo com a temática levantada por todos os cinco professores colaboradores da pesquisa, quando se questionam e refletem o que é ser um bom professor. Ser um (a) bom professor (a) é subjetivo de cada sujeito que exerce a profissão docente assim como ser um bom aluno. Convêm tantas características dentro da expressão “ser um (a) bom professor (a)”, porque cada professor (a) irá alcançar a sua maneira e ao seu entendimento a meta de ser um bom professor. Para Marcelo (2009), ser um bom professor pressupõe um longo processo. Os candidatos que chegam às instituições de formação inicial de professores não são recipientes vazios. Sobre essa afirmação, Fontoura (2011, 2019) afirma que os professores não são “vasos vazios”, possuem bagagem de conhecimento e convicções e crenças, quando chegam aos espaços formativos, que condicionam seus comportamentos e movimentos e, se conseguirem se abrir à interação com outros, podem enriquecer suas práticas e saberes e colaborar no enriquecimento das práticas e teorias dos seus pares.

O que está em jogo é fazer algo na vida do aluno que esse jamais esquecerá, é tocar o aluno de uma maneira singular que será impossível esquecer o (a) professor (a). É necessário que o (a) professor (a) compreenda que o seu papel é de suma importância na vida dos alunos, porque assim como este professor se inspirou em algum professor que passou pela sua vida, da mesma forma poderá ser inspiração para os alunos com os quais se encontrar.

Ser um (a) bom professor (a) faz parte de um movimento de descoberta de si e do outro, faz parte do processo de construção de identidades, que é individual, mas que alcança a dimensão coletiva, porque o professor também é responsável pelos outros que estão à sua volta, como nos alerta Josso (2010).

Por isso também se faz imprescindível que a prática do professor contemple o discurso, pois como nos diz Freire (1996), de nada adianta o discurso competente, se a ação

pedagógica é impermeável a mudanças. Para alcançar essa postura de mudanças é preciso se abrir a reflexão da própria prática pedagógica e de si.

Ao tomar a consciência de si e do outro, o professor é capaz de agir criticamente e construir caminhos outros de acordo com os seus princípios e ideais. Por isso destaco a potencialidade do professor que se compreende no eu-plural do sujeito-ator, como menciona Josso (2010), na medida em que é capaz de reinventar a prática docente que tem como cerne o favorecimento do processo de desenvolvimento profissional do professor.

Outro assunto que requer a nossa atenção está relacionado ao período do estágio nos cursos de licenciatura, pois uma das colaboradoras “se encontrou” e começou a se ver professora durante a prática de estágio no Colégio Pedro II. Os estudos voltados ao tema da formação de professores demonstram que a disciplina de estágio é ofertada praticamente no final dos cursos de licenciatura, quando na verdade deveria ser integrado ao início da formação para que a separação que se perpetua entre teoria e prática possa ser desfeita. Fontoura (2011) corrobora com a questão, quando afirma que no processo educativo, teoria e prática se associam e que educação é sempre prática intencionada pela teoria.

Não significa dizer que a teoria não tem importância para a função docente, mas sim que ela também pode ser construída na prática da sala de aula. Os professores participantes da pesquisa demonstraram que optam por não se enquadrarem em determinada abordagem teórica, quando utilizam caminhos que se entrelaçam para alcançarem os objetivos propostos.

Quando falamos sobre o que fazemos ou o que pensamos, falamos de um lugar, e pensar no magistério como uma profissão escolhida desde a infância e que tal escolha se perpetuou é pensar no reconhecimento da carreira docente como principal e não como falta de opção. Ainda falta o reconhecimento da sociedade no que tange à relevância da função docente para o corpo social. Enaltecer a profissão docente apesar de todas as peculiaridades que sabemos existir é firmar e afirmar a posição professor (a) na cotidiana arte de ensinar. Goodson (2012) evidencia que ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, “a vida”, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho.

Comprendemos que a identidade do (a) professor (a) é construída ao longo do processo de desenvolvimento profissional docente. Desta forma, entendemos que se trata de um ciclo no qual o (a) professor (a) cria deslocamentos ao ponto de compreender o seu papel na sala de aula e na escola. Tomar consciência de que, ao ocupar o espaço da sala de aula, o (a) professor (a) tem a possibilidade de colaborar com a construção de uma sociedade mais justa, solidária, democrática, perpassa o pensamento de Freire (1997) que declara que educar

é um ato político, portanto, a educação não é transferência de saberes, mas uma construção entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Sobre identidade profissional docente, Marcelo (2009) evidencia que:

A identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do seu *eu* profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos, que “integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional. (MARCELO, 2009, p.11)

Mesmo que a decisão por lecionar não venha a ocorrer na infância, o que importa é assumir a posição docente num movimento de disponibilidade para ensinar e aprender. Um dos professores já atuava na educação, mas no nível superior, quando se deu conta de que o lugar que deveria ocupar era a Educação Básica, período particular de transições importantes na vida dos alunos e conseqüentemente na forma de ser no mundo. Ser professor é agir para além dos muros da escola, é aí que se encontra um dos maiores desafios da educação.

Nóvoa (2006) relata que a formação é algo que pertence ao próprio sujeito e se inscreve num processo de ser (nossas vidas e experiências, nosso passado) e num processo de ir sendo (nossos projetos, nossa ideia de futuro). Diante do exposto, foi possível descortinar a formação de cinco professores da Educação Básica do Município de Maricá por meio das narrativas nas quais estiveram presentes os três tempos cronológicos. Os professores narraram, no presente, um percurso de vida e de formação que já aconteceu (passado) entrelaçando com as expectativas do que alcançarão (futuro).

Ao concluir este capítulo, reafirmamos que o sujeito está em permanente formação numa dialogicidade com o outro e com o mundo que o cerca. Em seguida, partilharei as principais contribuições da pesquisa com o objetivo de trazer uma reflexão-ação no que concerne ao tema abordado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender, através das narrativas dos professores quando iniciantes, o que permeia o processo de transição de estudante para professor e a relação que fazem entre os conhecimentos construídos na formação e os conhecimentos que identificam como necessários para o desenvolvimento profissional, ou seja, o que os educadores constroem em suas práticas docentes a partir dos saberes apreendidos e das experiências vividas.

Um dos pontos de relevância é a ideia de que há uma relação afetiva entre as narrativas e a formação docente, na medida em que as histórias de vida e formação refletem na atuação pedagógica e como essa atuação repercute no espaço escolar e afeta todos os sujeitos envolvidos no processo. Desenvolver a pesquisa com os professores iniciantes e experientes através de suas narrativas possibilitou entender o processo de formação vivido e percebido, e como esse reflete no período de inserção e socialização profissional.

Narrar vai além de contar uma história, narrar a própria história de vida e de formação significa ultrapassar o espaço individual e alcançar a dimensão coletiva. Narrar significa partir da experiência de si para mobilizar a construção do conhecimento. Narrar é característica essencial do ser humano.

Em vista disso, apresentei, com a pesquisa, um caminho investigativo sobre a situação dos professores iniciantes e experientes da Educação Básica de uma escola municipal de Maricá, RJ. A escola escolhida compõe meu percurso formativo, pois percorri alguns caminhos nessa escola durante 12 anos e entendi que seria uma oportunidade de agradecer e retribuir tudo o que esta escola me proporcionou.

Nesse processo, fui recebida primeiramente pela Orientadora Pedagógica que analisou as fichas dos professores e me ajudou no levantamento dos professores que estavam vivenciando o início da docência e prontamente me disponibilizou os dias e horários para encontrá-los. A própria orientadora afirmou ser interessante o tema e que não tinha ouvido falar sobre o assunto.

Por isso, espera-se que este estudo possa colaborar com as reflexões sobre a relevância das narrativas e suas experiências, entrelaçando a formação e a prática docente. Além disso, a pesquisa busca desvelar a importância do suporte aos professores iniciantes, tanto no campo de quem pensa as políticas públicas (macropolíticas) quanto no campo de quem as colocam em prática na escola, como a equipe gestora e os professores (micropolíticas).

O apoio e o incentivo direcionados aos professores iniciantes carece de ser ofertado não apenas no momento de entrada no ambiente de trabalho, mas ao longo da caminhada e descoberta da profissão. Desse modo, é indispensável a criação e manutenção de programas voltados ao acolhimento, acompanhamento e desenvolvimento dos principiantes.

Podemos destacar que a ação do professor afeta diretamente os alunos. Por esse motivo é imprescindível que a ação do docente converse com seu discurso. Sabemos que é essencial que o professor possua formação qualificada para lecionar, mas necessitamos ainda entender que, por mais cursos e especializações que possa adquirir, o educador precisa exercitar a humanidade, a sensibilidade e se deixar ser afetado pelo(s) outro(s).

Os professores colaboradores da pesquisa corroboram quando afirmam que ser professor requer, além de formação qualificada, o exercício da empatia e da humanidade. Quando declaram que ser professor se dá no dia a dia da escola, em parceria não só com seus pares, mas com seus alunos que lhes ensinam diariamente e quando se colocam dispostos ao diálogo com os educandos, percebendo que são seres individuais e possuem inúmeras perspectivas de vida, os professores concretizam através de atos o que enunciam. Reconhecem ainda a importância de um planejamento que possibilite alcançar as habilidades desejadas, mas sem esquecer do aluno enquanto agente ativo do conhecimento.

Entender que a escola possui uma dimensão social e coletiva traz resultados positivos no processo ensino aprendizagem, pois ao reconhecer que o aluno não é um ser vazio e traz consigo o sonho de educação, por vezes da sua família, e trabalhar de forma a desenvolver suas múltiplas habilidades e saber que esse indivíduo está inserido em um determinado contexto social, econômico e cultural, pode ser o diferencial para se alcançar o sucesso escolar. Sobre essa questão, as narrativas dos professores me possibilitaram perceber que desenvolvem a profissão em parceria com seus alunos, na medida em que se deixa afetar pelo aluno além da sala de aula, quando se dão conta dos problemas e dificuldades que alguns vivem em suas casas, em suas famílias e buscam estratégias possíveis para ajudar. O que algumas vezes foi interpretado como indisciplina ou falta de interesse, na verdade se descobriu que poderiam ser fatores externos que influenciavam determinadas atitudes dentro de sala de aula. Com a parceria estabelecida e com a abertura de ambos os lados foi possível buscar compreensão e ajuda.

Como vimos nos depoimentos, o fazer-se professor se dá ao longo da caminhada da vida, nos processos de desdobramento da formação e durante a prática docente, o que significa dizer que o professor vai aprendendo a profissão a cada dia e que ele continua e continuará se compondo professor à medida que as experiências vividas no cotidiano ato de

ensinar vão lhe atravessando e causando os deslocamentos necessários à sua atuação docente através do movimento de reflexão e transformação.

As narrativas também nos mostraram que a fase inicial da docência foi como que um ensaio que permitiu exercer o ofício docente; assim, a pesquisa mostrou que a etapa inicial da carreira docente é tentativa e erro, mas também tentativa e acerto. É indispensável ter a consciência que nem sempre seremos capazes de dar conta de tudo, mas que podemos buscar outras maneiras de fazer o que não deu certo e/ou não saiu como planejamos, conforme relato dos professores colaboradores. Ora, se uma das características do início da carreira docente é o tatear na profissão, de acordo com a narrativa dos professores, é oportuno que as condições de exploração desse período sejam favoráveis aos professores principiantes para que os mesmos possam, num movimento de evolução, se transformar nos protagonistas desse processo, em diálogo com os mais experientes.

O que ainda se faz necessário entender e difundir é que a primeira etapa da carreira docente se difere da formação inicial e da formação continuada e que é necessário perceber o (a) professor (a) além do sujeito de conhecimento, sujeito de vida. Tal percepção justifica-se pelo fato de não ter como separar o ser professor do ser humano, pois ambos se complementam. Quando o professor exerce sua função docente, ele está arraigado de suas concepções pessoais, religiosas, políticas, culturais e econômicas. Todos esses aspectos compõem o ser professor e sua prática docente. Isso posto, é primordial que se compreenda o professor para além da sala de aula, em uma completude de características, posições e inserções.

Há que se enxergar o professor como gente que possui sentimentos, que ri e chora, que aprende e erra e que não deve ser caracterizado apenas pelo seu saber teórico adquirido no final de um processo, mas por seu percurso de vida e pelo que apreendeu nesse movimento. Isso significa dizer que se faz necessário compreender o desenvolvimento do professor e do currículo e que, para compor esse último de modo apropriado, necessitamos saber mais sobre a as prioridades dos professores, enfim, precisamos saber muito mais sobre a vida dos professores, como nos orienta Goodson (2012).

Foi possível observar que, durante o período inicial do magistério, faz-se presente a habilidade de improvisação dos professores novatos, mas é importante ressaltar que improvisar não significa não planejar a aula, porque o planejamento é peça fundamental que compõe o fazer docente. Em conformidade com a temática, é necessário que conhecer o que vamos ensinar e saibamos organizar esses conteúdos, daí a importância de um trabalho com uma didática significada, contextualizada e refletida, conforme apontado por Fontoura (2019).

Notamos, ainda, que os professores participantes da pesquisa buscam a construção de pontes em vez de muros entre eles, os alunos, a equipe escolar e a comunidade, quando os professores novatos e experientes se preocupam com os discentes a ponto de compreenderem que o que importa não é apenas o conteúdo apreendido pelos alunos, ou seja, o resultado final, mas sim, e também, o processo. Ao manifestarem a sensibilidade de vislumbrar a pessoa (o eu do aluno), a aprendizagem tem chances de acontecer de forma mais fluida e consistente.

Os docentes empenham-se também em perceber os alunos como sujeitos inseridos socialmente, culturalmente, espiritualmente; o aluno é um ser de conhecimento e de sonhos, portanto ensinar é um ato criador, um ato crítico, não mecânico, como nos lembra Freire (1997). Essa peculiaridade tem muito a dizer destes professores, especialmente no que tange ao entendimento de humanidade e que para ensinar é necessário que haja afetividade. Dialogo com Freire (1996) que nos declara que a competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas, evidenciando a humanidade e amorosidade no sentido de responsabilidade nas relações estabelecidas com outros sujeitos que também são atores de conhecimento.

Foi possível interpretar que o processo de ensino aprendizagem desenvolvido pelos professores colaboradores da pesquisa acontece de forma afetiva, considerado por Pierro (2016) como elemento central de qualquer processo de aprendizagem, uma vez que não é possível aprender sem a passagem do desconhecido para o conhecido, o que implica um suporte afetivo, de uma rede de afetos.

Espera-se que, através das narrativas dos professores em seus processos de inserção e socialização profissional, os mesmos possam ter a liberdade de partilhar as experiências dos percursos para tornar visível essa fase tão importante na carreira docente e, se possível, contribuir para a formação de outros professores principiantes, o que expressa a dimensão coletiva e social das narrativas.

Durante a realização da pesquisa, constatamos que nessa escola não há execução de programas institucionais voltados para esse período tão singular da carreira docente, mas há mobilização por parte da equipe gestora e de professores que compõem o corpo docente da escola que visam a favorecer a chegada dos principiantes na escola. Assim, destacamos que a escola teve um papel fundamental na inserção profissional destes professores. A escola de forma geral, a sua equipe pedagógica, sua equipe diretiva, o diálogo com os pares e a acolhida da comunidade escolar. É uma escola de bairro, tem essa questão, é uma escola que está no coração do bairro, é uma escola de tradição. Frisamos ainda que esta escola pode

potencializar a acolhida dos professores iniciantes criando momentos de diálogos e reflexões com os professores de forma a escutar e criar estratégias de colaboração, visto que uma das professoras colaboradoras se mostrou entusiasmada e mencionou inclusive o desejo de participar de grupo de estudos voltados ao tema da pesquisa.

Apontamos a importância de implantação e implementação de programas desenvolvidos pelos gestores das políticas públicas para o acolhimento e acompanhamento dos professores novatos, sobretudo percebemos a relevância da escola enquanto espaço formativo, porque o (a) educador (a) também se forma na escola no exercício diário da sua prática docente. Ademais, proclamamos a relevância em fortalecer uma educação de valorização de professores reflexivos, para que esses possam exercitar a liberdade e competência de criação em sua profissão.

Por isso, compreendemos que é necessário que decorra um trabalho, em parceria, por parte de gestores de políticas públicas, responsáveis por desenvolverem programas que sejam delineados especialmente para essa etapa de inserção e socialização profissional dos professores iniciantes, momento que diferencia de formação inicial e continuada, pelas suas particularidades. Desse modo, a administração pública educacional tem potencial para congregar esforços para criar redes de colaboração entre as escolas do município com o propósito de encontrar estes professores iniciantes da Educação Básica e colaborar com o fazer docente.

Há programas que possibilitam e incentivam a colaboração entre Universidade e Escola Básica, para que dessa maneira seja possível diminuir a distância entre os professores que estão iniciando a docência e o ambiente ao qual estão pertencendo e tudo mais que implica neste contexto. Salientamos que o PIBID tem impulsionado a aproximação dos licenciandos com o ambiente escolar, demonstrado assim que como um programa institucional tem atuado de forma a beneficiar a formação dos futuros professores da educação básica, assim como o PIBIC que tem incentivado a formação de professores-pesquisadores na graduação.

Constatamos também que, para os professores novatos sentirem-se mais à vontade e seguros da sua profissão, faz-se vital um ambiente escolar acolhedor por parte de todos os envolvidos nesse processo, seja equipe diretiva, alunos, comunidade escolar, corpo docente e demais funcionários que compõem a unidade escolar.

Foi observado que a primeira fase da carreira docente é marcada por dificuldades, mas podemos afirmar também que tal período pode se revelar uma possibilidade de criação, de fazeres outros na profissão, com o desejo de colocar em prática uma educação emancipatória,

democrática, humanizada e transformadora. Pensar e agir para uma educação que rompa os limites dos muros da escola e que assim seja possível construir uma sociedade mais justa e igualitária.

A vida é feita de escolhas e não é diferente na profissão professor. O professor tem o poder em sua voz, em suas mãos, em seus gestos, por isso pode escolher qual formação vai fundamentar suas práticas em sala de aula: cooperação ou competição, saberes significativos ou memorizados, se vai incentivar sonhos ou desestimulá-los; algumas das dicotomias que buscamos superar a partir das reflexões propostas pela presente investigação. Por isso faz-se essencial que o professor tenha consciência e assuma seu papel enquanto agente transformador, narrador e sujeito de sua história pessoal e profissional.

Quando emergiram minhas inquietações ainda no início do exercício da docência, não imaginei que tal ciclo da profissão docente fosse um campo aberto à pesquisa. Às vezes refletia se todos os professores viviam as mesmas indagações. Durante a composição da pesquisa, comecei a compreender mais o que vivenciei no meu primeiro ano como professora. Através da busca pelo conhecimento, do estudo do tema e da pesquisa-formação, que tem como cerne a experiência do sujeito e essas transformações que Josso (2010) traz vivenciei recordações-referências e experiências formadoras.

Nesta pesquisa-formação, na qual participei como mestranda-professora iniciante-pesquisadora-narradora, destaco o deslocamento que gerou o conhecimento de mim, minha transformação enquanto pessoa, sujeito de vida e de conhecimento. Aprendi a assumir o meu lugar como pesquisadora e ocupar esse lugar na universidade pública, lugar que é meu. Foi um caminhar para mim que me permitiu caminhar para o outro e para o mundo. Descobri-me enquanto pessoa, pesquisadora, professora.

Evidencio que foi possível compreender que nós professores da Educação Básica que estamos no cotidiano da sala de aula construímos teoria através das nossas práticas docentes. Encontrar esse lugar e afirmar essa posição é possível, mediante vários movimentos de reflexões críticas sobre a nossa prática, sobre o nosso fazer docente, sobre as experiências que nos transformam e que nos causam uma ação transformadora.

A pesquisa contemplou o comprometimento com a vida, a vida da pesquisadora, a vida dos professores colaboradores com a percepção de um movimento de reflexão e transformação.

Este estudo potencializou os processos autoformativos de todos os envolvidos sendo possível produzir implicações que fortaleceram o desenvolvimento pessoal e profissional, assim como revelou um aspecto fundamental para o desenvolvimento da profissão docente, o

apoio dos pares. Foi possível perceber a consciência do papel que os professores desempenham na escola, agentes de transformação. Com a presente pesquisa espero contribuir com a ampliação de possibilidade dos estudos sobre o ingresso e permanência na profissão docente em virtude de ser este um estágio muito importante na consolidação da carreira do magistério. Pretende-se igualmente evidenciar as conversas possíveis entre teoria-prática-teoria, rompendo com a dicotomia.

Afirmamos a beleza da narrativa como peculiaridade da construção e reconstrução da humanidade. As narrativas dos professores colaboradores revelaram o que é essencial em seus processos biográficos, epistêmicos e profissionais, a construção de relações humanizadas.

Concluo esta dissertação dedicando uma carta aos professores iniciantes da Educação Básica.

### **Carta aos professores iniciantes da Educação Básica**

*Maricá, 09 de junho de 2021.*

*Queridos (as) professores (as) iniciantes da Educação Básica,*

*Escrevo-lhes esta carta para partilhar minhas experiências de um período que considero muito importante para a construção da profissão docente e para minha identidade profissional.*

*As experiências formadoras dos processos de inserção e socialização profissional docente me propiciaram viver o magistério de maneira singular. As vivências cotidianas do meu primeiro ano como professora ficaram marcadas na minha memória e no meu coração.*

*Assim, gostaria de deixar escrita esta carta para que pudesse alcançar vocês que estão vivenciando o início da profissão docente. Sinto-me à vontade para escrever porque falo deste lugar ao qual pertenço como professora iniciante.*

*Em agosto de 2017 realizei meu sonho em me formar professora pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Em janeiro de 2018 comecei a exercer a profissão docente em uma creche escola particular na cidade em que resido, Maricá.*

*Os processos seletivos também foram desafiadores para uma professora recém-formada que almejava receber a oportunidade de iniciar a docência. Fui entrevistada pela minha então diretora Lourdes e além de comprovar a formação através de documentos foi necessário responder uma série de perguntas na entrevista.*

*Eu queria muito começar a habitar o território escolar para lecionar, mas não esperava que logo de início fosse professora regente de duas turmas multisseriadas com crianças de idades variadas (três, quatro e cinco anos). Este foi um dos maiores desafios que encontrei neste estágio da carreira docente.*

*O que posso contar desta situação é que com o decorrer dos dias fui compreendendo que cada criança é um ser único e mesmo que eu estivesse com crianças da mesma idade em cada turma eu precisaria desenvolver práticas que pudessem alcançá-las de forma individual. Então iniciei um processo de reconhecimento de cada criança de forma que eu pudesse primeiramente criar uma relação. Relação de afeto sim, mas também de confiança, afinal para algumas crianças eu era a primeira professora da vida delas.*

*Ser a primeira professora na vida de algumas crianças representou mais uma responsabilidade. Como eu gostaria que eles se lembrassem de mim além da sala de aula e da escola. Eu queria ser uma boa professora para minhas crianças. Queria ter um lugar em seus corações. Queria ser para eles o que muitos professores representaram e representam na minha vida até hoje, inspiração.*

*Este período inicial da profissão docente não precisa ser traumático para vocês professores iniciantes, digo isso porque para mim não foi, muito pelo contrário, eu vivenciei momentos lindos, mágicos. Certa vez me vesti de fada para apresentar a letra F e querem saber? Durante nossa conversa as crianças me fizeram muitos pedidos como se eu realmente pudesse realizá-los. Não podia realizá-los de fato, mas os guardei em meu coração.*

*Meu primeiro ano também foi positivo porque recebi apoio muito especial da minha diretora. Ela me incentivava a criar e me orientou em questões burocráticas como preenchimento de diário e relatórios individuais das crianças. Ah! Aproveitem as reuniões de pais e responsáveis, pois são oportunidades de criar e/ou fortalecer relações com os pais e responsáveis das crianças. Ouçam o que eles têm para contar, mas também conte para eles como são as crianças, os alunos. Façam elogios e digam o que eles têm de melhor!*

*Este período vivenciado por mim como professora iniciante também foi positivo porque minhas crianças embarcaram nas minhas aventuras e participavam das minhas descobertas. Eu recebi a parceria de crianças tão pequeninas, mas que me inspiravam a reflexão de minhas práticas pedagógicas para que eu pudesse transformá-las para que eu fosse capaz de tocar a criança que eu ainda não havia conseguido alcançar.*

*Mas isso só foi possível porque me coloquei no direito de me expor mesmo com medo e refletir sobre minhas vivências a ponto de transformar a mim e minhas práticas, tornando-se assim experiências da profissão docente.*

*Ressalto que esta fase para mim foi ocasião de tentativas e erros. Vivenciei um mundo de descobertas que me permitiu superar a sobrevivência da profissão e o medo. Cometi falhas que me permitiram aprendizagem e crescimento profissional e pessoal, visto que refleti sobre elas para me deslocar a ponto de ter uma tomada de consciência e transformar minha ação mediante determinadas vivências.*

*Se o medo se fizer presente nesta fase da vida de vocês como aconteceu comigo algumas vezes, continuem mesmo assim, vão com medo, mas permitam-se explorar cada momento como quem caça tesouros que certamente irão encontrar!*

*Posso dizer que este desenvolvimento da profissão docente foi um processo no qual vivi aprendizados constantes, fiz descobertas diárias da profissão que escolhi como forma de ser e estar no mundo, me renovei e me reinventei a cada dia. Também enfrentei desafios deste início da profissão, mas que tudo valeu a pena e eu faria tudo novamente. A partir das minhas reflexões e transformações eu faria com novos olhares, novas práticas.*

*Por mais que pareça ser um período difícil e de fato para mim foi em determinados momentos, eu aprendi a ser professora também durante a prática cotidiana de sala de aula. Lembro-me dos nomes das crianças, dos rostos, das histórias que me contavam nas nossas rodas de conversa e em outras ocasiões.*

*As histórias que eles me contavam dariam para escrever um livro e as palavras que eles traziam com seus mais diversos significados certamente poderia ser transformado em um dicionário. Ouçam a voz das suas crianças e dos seus alunos. Usufruam além do que os cinco sentidos possam apresentar para vocês! Desfrutem o máximo possível desta fase que é única na profissão docente.*

*O encantamento de ser chamada de Professora Flaviane, os abraços carinhosos, a demonstração de carinho, os olhares amorosos, o cuidado que eles tinham comigo, foram compondo minha inserção profissional docente.*

*A alegria demonstrada por eles quando conseguiam realizar uma atividade ou alcançar uma habilidade que antes ainda não alcançavam é sensacional. E quando paro para pensar que fiz parte destes processos de tantas crianças eu percebo que contribuí com a formação não apenas escolar, mas com a formação para a vida.*

*Minha inserção profissional docente foi um período muito gratificante e de muito crescimento na minha profissão. Representou uma transição de saída de estudante e a entrada na profissão docente. Foi uma passagem, uma travessia. Eu me encontrei neste lugar.*

*Permitam-se ensaiar. Saíam dos bastidores e assumam o papel principal, o protagonismo na profissão docente. Perguntem, pesquisem. Sejam pesquisadores de suas práticas. Afirmem a posição professores-pesquisadores-narradores.*

*Quando ingressei no Mestrado me ausentei da sala de aula. Por agora arde em meu coração o desejo de voltar para a sala de aula, para a escola. Desejo continuar aprendendo e experienciando tudo o que nossa profissão pode me proporcionar.*

*Nós professores trabalhamos com pessoas, com vidas e estamos neste mundo para melhorar a vida do outro!*

*É imprescindível criar relações humanizadas para construir o processo de ensino-aprendizagem. E como já dizia Paulo Freire, a educação muda pessoas, pessoas transformam o mundo.*

*Precisamos de uma educação emancipatória para construir uma sociedade emancipada. Precisamos cuidar dos herdeiros do futuro sem nos perdermos do quão importante é a participação deles no presente. Os frutos da nossa profissão não têm preço!*

*Tornei-me professora, porque a vida das minhas crianças e dos meus alunos vale a pena! Finalizo esta carta declarando para vocês que ser professor (a) vale a pena! Continuem na profissão docente!*

*Com carinho,*

*Professora Flaviane Americano.*

## REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Formação de docentes e currículos para além da resistência. **Rev. Bras. Educ.** [s.l.] v. 22, e227147, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n71/1809-449X-rbedu-s1413-24782017227147.pdf>. Acesso em: 11 maio 2019.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Professores iniciantes: egressos de programas de iniciação à docência. **Rev. Bras. Educ.** [online], vol.23, e230095, 2018. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230095>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- BIOGRAFIA de Augusto Cury. **Gestão Educacional**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.biografias.inf.br/a-vida-e-obra-de-augusto-cury-tudo-sobre/>. Acesso em: 15 set. 2020.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, 312 p. ISBN: 978-85-7511-469-8. Available from: doi: 10.7476/9788575114698. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>. Acesso em 08 fev. 2021.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional. *In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). Histórias de vida e formação de professores.* Rio de Janeiro (RJ): Quartet; Faperj, 2008. p. 65-88.
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Catálogo de Teses e Dissertações**, c2016. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>. Acesso em: 22 ago. 2020.
- COSTA, LL, FONTOURA HA. Residência pedagógica: criando caminhos para o desenvolvimento profissional docente. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 9, n. 2. p. 161-177, Jul/dez, 2015. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/523/496>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada / Christine Delory-Momberger.** Tradução Carlos Galvão Braga, Maria da Conceição Passeggi, Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2012.
- FONTOURA, H.A. Desafios da pesquisa auto(biográfica) na formação de professores. *In: MONTEIRO. F.M. A; FONTOURA, H.A. (Orgs). Pesquisa, formação e docência: processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional docente em diálogo.* Cuiabá: Editora Sustentável, 2017. p. 35-48.

FONTOURA, Helena Amaral. Iniciação à docência: espaço fecundo de formação de professores. *In*: FONTOURA, H. A. (Org.) **Diálogos em formação de professores: pesquisas e práticas**. Niterói: Intertexto, 2007. p. 47-56.

FONTOURA, Helena Amaral. Meu nome é professor/a: sobre aprender a docência e identidades. **Rev. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 297-310, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/8391>. Acesso em: 15 out. 2020.

FONTOURA, Helena Amaral. **Residência pedagógica**: percursos de formação e experiências docentes na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Niterói: Intertexto, 2011, p. 11-23.

FONTOURA, Helena Amaral. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. *In*: FONTOURA, H. A. (Org.). **Formação de professores e diversidades culturais**: múltiplos olhares em pesquisa. Niterói: Intertexto, 2011, p. 61-82.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Claude Monet. **eBiografia**, c2020-2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/claude\\_monet/](https://www.ebiografia.com/claude_monet/). Acesso em: 23 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Biografia de Manoel de Barros. **eBiografia**, c2020-2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/manoel\\_de\\_barros/](https://www.ebiografia.com/manoel_de_barros/). Acesso em: 15 set. 2020;

FREIRE, Paulo. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FUKS, Rebeca. Biografia de Braulio Bessa. **eBiografia**, c2020-2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/braulio\\_bessa/](https://www.ebiografia.com/braulio_bessa/). Acesso em: 15 set. 2020.

GENTILE, Paola. Antônio Nóvoa: “professor se forma na escola”. **Nova Escola**, 2001. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonio-novoa>. Acesso em: 15 fev. 2020.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In*: NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto, 2000. p.63-78.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. **INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira**, 2020. IDEB – Resultados e Metas. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, Ago. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022006000200012>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 3 fev. 2021.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão científica Maria da Conceição Passeggi, Marie Christine Josso. 2.ed. re. e ampl. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos da Histórias de Vida)

MARCELO, Carlos. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, 08, p. 7-22, 2009. Disponível em: [http://www.unitau.br/files/arquivos/category\\_1/MARCELO\\_\\_\\_Desenvolvimento\\_Professiona\\_l\\_Docente\\_passado\\_e\\_futuro\\_1386180263.pdf](http://www.unitau.br/files/arquivos/category_1/MARCELO___Desenvolvimento_Professiona_l_Docente_passado_e_futuro_1386180263.pdf). Acesso em: 5 Ago. 2020.

MARICÁ: IDEB 2019. **QEdu**, 2019. Disponível: <https://www.qedu.org.br/cidade/2774-marica/ideb>. Acesso em: 29 jun. 2019.

MARQUES, Evelyn. 3 poemas do livro “Retrato do Artista Quando Coisa”, de Manoel de Barros. **Sonhos de letras**, 2017. Disponível em: <https://sonhosdeletras.com.br/3-poemas-do-livro-retrato-do-artista-quando-coisa-de-manoel-de-barros/>. Acesso em: 10 out. 2019.

MEMÓRIAS, Memoriais: Pesquisa e formação docente/ Maria da Conceição Passeggi, Tatyana Mabel Nobre (Org.). Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. 286p. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica Educação)

MENEZES, Jaci Maria Ferraz. Memória, autobiografia e relatos de formação: a escola, a sala de aula e o fazer docente. *In: Histórias de vida e formação de professores*. PGM 2 Salto para o futuro. MEC Boletim 01, Mar., 2007. p. 23-40.

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como professor. Afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**. [s.l.]. v.47, n.166, p.1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.

NÓVOA Antônio. Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo. **Nada substitui o bom professor**. Palestra proferida no Sindicato dos Professores de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: [http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto\\_novoa.pdf](http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf). Acesso em: 01 fev. 2020.

PREFEITURA DE MARICÁ. Bilhete único universitário. **Prefeitura de Maricá**, [s.d]. Disponível em: <https://www.marica.rj.gov.br/projeto-universitario-rio-card/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

PREFEITURA DE MARICÁ. Maricá ultrapassa meta nacional do IDEB no ensino fundamental. **Prefeitura de Maricá**, 2018. Disponível em: <https://www.marica.rj.gov.br/2018/09/06/marica-ultrapassa-meta-nacional-do-ideb-no-ensino-fundamental/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Orçamento de R\$2,5 bilhões para Maricá em 2019. **Prefeitura de Maricá**, 2018. Disponível em: <https://www.marica.rj.gov.br/2018/12/07/orcamento-de-r-25-bilhoes-para-marica-em-2019/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Passaporte: Prefeitura entrega 1241 bolsas para universitários. **Prefeitura de Maricá**, 2019. Disponível em: <https://www.marica.rj.gov.br/2019/03/27/passaporte-prefeitura-entrega-1241-bolsas-para-universitarios/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Passaporte Universitário para a Pós-Graduação. **Prefeitura de Maricá**, 2019. Disponível em: <https://www.marica.rj.gov.br/2019/11/22/passaporte-universitario-para-pos-graduacao/>. Acesso em: 04 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Prefeitura dá início das aulas do Pré-Enem Popular 2019. **Prefeitura de Maricá**, [2019]. Disponível em: <https://www.marica.rj.gov.br/2019/05/17/prefeitura-da-inicio-as-aulas-do-pre-enem-popular-2019>. Acesso em: 28 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Resultados do Programa Passaporte Universitário. **Prefeitura de Maricá**, [s.d.]. Disponível em: <https://passaporteuniversitario.marica.rj.gov.br/bolsista>. Acesso em: 25 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Royalties se transformam em escolas em Maricá. **Prefeitura de Maricá**, 2017. Disponível em: <https://www.marica.rj.gov.br/2017/09/27/royalties-se-transformam-em-escolas-em-marica/>. Acesso em: 29 jun. 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Rev. Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Rev. Roteiro**, Joaçaba, v.41, n.1, p. 67-86, jan/abr. 2016.

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. **MEC – Ministério da Educação**. Página inicial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 15 de set. 2019.

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. Disponível em: <https://www.gov.br/jbrj/pt-br/assuntos/educacao/programa-institucional-de-bolsas-de-iniciacao-cientifica-pibic>. Acesso 16 de set. 2019.

PIERRO, Gianine Maria de Souza. Às professoras e aos professores que compartilham e constroem aprendizagens. *In*: FONTOURA, H. A. (Org.) **Formação de professores, processos e práticas pedagógicas**. Niterói: Intertexto, 2016. p. 57-69.

PIERRO, Gianine Maria de Souza. Infância e escola: descortinando um universo singular. **Anais**, XII Congresso Nacional de Educação. UFPR. Curitiba/PR. 2015.

PNE – Plano Nacional da Educação. **MEC – Ministério da Educação**. Página inicial. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 jan. 2020.

POESIAS. **Recanto das Letras**, [s.d]. Página inicial. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/>. Acesso em: 1º out. 2019.

REGO, Flaviane Coutinho Neves Americano. Professoras, narrativas e experiências. 2017. 47f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

REGO, Flaviane C. N. Americano. Processos da construção da profissão docente: narrativas de professores iniciantes. *In*: Maria das Graças Chagas de Arruda Nascimento; Alexandra Garcia; Graça Regina Franco da Silva Reis; Naiara Miranda Rust; Victor Giraldo.. (Org.). **Didática(s) entre diálogos, insurgências e políticas: tensões e perspectivas na relação com a formação docente**. 1ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2020, v. 2, p. 877-883.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12, n.34, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a08v1234.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

SKLIAR, C. Conversar e conviver com os desconhecidos. *In*: FONTOURA, H. A. (Org.) **Políticas Públicas, Movimentos Sociais Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional , 2011. p.27-37.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Abordagem experiencial: Pesquisa educacional, formação e histórias de vida. *In*: **Histórias de vida e formação de professores**. PGM 1 Salto para o futuro. MEC Boletim 01, Março 2007. p. 15-22.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional** / Maurice Tardif. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

**APÊNDICE A - Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias, sendo uma do pesquisador e outra do sujeito participante da pesquisa.

A pesquisa Inserção profissional docente: narrativas de professores iniciantes e experientes da Educação Básica do Município de Maricá - RJ, pesquisadora responsável: Flaviane Coutinho Neves Americano Rego, contato: (21) 995814495; Orientadora: Professora Doutora Helena Amaral da Fontoura, contato: helenaf@uerj.br; tem como objetivo investigar e compreender as experiências que compõem a profissão professor e o tornar-se professor, durante a fase de iniciação à docência.

A sua participação na pesquisa pode consistir em diversas atividades como: entrevistas; observações em sala de aula; registros em caderno de campo realizados pelo próprio pesquisador, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o pesquisado.

As informações obtidas, através da coleta de dados, serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto e para a composição do relatório de pesquisa, resguardando sempre sua identidade. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelos telefones acima citados.

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_ (órgão), CPF \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a) \_\_\_\_\_ sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local: \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.